

A BATALHA  
DE KIFANGONDO  
NA HISTÓRIA  
DE ANGOLA



Serguei KOLOMNIN

A BATALHA  
DE KIFANGONDO  
NA HISTÓRIA  
DE ANGOLA

Prefácio

António dos Santos França “Ndlu”



COPYRIGHT: © KOLOMNIN/MAYAMBA EDITORA, 2025

Colecção  
Biblioteca da História

Título  
A Batalha de Kifangondo na História de Angola

Autor  
Serguei Kolomnin

Prefácio  
António dos Santos França “Ndalú”

Revisão linguística  
Mayamba Editora

Editor  
Arlindo Isabel

*Design*, paginação e capa  
João dos Santos

Mayamba Editora  
Rua da Liga Nacional Africana, n.º 13, Ingombota  
Município de Luanda – Angola  
Telefone (+244) 931930264 | 918 240 318 | 927 648 964 | 911 564 614 | 912 203 008  
E-mail: mayambaeditora@yahoo.com  
Site: mayambaeditora.com  
Visite a nossa página no Facebook: <https://www.facebook.com/MayambaEditora>

1.ª edição  
Luanda, Setembro de 2025

Tiragem  
1000 exemplares

Impressão e acabamento:  
xxxxxxxxx

Depósito Legal n.º 0736/2025  
ISBN: 978-989-761-560-3

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia, offset, fotografia ou por outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do editor, torna-se ilícita e passível de procedimento judicial.

Seja original! |  
DIGA NÃO À CÓPIA

# ÍNDICE

PREFÁCIO .....	9
MENSAGEM AO LEITOR ANGOLANO.....	13
INTRODUÇÃO.....	19
I – Na véspera da Independência.....	29
II – Decisão Soberana De Havana .....	45
III – “O pequeno-almoço em Caxito e o jantar em Luanda” .....	51
IV – Composição e número das tropas das partes beligerantes na véspera da batalha.....	59
V – O desenrolar da Batalha de Kifangondo.....	77
VI – Primeira etapa da batalha .....	79
VII – Quando foi destruída a ponte sobre o rio Bengo?.....	83
VIII – Segunda etapa da batalha .....	93
GALERIA DE FOTOS.....	101
IX – Reforço das partes beligerantes na véspera do combate decisivo do dia 10 de Novembro de 1975.....	125
X – Composição de forças e meios das partes na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro de 1975.....	131
XI – Bombardeamento aéreo das posições das fapla em Kifangondo: mito ou realidade? .....	135
XII – Terceira etapa da batalha .....	141

XIII – “A intervenção da artilharia reactiva salvou a capital” .....	155
XIV – Vitória do internacionalismo.....	163
ANEXOS.....	189
Anexo I.....	191
Anexo II.....	194



## PREFÁCIO

À edição angolana do livro do autor russo Serguei Kolomnin,  
*A Batalha de Kifangondo na História de Angola*



A Batalha de Kifangondo foi considerada a rainha de todas as batalhas, não por ter sido mais importante ou de maior envergadura mas sim pelo seguinte: primeiro, por ter sido travada a pouco mais de 50 quilómetros da cidade de Luanda, capital de Angola, segundo, por ter acontecido no dia 10 de Novembro de 1975, um dia antes da proclamação da Independência de Angola. A vitória na batalha permitiu que essa proclamação acontecesse.

Do ponto de vista da história militar global, a Batalha do Kifangondo é só um pequeno combate, mas de enorme resultado político para nós, pois a Angola de hoje surgiu do resultado deste confronto.

O livro do autor russo Serguei Kolomnin, *A Batalha de Kifangondo na História de Angola*, relata, com grande pormenor, o que foi esta batalha vitoriosa levada a cabo pelas tropas das FAPLA em defesa da Independência Nacional da Angola.

A obra, sem dúvida alguma, tem grande importância para conhecimento da história recente de Angola, da luta do povo pela sua liberdade, após mais de 500 anos de colonização portuguesa.

Serguei Kolomnin é veterano de Angola, da nossa segunda guerra de libertação, e é nosso amigo. Trabalhou connosco como tradutor militar soviético na FAPA/DAA durante os anos 1981-1983, quando eu exercia o cargo de Comandante deste ramo das Forças Armadas, e ele conhece bem as realidades da Angola daquele período. Vice-presidente da União Russa dos Veteranos de Angola durante mais de sete anos, fez uma investigação profunda sobre todas as forças e personalidades envolvidas, directa ou indirectamente, nesta batalha, e entrevistou vários participantes dos dois lados, obtendo, assim, factos reais e verdadeiros sobre o conflito.

Também não deixa de ser surpreendente a forma como os dados são apresentados, sendo a leitura do livro interessante e compreensível.

A história da luta do povo de Angola pela sua liberdade e independência, dirigida pela sua vanguarda, o MPLA, e executada pelo seu braço armado, as gloriosas FAPLA, fica assim mais rica com o conteúdo desse livro, sendo de grande utilidade para os estudiosos da história recente de Angola e para conhecimento das gerações futuras.

Ainda assim, ficaram por esclarecer algumas questões devido às informações contraditórias sobre a destruição da ponte do rio Bengo e sobre a quantidade dos veículos de artilharia BM-21 “Grad”.

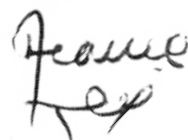
Como participante nessa batalha posso confirmar que, antes da mesma, a ponte do rio Bengo estava destruída.

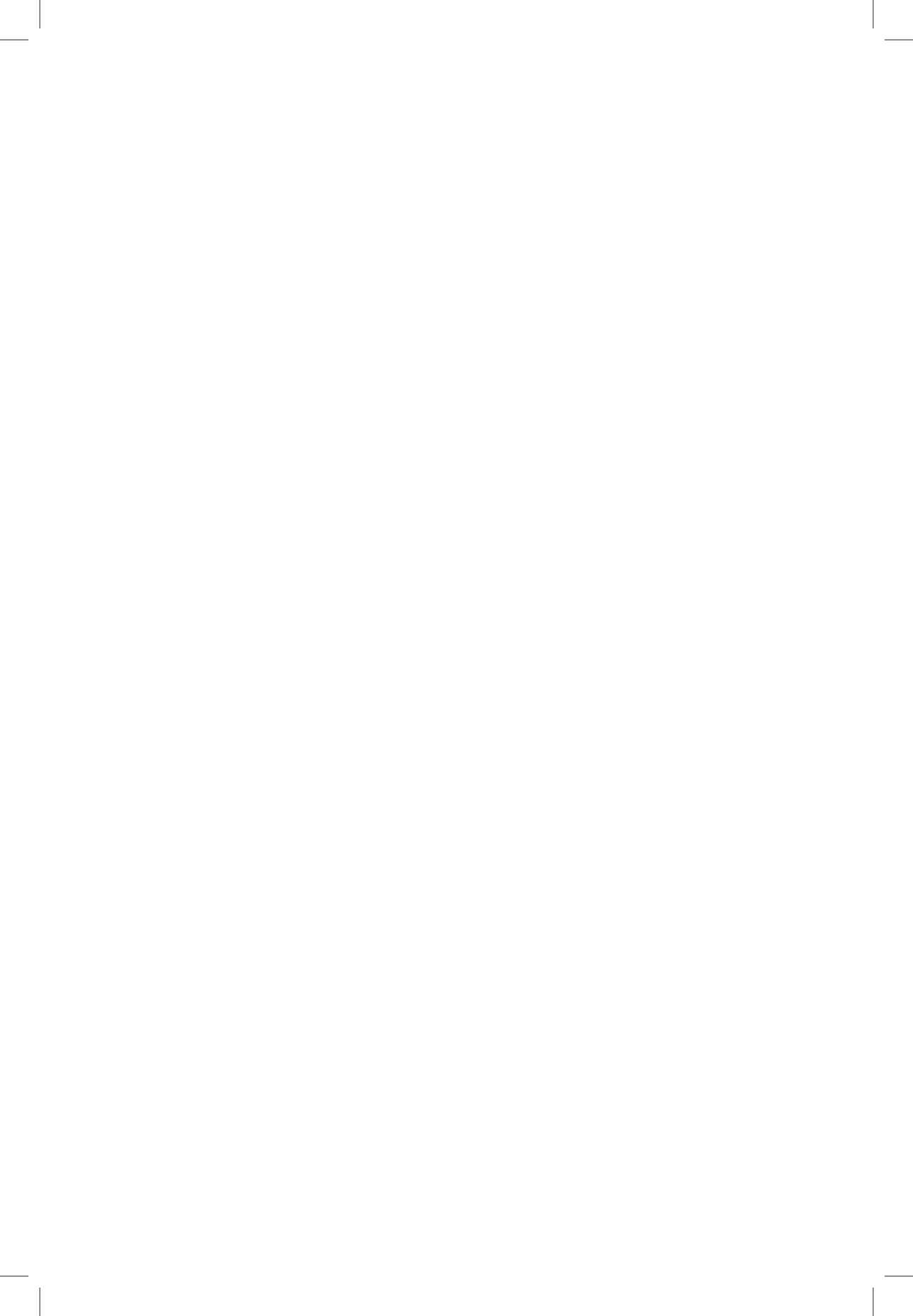
Sobre os veículos de artilharia BM-21 havia uma bateria composta por quatro viaturas, duas das quais foram levadas para a Frente Sul após a batalha.

É necessário destacar que a Batalha de Kifangondo foi o primeiro caso de emprego operacional dos veículos de artilharia BM-21 “Grad”, naquele tempo ainda secretos na URSS, não só em Angola, mas em toda a África Subsariana. Isso é um facto histórico.

É necessário sublinhar também que nesta batalha foi onde se manifestou o verdadeiro internacionalismo, com participação de tropas cubanas e soviéticas.

António dos Santos França “Ndalú”,  
general do Exército







## MENSAGEM AO LEITOR ANGOLANO

Coronel na reserva Vadim Sagatchko<sup>1</sup>



Estimado leitor,

O livro de Serguei Kolomnin, *A Batalha de Kifangondo na História de Angola*, trata de eventos dramáticos de Outubro e Novembro de 1975, quando estava a ser decidido o futuro da Angola independente. É uma obra histórica, não ideológica.

Graças à vitória nesta batalha e à derrota dos opositoristas armados da FNLA de Holden Roberto e dos invasores zairenses e sul-africanos, o MPLA soube manter o controlo da capital do país. Na noite de 11 de Novembro de 1975, em plena conformidade com

---

<sup>1</sup> Ex-assessor do comandante da Brigada de Infantaria em Angola, actual presidente da União Russa dos Veteranos de Angola.

os Acordos celebrados com a Administração Portuguesa, o presidente do MPLA, Agostinho Neto, proclamou a Independência de Angola. Esta vitória teve uma importância excepcional na história contemporânea angolana, tendo contribuído para a consolidação do poder do MPLA e, posteriormente, para a ajuda de Cuba e para os fornecimentos do material militar soviético que permitiram resistir à agressão externa da África do Sul (RSA), preservar a soberania e a independência. Hoje, apesar de uma guerra civil de muitos anos, das transformações políticas que resultaram na legalização, no início do século XXI, da FNLA e da UNITA, há mais de 50 anos que Angola é dirigido pelo MPLA.

Nesta obra, o autor, muito detalhadamente e com numerosas referências a documentos históricos originais, explana a situação geral em Angola na véspera da batalha e da proclamação da Independência, a distribuição das forças militares no norte do país, além de descrever em pormenor a primeira etapa da operação de prestação de ajuda ao MPLA por parte de Cuba, a Operação “Carlota”.

O autor apresenta provas convincentes de que a “Carlota” foi uma resposta do MPLA e de Cuba à invasão directa da RSA e do Zaire. O “soldado da fortuna” brasileiro, ex-combatente da Batalha do Kifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, disse nas suas memórias que em caso de derrota do MPLA “se o indisciplinado exército zairense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejaria pela fronteira norte, numa ocupação criminosa”. É o nosso adversário que diz isso! Mas tal desenrolar dos acontecimentos acabou impedido pelos patriotas angolanos do MPLA e combatentes internacionalistas

cubanos que contavam com o fornecimento de armas e equipamento da URSS. Foi uma Vitória do Internacionalismo!

Quero dar um especial destaque ao facto de o autor, na sua análise do decorrer e dos resultados da Batalha de Kifangondo de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, se apoia nas recordações e testemunhos de várias pessoas e fontes (FAPLA, FNLA, sul-africanos, estudos de históricos russos, angolanos, portugueses, brasileiros e norte-americanos, etc.) que representam diferentes partes do conflito armado, o que torna este estudo particularmente valioso.

A meu ver, Kolomnin é muito convincente nas suas provas de que foram as armas soviéticas que desempenharam um papel de especial importância na derrota da oposição armada aos invasores estrangeiros na batalha de Kifangondo, nomeadamente, canhões antiaéreos de quatro canos ZPU-4, veículos blindados BRDM-2, canhões ZIS-3, canhões sem recuo B-10, lançadores portáteis “Grad-1-P”, além de outras armas. Mas o papel decisivo na derrota das colunas de invasores que, no dia 10 de Novembro de 1975, avançavam em direcção a Kifangondo, tiveram as salvas potentes de quatro lançadores múltiplos (MLRS) BM-21 “Grad”, fornecidos pela URSS mesmo na véspera da batalha. Cabe dar destaque especial a este facto, visto que hoje certos historiadores e alguns veteranos do confronto opinam que as tropas da FNLA e do Zaire, integrando vários milhares de soldados (entre os quais havia experientes comandos portugueses) com apoio do material blindado e artilharia de longo alcance sul-africana, foram postas em debandada exclusivamente pelo tiro de lançadores angolanos, ou seja, de seis lançadores portáteis “Grad-1-P”.

Não há dúvida de que a bateria de seis “Grad-1-P” da 9.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria das FAPLA e outras peças de artilharia que participaram

na batalha contribuíram substancialmente para a derrota do inimigo e a vitória nos combates de Kifangondo. Porém, se compararmos e analisarmos as capacidades da bateria cubana de BM-21 “Grad” (quatro lançadores múltiplos de 40 canos cada) e da bateria angolana de “Grad-1-P” (seis lançadores de um cano), a superioridade dos BM-21 é evidente.

A bateria integrava quatro veículos de combate BM-21 “Grad”. A duração da salva de um veículo é de 120 segundos. Imaginem só o efeito da explosão praticamente simultânea de 160 foguetes! Muitos sobreviventes naquela batalha que combateram ao lado da FNLA, inclusive o próprio Holden Roberto e o seu conselheiro americano J. Stockwell, dedicam várias páginas das suas memórias àquele ataque.

Convém dizer que mesmo na imprensa soviética, onde a informação sobre os acontecimentos daquele período em Angola era bastante escassa, apareceram publicações sobre o emprego dos lançadores múltiplos na batalha de Kifangondo.

A revista *Vokrug Sveta* n.º 5 (2500), de Maio de 1982, na rubrica “Dos Países e Povos”, o artigo “Carnaval da Vitória”, do correspondente do jornal *Pravda*, Valeriy Volkov, escreve: “... o inimigo continua a avançar em formação de ataque sendo apoiado por veículos blindados tripulados por mercenários portugueses. Mal o primeiro pelotão entra na área de cobertura, soa o primeiro tiro e um veículo blindado arde. Em seguida, é destruído um outro blindado. A infantaria modera o passo e finalmente pára. Neste momento, disparam os lançadores múltiplos. O inimigo não tem nenhuma chance de se abrigar...”.

A conservação e divulgação da informação verídica sobre a ajuda soviética e cubana a Angola nos anos de 1975-1992, sobre o trabalho neste país dos assessores, especialistas e tradutores militares russos,

bem como dos combatentes internacionalistas cubanos, é uma questão de princípio e de particular importância para a União dos Veteranos de Angola na Rússia. A URSS e Cuba contribuíram seriamente para a conquista da independência por Angola em 1975, para a preservação da sua soberania e integridade territorial na década de 80 do século XX e para a sua vitória na célebre Batalha de Cuito Cuanavale em 1987-1988, que resultou na retirada das tropas sul-africanas do território de Angola e, em seguida, da Namíbia por elas ocupada e que igualmente se tornou independente. Logo depois, foi concluída a desmontagem do hediondo regime do *apartheid* na RSA. Estes eventos importantes no sul de África seriam absolutamente impossíveis sem a vitória das FAPLA em Angola e sem a ajuda prestada pela URSS e por Cuba ao MPLA. O início deste longo caminho de libertação da África Austral foi marcado pela vitória na Batalha de Kifangondo, em Novembro de 1975.

Estou convencido de que este livro contribuirá para a preservação da gloriosa história das Forças Armadas Angolanas, assim como da verdade histórica concernente à cooperação militar entre a Rússia e Angola.

Vadim Sagatchko



## INTRODUÇÃO



Na história contemporânea de Angola, a Batalha de Kifangondo (*ou Quifangondo* – nome dado a um lugar pitoresco situado no morro a poucos quilómetros a norte de Luanda, junto à foz do rio Bengo) tem uma importância especial. Foi aqui que, de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, teve lugar a célebre batalha entre as forças conjuntas do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e os combatentes internacionalistas cubanos, de um lado, e os destacamentos da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), apoiados pelas tropas regulares zairenses, sul-africanas e um contingente de mercenários estrangeiros, de outro lado<sup>2</sup>, cuja importância para a história moderna de Angola é difícil de subestimar.

O jornal oficial das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), *Njango ya Swalali*, chamou a esta batalha a “Mãe de todas as batalhas”. Considera-se que foi em Kifangondo que começou a marcha triunfal do MPLA em Angola. Graças à derrota dos invasores estrangeiros e da oposição armada das FAZ-ELP-ELNA/FNLA em Kifangondo, o MPLA soube conservar o controlo da capital do país, Luanda, na véspera da data marcada para a Proclamação da Independência de Angola. O líder do MPLA, Agostinho Neto, na

---

<sup>2</sup> FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

noite de 11 de Novembro de 1975, em nome do seu Movimento, declarou a Independência de Angola e formou o Governo unipartidário posteriormente reconhecido por quase todos os países do mundo e importantes organizações internacionais.

Apesar de os combates na região de Kifangondo, quanto à dimensão e duração, não serem tão impressionantes como, por exemplo, os da batalha de Cuito Cuanavale de 1987-1988, e o número de militares das partes beligerantes que participaram em combates não ser superior a alguns milhares de combatentes, para os angolanos, Kifangondo foi uma verdadeira batalha. “Na véspera da proclamação da independência de Angola, a pacata Kifangondo, terra de gente camponesa, conhecia a maior concentração militar de que há memória em número de tropas e equipamento e tecnologia militar. Naquele momento, Kifangondo era um palco de um conflito internacional”<sup>3</sup>, pensa o participante da batalha, hoje general das FAA da República de Angola, Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier. Para os angolanos, a palavra “batalha” tem um significado muito especial para o entendimento da importância deste evento para toda a história posterior de Angola, desde 1975 até aos nossos dias<sup>4</sup>. E não é por acaso que, no início do século XXI, é na região de Kifangondo que o Governo de Angola construiu um grandioso memorial que hoje é o principal Monumento Nacional em homenagem aos heróis da luta pela Independência de Angola.

---

<sup>3</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

<sup>4</sup> Como é sabido, apesar de uma guerra civil de muitos anos, das numerosas transformações políticas que resultaram na legalização, no início do século XXI, da FNLA e da UNITA, desde Novembro de 1975, há mais de 50 anos, Angola é dirigida pelo MPLA.

A informação que se tornou do conhecimento público sobre a participação nos combates de Kifangondo, ao lado da FNLA, das unidades militares do odioso regime do *apartheid* existente na época na RSA e dos mercenários europeus, contribuiu decisivamente para a mobilização da opinião pública mundial a favor do MPLA e, ao mesmo tempo, afectou seriamente a reputação do líder da FNLA, Álvaro Holden Roberto, no qual apostavam os EUA e outros países ocidentais. Como consequência, os dirigentes de muitos países africanos, que inicialmente censuravam a intervenção de Cuba em Angola, assumiram uma atitude mais ponderada e concordaram com os argumentos do MPLA relativos ao seu direito à ajuda militar por parte de Cuba. Portanto, a Batalha de Kifangondo, além de ser uma importante vitória militar, é uma enorme vitória política do MPLA e do seu “braço armado” — as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola).

Porém, apesar de a Batalha de Kifangondo ser considerada em Angola de “indiscutível importância histórica”<sup>5</sup>, não sendo tal opinião totalmente destituída de fundamento, até hoje existem poucas obras científicas publicadas em Angola ou no exterior que descrevam detalhadamente o seu desenrolar, a composição de forças e os meios das partes beligerantes, a importância e as consequências desta batalha. A tentativa dos jornalistas da edição militar angolana *Njango ya Swalali* e dos historiadores das FAPLA de descrever a História da Guerra no Norte de Angola em 1975-1976 e dos eventos no Kifangondo, empreendidos há mais de 30 anos, sem dúvida merece o maior respeito<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

<sup>6</sup> Nos anos 80 do século XX, o jornal das FAPLA *Njango ya Swalali* publicava regularmente as memórias dos participantes dos eventos no Kifangondo do lado do MPLA (FAPLA). [http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o\\_njango\\_ya\\_swalali](http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o_njango_ya_swalali).

No entanto, as referidas publicações continham prioritariamente o ponto de vista da parte vencedora. Ademais, na época, os jornalistas da *Njango ya Swalali* não tiveram acesso a documentos que hoje estão disponíveis graças à Internet e à desclassificação de vários materiais outrora sigilosos.

Nas fontes históricas escritas relativas à Batalha de Kifangondo que são acessíveis hoje notam-se divergências quanto ao número de forças e meios envolvidos na confrontação e ao próprio decorrer da batalha. Nas suas memórias, os participantes da batalha (tanto do lado do MPLA e dos cubanos como do lado da FNLA e dos seus aliados de então) destacam o seu papel naqueles eventos frequentemente subestimando os feitos dos adversários. Além disso, já passaram mais de 40 anos desde aqueles eventos e a memória humana não é perfeita.

Infelizmente, até hoje, a parte vencedora, as FAPLA, publicaram muito poucos testemunhos escritos sobre os acontecimentos de Outubro e Novembro de 1975 no Kifangondo. Porém, em 2010, teve lugar um evento notável: pela primeira vez na Angola Independente, por iniciativa do Ministério da Defesa Nacional em Luanda, no âmbito da Comemoração do 35.º Aniversário da Proclamação da Independência de Angola, foi realizada uma conferência científica dedicada à Batalha de Kifangondo. Nesta conferência, discursaram vários participantes da batalha do lado da FNLA e das FAPLA, assim como os historiadores especializados no estudo da Batalha, sendo posteriormente publicada a colectânea de discursos proferidos *A Batalha de Kifangondo, 1975. Factos e documentos*<sup>7</sup>. Apesar da exclusiva importância da conferência realizada, a colectânea publicada, infelizmente, a meu ver, não pode ser considerada como obra científica abrangente que engloba todos

---

<sup>7</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011.

os aspectos da batalha. Os participantes da conferência não souberam desenvolver uma abordagem profunda e completa dos acontecimentos de Outubro e Novembro de 1975, sendo isso particularmente importante para a avaliação objectiva do passado. A história, no seu sentido estrito, é a ciência que estuda as fontes, documentos e testemunhos do passado, visando estabelecer a sequência dos eventos, revelar o processo histórico, a sua objectividade e tirar conclusões sobre as causas e efeitos.

Nas intervenções dos participantes da conferência há muitas contradições sérias condicionadas, inclusive, pelo facto de que alguns deles, até hoje, se apoiam unicamente na sua memória (que, repito, está longe de ser perfeita), não citando outras fontes, nem recorrendo a referências de publicações científicas que, embora sejam pouco numerosas, todavia existem. Assim, um dos comandantes do ELNA na Batalha de Kifangondo, Tonta Afonso de Castro, na sua intervenção declarou que “quatro canhões de 90 mm sul-africanos” que chegaram para apoiar as forças da FNLA foram, alegadamente, destruídos por um avião ligeiro do MPLA e, por isso, os sul-africanos foram obrigados a abandonar o campo de batalha<sup>8</sup>. As fontes dignas de confiança comprovam que a aviação ligeira do MPLA (FAPLA) realizava voos de reconhecimento<sup>9</sup>, todavia, não podia levar a bordo bombas pesadas capazes de destruir posições de artilharia. Além disso, a maioria das testemunhas e documentos por parte da RSA confirmam que os canhões sul-africanos na batalha de Kifangondo não eram quatro<sup>10</sup>,

---

<sup>8</sup> Idem. p. 19.

<sup>9</sup> Recordações do participante na batalha, Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”. *Revista Defender*, n.º 24, 2014, p. 17.

<sup>10</sup> No livro *CLA contra Angola*, da União dos Escritores Angolanos, Luanda, J. Stockwell menciona quatro canhões da RSA. Porém, nas suas memórias, os sul-africanos referenciam três peças de artilharia.

mas sim três peças, sendo de calibre maior (de 140 mm, em vez dos 90 mm mencionados) que abandonaram intactos as suas posições de tiro somente depois do início massivo do bombardeamento das suas posições pela artilharia e BM-21. Aliás, estas não são as últimas afirmações controversas do participante naquela batalha publicadas nesta edição. Mais adiante, vamos voltar às citações da já referida colectânea.

A reconstituição daqueles eventos é ainda dificultada pela indisponibilidade dos formulários históricos das unidades das FAPLA visto que os mesmos não podiam existir nas condições do período inicial da transformação dos destacamentos guerrilheiros em unidades do exército regular. Nas suas reminiscências, muitos participantes na batalha, em vez da precisa composição numérica das tropas ou do tipo concreto do material bélico, usam frequentemente, de modo pouco correcto, os termos militares, sendo que nos documentos são mencionadas as desconhecidas “unidades blindadas”, os “batalhões de BRDM”, além de as unidades de composição numérica igual serem chamadas de “baterias”, “pelotões” ou “companhias”. Devido à ausência, naquela altura, nas FAPLA e no ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola — estrutura militar da FNLA)<sup>11</sup>, de estrutura orgânica bem definida, é frequentemente difícil estabelecer o número real de armas e pessoal envolvidos naqueles eventos.

O autor colocou para si, como objectivo, proceder a uma análise imparcial e generalizar as fontes escritas ao seu alcance, as gravações das memórias orais dos veteranos das FAPLA e dos internacionalistas cubanos com quem teve encontros em Angola e em Cuba, dos

---

<sup>11</sup> De facto, o ELNA foi uma força meramente declarativa, mal estruturada e sem órgãos de comando que na realidade eram substituídos pelos órgãos políticos da FNLA. Portanto, adiante, para a denominação do Exército de H. Roberto será usado o termo “Forças Armadas da FNLA”.

partidários da FNLA que participaram na batalha, assim como uma série de obras e estudos de históricos russos, angolanos, cubanos, portugueses, brasileiros, sul-africanos e norte-americanos, contendo referências à Batalha de Kifangondo de 1975.

Esta obra analisa, do ponto de vista histórico, baseando-se nas fontes existentes, a situação geral em Angola na véspera da batalha, apresenta a distribuição das forças políticas e militares no norte de Angola na véspera da proclamação da Independência, descreve o decorrer da batalha de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, a composição de forças e os meios das partes beligerantes (sendo citados, na medida do possível, os respectivos dados numéricos), além de analisar as causas básicas da vitória das FAPLA.

O texto reflecte, evidentemente, a visão pessoal do autor que, em 1977-1978, sendo especialista militar (tradutor militar) do Ministério da Defesa da URSS, esteve em Angola, e muitas vezes visitou, em missões de serviço, a região de Kifangondo e Caxito, teve encontros com os habitantes locais, com militares das FAPLA e com combatentes cubanos aquartelados em Angola que se lembravam ou eram participantes activos naqueles eventos. Estes encontros, como muitos outros, são citados nesta obra.

Um dos objectivos deste estudo é o restabelecimento da justiça histórica relativa ao papel dos fornecimentos soviéticos de armas e equipamentos a Angola para o MPLA e tropas cubanas na véspera da proclamação da independência do país. Infelizmente, em muitas fontes e memórias, especialmente mais recentes, dos participantes naqueles eventos, em muitos casos não é referida a ajuda prestada ao MPLA pela URSS logo antes do início da batalha.

Entretanto, conforme mostra o estudo a que procedeu o autor, foram as armas soviéticas que desempenharam um papel decisivo na derrota da oposição armada e invasores estrangeiros em Kifangondo, antes de tudo, os lançadores múltiplos BM-21 “Grad” fornecidos pela URSS mesmo na véspera da batalha e o emprego hábil desta arma, naquela época, moderna e potente. Outro objectivo fundamental deste estudo é esclarecer o número exacto dos BM-21 utilizados no golpe decisivo no dia 10 de Novembro em Kifangondo. Muitas fontes dizem que eram seis ou até mais. Além disso, o autor investigou detalhadamente de que maneira e quando estes BM-21 apareceram em Kifangondo.

É necessário dizer que a Batalha de Kifangondo de 1975 foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores (MLRS) BM-21 “Grad” não só em Angola, mas em toda a África subsariana. Se a 10 de Novembro de 1975 as forças conjuntas angolano-cubanas em Kifangondo não dispusessem de uma arma tão poderosa e eficiente, a história de Angola podia seguir um caminho totalmente diferente. Qual? Alguns críticos dizem hoje que a ajuda da URSS e de Cuba ao MPLA e os eventos de Kifangondo provocaram a longa guerra civil em Angola. Mas isso não é verdade. Recorremos à análise histórica dos eventos feita pelo ex-vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Anatoly Adamishin, no seu livro *Sol branco de Angola*. “Quem teria ganhado se nós não chegássemos a ajudar o MPLA? Poucas dúvidas se a África do Sul. Ela interveio de maneira aberta nos assuntos internos de Angola. As colunas militares sul-africanas foram detidas nas proximidades de Luanda. O que faziam elas lá? Elas levavam ao poder o seu “amigo” Savimbi. O que teria acontecido na região se a racista África do Sul ocupasse, além de Namíbia, também Angola?”

E quanto tempo depois disso continuaria o seu domínio na região? Quanto tempo demoraria o criminoso *apartheid*?”<sup>12</sup>.

O triunfo na Batalha do Kifangondo, e muito em especial a vitória posterior na Batalha de Cuito Cuanavale, tornou possível a libertação da Namíbia do domínio sul-africano, tendo substancialmente acelerado a desmontagem do regime do *apartheid* na RSA e a chegada ao poder do Governo do Congresso Nacional Africano (ANC) que representava a maioria africana daquele país. Graças a isso, Angola, figuradamente, pode hoje ser chamada de “trampolim” a partir do qual “arrancou” a independência da Namíbia e foi concluída a desmontagem do hediondo regime de discriminação racial na RSA. Isso é a verdade histórica.

O ex-combatente da Batalha do Kifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, nas suas memórias, tem a seguinte opinião: “se o indisciplinado exército zaireense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejaria pela fronteira norte, numa ocupação criminosa”. Caso a FNLA e a UNITA, com a ajuda do Zaire e da RSA, se apoderassem de Luanda em 1975, a guerra não teria terminado de modo algum. O MPLA, sem dúvida, continuaria a resistir. De facto, se não tivesse sido a Operação “Carlota”, Angola teria perdido muita mais gente e infra-estruturas...

O autor, de modo algum, insiste em ser portador da verdade absoluta na sua exposição dos factos históricos relativos à Batalha de Kifangondo, nem alega uma abrangência exaustiva de todas as obras científicas dedicadas aos referidos eventos. Os veteranos das FAPLA que participaram na batalha histórica, os historiadores angolanos e estrangeiros, sem dúvida alguma, poderão complementar esta narrativa com novos factos e testemunhos fidedignos.

<sup>12</sup> Adamishin A. *Sol branco de Angola*. M., 2001, pp. 196-197.



# I

## NA VÉSPERA DA INDEPENDÊNCIA



Após a ascensão ao poder em Portugal, em Abril de 1974, do Movimento das Forças Armadas (MFA), os novos dirigentes do país tomaram a decisão sobre a concessão da independência aos seus “territórios ultramarinos”, inclusive a Angola. Na época, o movimento de libertação nacional em Angola foi representado por três movimentos: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de António Agostinho Neto, que, desde o início da década de 60 do século XX, contava com o apoio, entre outros países da URSS e de Cuba; a FNLA (a Frente Nacional de Libertação de Angola tinha como líder Álvaro Holden Roberto), apoiada pelos EUA e pelo Zaire; e a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), presidida por Jonas Malheiro Savimbi, que igualmente recebia ajuda militar de vários países ocidentais. O novo Governo Português reconheceu estas três organizações como Partes Oficiais nas negociações que visavam a criação de uma base jurídica para a transferência do poder em Angola para o povo deste país, inclusive a realização das eleições livres para a Assembleia Constituinte. A 4 de Janeiro de 1975, os líderes do MPLA, da FNLA e da UNITA reuniram-se em Mombaça, no Quênia,

e acordaram sobre a constituição do governo transitório de coalizão, futuros órgãos do poder e Forças Armadas conjuntas de Angola<sup>13</sup>.

Em Janeiro do mesmo ano, em Alvor (Portugal), foi celebrado o Acordo quadripartido entre o MPLA, a FNLA, a UNITA e o Governo Provisório de Portugal que, em particular, previa: a constituição do Governo Transitório em Angola, integrando os representantes dos três movimentos e os representantes da nova Administração Portuguesa; formação dos órgãos da administração civil e militar dos representantes dos três movimentos; eleições para a Assembleia Constituinte em Outubro de 1975 que devia eleger o Presidente do país<sup>14</sup>. Em conformidade com o Acordo de Alvor de 15 de Janeiro de 1975, celebrado entre o Governo de Portugal, de um lado, e o MPLA, a FNLA e a UNITA, do outro, a proclamação da Independência de Angola e a transferência de poder ao Governo formado ficou marcada para 11 de Novembro de 1975.

Todavia, devido a divergências políticas de longa data existentes entre o MPLA, a FNLA e a UNITA, muito em breve o Governo Transitório formado por três movimentos cindiu-se<sup>15</sup>. À medida que o dia 11 de Novembro se ia aproximando, as contradições entre o MPLA, a FNLA e a UNITA agravavam-se e, finalmente, resultaram em confrontos armados abertos entre os seus partidários, sendo as primeiras hostilidades registadas no segundo trimestre de 1975<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> *Angola: Rumo à Independência. O Governo de Transição, documentos e personalidades*. Luanda, 1975, p. 25.

<sup>14</sup> Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

<sup>15</sup> Tokarev A. Ásia e África Hoje. N.º 5, 2002.

<sup>16</sup> Piero Gleijeses, Jorge Risquet, Fernando Remirez. *Cuba y África. Historia comun de lucha y sangre*. Editorial Ciencias Sociales, La Habana, 2007, p. 4.

Durante o ano de 1975, a FNLA e a UNITA recebiam extensa ajuda militar estrangeira prestada pelos países do Ocidente<sup>17</sup>. Em Janeiro de 1975, a CIA dos EUA transferiu para Holden Roberto 300 mil dólares destinados “ao combate contra o MPLA”. No início de Junho de 1975, a CIA elaborou o projecto de um programa de ajuda militar aos elementos pró-americanos em Angola no valor de 6 milhões de dólares americanos. Porém, em Julho de 1975, o Comité dos 40 e o Presidente dos EUA, G. Ford, procederam à revisão do referido programa, tendo aumentado o financiamento de 6 para 14 milhões de dólares<sup>18</sup>.

Além da CIA dos Estados Unidos, o movimento de Holden Roberto recebia ajuda militar do Zaire, da França, da RSA e de muitos países ocidentais, inclusive, em determinado período, da China. O líder da UNITA, que também contou com o apoio de muitos países ocidentais e da CIA, deu um passo sem precedentes na história dos movimentos de libertação nacional de África, tendo solicitado ajuda militar directa ao regime do *apartheid* da RSA.

A FNLA e a UNITA, de facto, formaram uma coalizão que procurava eliminar o MPLA do palco político por via militar, sendo os Estados Unidos o apoiante externo mais importante destes planos. Em Julho de 1975, o chefe de Operações da Divisão da CIA para África, George Costello, ao dar instruções ao então nomeado chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola, J. Stockwell, disse: “14

<sup>17</sup> De Janeiro a Novembro de 1975, o montante total da ajuda dos EUA aos movimentos FNLA e UNITA em Angola cifrou-se em cerca de 332 milhões de dólares. Conforme os dados citados em: Porter B.D. *The USSR in Third World Conflicts*. N.Y., 1983, pp. 171-172.

<sup>18</sup> Vivo Raul Valdes. *Angola: Fim do Mito dos Mercenários* (tradução de espanhol). M., 1978, p. 45.

milhões de dólares estão destinados ao apoio a Savimbi e a Holden Roberto. Hoje, fornecemos armas a Kinshasa para compensar aquilo que Mobutu (Presidente do Zaire) dirigiu a Angola das suas reservas”. “A ideia é neutralizar militarmente o MPLA, até à realização das eleições em Outubro”<sup>19</sup>.

A 25 de Julho de 1975, o líder da FNLA, Holden Roberto, aberta e publicamente, exortou os seus partidários a iniciar a “guerra total” contra o MPLA e deu às suas unidades a ordem de tomada de Luanda. “Não é para negociar que vamos a Luanda — disse ele numa entrevista concedida a 24 de Julho ao correspondente da AFP — mas, sim, para assumirmos o governo do país”<sup>20</sup>.

Logo depois da FNLA, a guerra ao MPLA foi declarada pelo líder da UNITA, Jonas Savimbi<sup>21</sup>. No país rebentou a guerra civil aberta. Nos confrontos armados entre o MPLA e a FNLA em Luanda foram mortas várias centenas de pessoas. Em particular, a 27 de Julho de 1975, tombaram em combate 20 combatentes liderados por um dos fundadores das FAPLA, Nelito Soares<sup>22</sup>. Porém, no dia 12 de Agosto de 1975, as unidades do MPLA, que contavam com vasto apoio da população da capital, conseguiram expulsar de Luanda as forças da FNLA e da UNITA que, segundo a agência noticiosa Reuters, na altura combatiam juntas contra o MPLA. Este soube tomar o controlo

---

<sup>19</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 31.

<sup>20</sup> Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

<sup>21</sup> Breve cronologia da luta de libertação nacional do Povo Angolano sob a direcção do MPLA (1956-1975). Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA, 1987, p. 19.

<sup>22</sup> Entrevista do autor com o chefe do Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA, major Amadeu Francisco Martins, 10 de Novembro de 1986.

total da capital<sup>23</sup>. As forças principais da FNLA viram-se obrigadas a retirar-se para o norte do país e as unidades da UNITA recuaram para sul.

Em meados de Setembro de 1975, Angola, de facto, ficou dividida em três zonas de influência, cada uma delas controlada por um dos três movimentos. A FNLA controlava as províncias do norte de Angola: Zaire, Uíge e uma parte do Kwanza-Norte, na fronteira com o Zaire. Os aeródromos de Carmona, Negaje e Ambriz eram utilizados para receber ajuda militar dos EUA e do Zaire. O município de Ambriz transformou-se, praticamente, na capital militar da FNLA, embora o quartel-general oficial de Holden Roberto se encontrasse na cidade de Carmona (hoje Uíge).

O MPLA defendia Luanda e mantinha sob o seu controlo uma larga frente na parte central do país que chegava até à fronteira com a Zâmbia, bem como o litoral atlântico até à fronteira com a Namíbia (grandes cidades: Malanje, Henrique de Carvalho, hoje Saurimo, e três importantes portos – Lobito, Benguela e Moçâmedes). O quartel-general do MPLA estava em Luanda. A UNITA controlava as zonas ao sul do caminho-de-ferro de Benguela, toda a região centro-sul (território pouco povoado ou mesmo despovoado) até à fronteira com a Zâmbia e Namíbia. O quartel-general de Jonas Savimbi estava situado na cidade de Nova Lisboa (hoje Huambo)<sup>24</sup>.

Uma zona especial era a Província de Cabinda, rica em petróleo, separada do território principal de Angola pelo território do Zaire (hoje República Democrática do Congo) onde a oposição armada ao

<sup>23</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 44.

<sup>24</sup> Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

MPLA (apoiada pelo Zaire) foi representada por unidades da FNLA e da organização separatista Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), não reconhecida pela Comunidade Internacional como movimento de libertação nacional angolano legítimo e que não participou na Cimeira em Mombaça, nem na celebração do Acordo de Alvor a 15 de Janeiro de 1975.

À medida que a data da proclamação da Independência de Angola se aproximava, definida no Acordo de Alvor (11 de Novembro de 1975), a ajuda ocidental à FNLA e à UNITA ia sendo aumentada. Na CIA, à operação de apoio à FNLA e à UNITA foi atribuído o nome de código de IAFEATURE. Em Julho, a CIA organizou o fornecimento directo de armas à FNLA a partir de Kinshasa (Zaire). As armas, prioritariamente desactivadas pelo Exército dos EUA, assim como as munições e o equipamento, eram transferidos por aviões C-130 dos armazéns em San António e depois para a Base Aérea de Charleston, nos Estados Unidos, sendo em seguida transportados por aviões C-141 da 437.<sup>a</sup> Ala da FA dos EUA (437 Military Airlift Wing) para Kinshasa. Dali, a carga militar era transportada por camiões ou aviões ligeiros para as regiões no norte de Angola. Cada voo do C-141 custava 80 mil dólares aos contribuintes norte-americanos. Os EUA forneceram, através de Mobutu, as armas no valor total de 32 milhões de dólares. Segundo certas fontes, além disso, as armas foram fornecidas a Angola através do Zaire a partir das Bases Militares dos EUA na Alemanha<sup>25</sup>.

Cabe notar que, desde o segundo semestre de 1975, a FNLA começou igualmente a receber ajuda da China. A 29 de Maio, ao Zaire chegaram 112 instrutores chineses para o treino dos militares

<sup>25</sup> “Tragédia de Angola”: <http://www.army.lv/?s=103&id=1199>.

da FNLA<sup>26</sup>. A 10 de Setembro de 1975, a FNLA reconheceu oficialmente a recepção de 450 toneladas de armas e equipamento da China. A ajuda militar da França para a FNLA também chegava através do Zaire. Sabe-se que Paris dirigiu a Mobutu os mísseis *Entac*, as minas para morteiros de 120 mm e as munições para os veículos blindados *AML Panhard*, assim como quatro helicópteros *Alouette* e mísseis não guiados para estes, aliás, sem pilotos, nem pessoal de manutenção. A maior parte deste material (excepto os helicópteros) foi transferido para Angola pelos canais da CIA dos EUA<sup>27</sup>.

A 22 de Agosto de 1975, as tropas regulares da RSA invadiram o território angolano<sup>28</sup>. O pretexto oficial da invasão foi a “necessidade de garantir a segurança” da barragem de Calueque no rio Cunene que traça parte da fronteira entre Angola e a Namíbia. Os sul-africanos ocuparam a barragem e os territórios adjacentes. Em Agosto de 1975, o ministro da Defesa da RSA, Pieter Botha, aprovou a Directiva N.º 8/75 que prescrevia prestar apoio imediato à FNLA e à UNITA na luta contra o MPLA. Para a coordenação do treino dos soldados da FNLA e da UNITA e fornecimento de armas, foram enviados para Angola conselheiros militares sul-africanos, tendo pela frente o chefe das forças especiais do Exército da RSA (Recces), Jan Breytenbach. Após o estudo da situação, ele dirigiu aos seus superiores o Relatório com a conclusão de que o treino das unidades da FNLA e da UNITA e o fornecimento de armas eram insuficientes, sendo necessário que as Forças Armadas da RSA (SADF) se encarregassem do apoio lo-

<sup>26</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 67.

<sup>27</sup> Trabalho sujo da CIA em África (tradução do inglês). Autores: Ray E., Schaap W., Van Meter K., Wolf L. M., 1983, p. 170.

<sup>28</sup> FAPLA, baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 99.

gístico das unidades dos referidos movimentos e as reforçassem com oficiais e sargentos de carreira sul-africanos. O Relatório foi apoiado e aprovado pelo comando militar e dirigentes políticos da RSA.

A 14 de Outubro de 1975, as SADF iniciaram a Operação “Savana” que visava a invasão de Angola. As forças regulares da RSA (que, procurando induzir a opinião pública internacional em confusão, se fizeram passar por mercenários) acompanhados por soldados da UNITA e da FNLA (no sul do país estavam a ser formadas as unidades armadas de Holden Roberto) e cerca de dois mil militares liderados por Daniel Chipenda, fraccionista expulso do MPLA, iniciaram a ofensiva a partir da fronteira com a Namíbia em direcção a Luanda, tendo pela frente mais de 1200 quilómetros a percorrer.

Entretanto, os pontos principais controlados pela FNLA no norte do país estavam situados a 80-120 quilómetros de Luanda. No norte de Angola (inclusive em Cabinda) as tropas da FNLA actuavam em conjunto com as unidades militares zaienses. Segundo certas fontes, as unidades das forças regulares do Zaire estiveram em Angola desde Março de 1975<sup>29</sup>. O objectivo dos zaienses era apoiar Holden Roberto na sua aspiração de chegada ao poder em Angola após a retirada dos portugueses. Assim sendo, o presidente do Zaire, Mobutu Sesse Seko, esperava, além de levar ao poder em Angola o seu parente (Holden Roberto e Mobutu estavam casados com parentes — as suas esposas eram da família residente na mesma aldeia africana), caso as condições fossem favoráveis, anexar igualmente ao Zaire as regiões fronteiriças angolanas ricas em diamantes, assim como Cabinda com a sua exploração petrolífera.

---

<sup>29</sup>[www.photius.com/.../congo\\_democratic\\_republic\\_of\\_the\\_government\\_relations\\_with\\_the...](http://www.photius.com/.../congo_democratic_republic_of_the_government_relations_with_the...)

Em meados de Maio de 1975, o contingente zaireense que apoiava a FNLA no território de Angola ficou constituído por cerca de 1200 homens<sup>30</sup>. Naquela altura, mais de mil combatentes bem armados e treinados eram uma força séria. Eles combatiam ao lado da FNLA nas províncias do norte de Angola, prestando apoio à FLEC em Cabinda. Antes do início da ofensiva contra Luanda, em Setembro de 1975, a coligação de forças da FNLA integrava 1.º Batalhão do ELNA e até três batalhões das tropas regulares zaireenses (inclusive no território de Cabinda). No início de Setembro de 1975, o ELNA integrava igualmente mais de uma centena de ex-comandos do exército colonial português (CE) que apostaram em Holden Roberto<sup>31</sup>. Esta unidade militar era comandada por ex-militares do exército colonial português, como o coronel Gilberto Santos e Castro (ex-governador da Província do Kwanza-Norte em Angola, conselheiro militar de Holden Roberto e, de facto, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da FNLA), e o major Alves Cardoso, que anteriormente combatia em Moçambique, sendo comandante do grupo de forças especiais portuguesas Flechas<sup>32</sup>.

Apesar de os referidos C.E. portugueses ao serviço da FNLA serem frequentemente chamados de “mercenários”, o autor pensa que seria incoerente considerar todos eles como mercenários. Com certeza, entre eles havia indivíduos que, em conformidade com as disposições da Convenção Internacional Contra o Recrutamento, Utilização, Financiamento e Treino de Mercenários<sup>33</sup>, podem ser incluídos

<sup>30</sup> Guimarães F.A. *The origins of the Angolan civil war, foreign intervention and domestic political conflict*. Macmillan, London, 1998.

<sup>31</sup> Posteriormente, o grupo chegou a incorporar 154 combatentes.

<sup>32</sup> Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 88.

<sup>33</sup> A Convenção Internacional contra o Recrutamento, Uso, Financiamento e Treino

nesta categoria. Entre eles havia pessoas “motivadas a tomar parte nas hostilidades essencialmente pelo desejo de ganho privado e, de facto, receberam promessas, por ou a favor de uma parte no conflito, de compensação material muito superior àquela prometida ou paga aos combatentes de patente e função similar nas Forças Armadas da parte contratante”<sup>34</sup>.

Porém, de outro lado, naquele período os seus serviços não eram remunerados, nem pela FNLA, nem pela CIA. Na sua maioria, eram angolanos natos, mesmo por várias gerações (todos os brancos em Angola são, frequente e erroneamente, chamados de portugueses), que se consideravam a si mesmos como africanos “aos quais querem roubar a Pátria”, e esperavam, em caso da vitória de Holden Roberto, ocupar uma posição condigna no novo Exército e Estado sob a égide da FNLA. Por isso, a muitos deles não é aplicável a alínea (c) da Convenção, segundo a qual mercenário é a pessoa que “não é nem nacional de uma parte do conflito e nem residente nos territórios controlados por uma parte do conflito”. Tão-pouco se aplica a eles a alínea (d) do Artigo 1.º da Convenção, que reza que mercenário “não é membro das forças armadas de uma parte do conflito”. O grupo do coronel Gilberto Santos e Castro integrava, efectivamente, o ELNA.

Há afirmações de que esta estrutura fazia parte do assim chamado ELP (Exército de Libertação Português)<sup>35</sup>, criado em 1975 para o combate contra os movimentos de esquerda em Portugal e nos seus

---

de Mercenários, foi adoptada pela Assembleia-Geral da ONU somente a 4 de Dezembro de 1989.

<sup>34</sup> Artigo 1 (b) da Convenção Internacional contra o Recrutamento, Uso, Financiamento e Treino de Mercenários.

<sup>35</sup> O Exército de Libertação Português (ELP), uma organização da direita política, criado em 1975 pelo ex-director-adjunto da DGS/PIDE, Barbieri Cardoso.

“territórios ultramarinos” — Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e outros países. Porém, as relações dos comandos do coronel Gilberto Santos e Castro com esta organização política, pelo visto, eram meramente formais. Um dos membros do seu grupo, Pedro Marangoni, recordava: “Dizia-se que o coronel Santos e Castro era ligado a este ‘exército’ (ELP) que considero apenas teórico, nunca chegou a existir em Angola como força real, coesa, organizada e pronta para combate. Apenas uma organização política. Nunca ajudou as nossas tropas”<sup>36</sup>. Um facto interessante que se diz a favor do dito por Pedro Marangoni — nas viaturas do grupo do coronel Gilberto Santos e Castro que avançavam contra Luanda estava escrito ELNA e não ELP.

O grupo dos C.E. do coronel Gilberto Santos e Castro era uma unidade operacional que naquela altura participou em combates contra as FAPLA no norte de Angola, ficando, regra geral, nas primeiras linhas atacantes e tendo numerosos mortos, feridos e capturados<sup>37</sup>. Os ex-militares portugueses também tiveram por missão o treino de um grupo de comandos especiais (até 100 pessoas), formado pelos africanos — partidários e guerrilheiros da FNLA<sup>38</sup>.

Junto ao Estado-Maior da FNLA trabalhava um grupo operacional da CIA chefiado pelo representante da CIA nos EUA, J. Stockwell<sup>39</sup>,

<sup>36</sup> Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

<sup>37</sup> Um facto interessante é que nem mesmo o MPLA considerava os ex-militares portugueses realmente mercenários. Como prova disso pode-se dizer que nenhum dos portugueses capturados do grupo do coronel Santos e Castro, ao contrário dos mercenários ingleses e americanos do “coronel Callan”, que chegaram a Angola um mês mais tarde, foi julgado e mesmo alguns deles posteriormente foram nomeados comandantes das unidades das FAPLA. Ver: Entrevista do autor com Marangoni P.A. [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

<sup>38</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 47.

<sup>39</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 229.

e um grupo de oficiais sul-africanos, tendo pela frente o brigadeiro das SADF, Ben de Velt Roos, que eram responsáveis pela coordenação das operações e comunicação com a CIA e o comando das SADF. Ben de Velt Roos era conselheiro militar de Holden Roberto, enquanto os seus oficiais prestavam assistência prática às tropas da FNLA. Em particular, o oficial sul-africano Des Radmore tinha por missão pôr em ordem diversos tipos de armas e equipamentos militares fornecidos à FNLA e o oficial Lagerwall “organizar a reparação dos morteiros do Exército de Holden Roberto”<sup>40</sup>. A aviação da RSA fornecia regularmente às tropas da FNLA em ofensiva contra Luanda munições, combustíveis, víveres (rações secas) e fardamento. A manutenção das comunicações com o comando das SADF ficava a cargo do oficial da Força Aérea Sul-Africana Ken Snowball, situado no território de Angola.

Contando com o apoio militar estrangeiro, Holden Roberto e Jonas Savimbi declararam a sua intenção de tomada de Luanda antes de 11 de Novembro de 1975. Nesta situação, A. Neto dirigiu-se a Cuba, à URSS e a outros países da Comunidade Socialista a solicitar ajuda militar para o MPLA. O seu pedido foi satisfeito.

Os representantes das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) de Cuba chegaram a Luanda ainda no segundo semestre de 1975, atendendo ao pedido do presidente do MPLA de ajudar na organização da formação militar dos ex-guerrilheiros. Para o estudo da situação *in loco* a Angola foi enviado um grupo de oficiais das FAR de Cuba. Em Julho de 1975, nos aviões da linha aérea comercial chegaram a Luanda, via Lisboa, até 50 instrutores militares da Ilha da Liberdade.

---

<sup>40</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 104.

Em Setembro do mesmo ano, a pedido de Agostinho Neto, dirigido ao CC do Partido Comunista de Cuba em que solicitou ajuda para o seu movimento na organização da estrutura de transporte aéreo, a Angola, via Brazzaville, chegaram cerca de 15 pilotos e técnicos da Força Aérea de Cuba e da companhia aérea, a Cubana. A 21 de Agosto de 1975, em Luanda, foi formada a pouco numerosa Missão Militar Cubana chefiada pelo coronel<sup>41</sup> Raul Díaz Argüelles que, posteriormente (a 11 de Dezembro de 1975), viria a perecer em combate contra as tropas sul-africanas.

Nos dias 1 e 3 de Outubro de 1975, em Cabinda aterraram os aviões *Bristol Britannia*, da companhia aérea Cubana, a bordo dos quais chegou o primeiro contingente importante de 142 instrutores militares cubanos. Em seguida, no porto da cidade de Porto Amboim, situado na parte continental de Angola e então controlado pelo MPLA, e no porto congolês de Pointe-Noire, ancoraram os navios cubanos *Vietnam Heróico*, *El Corals Islands* e *La Plata*, tendo a bordo cerca de trezentos instrutores militares<sup>42</sup>. O navio *Vietnam Heróico* chegou a Porto Amboim a 4 de Outubro, o *El Corals Islands* atracou no mesmo porto no dia 7 de Outubro, e, a 11 de Outubro, no porto congolês de Pointe-Noire, o navio cubano *La Plata* lançou âncora<sup>43</sup>.

Os navios cubanos transportaram de Cuba para Angola armas ligeiras e algum armamento pesado: morteiros de 120 e 82 mm, canhões de 76 mm ZIS-3, metralhadoras antiaéreas de 14,5 mm ZPU-4, assim como mais de cem viaturas de transporte. Este material desempenhou um papel importante em futuros combates, inclusive na batalha de Kifangondo.

<sup>41</sup> O coronel R. D. Argüelles foi promovido, a título póstumo, a brigadeiro das FAR.

<sup>42</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 43.

<sup>43</sup> Márquez. G. Operação “Carlota”. [http://www.scepsis.ru/library/id\\_2026.html](http://www.scepsis.ru/library/id_2026.html).

Além dos instrutores militares, do armamento e do equipamento, os navios transportavam de Cuba também combustível. O *Vietnam Heróico* teve a bordo mais de 200 toneladas de combustível em barris de 55 galões. O navio navegava com os porões abertos para evitar a acumulação dos vapores e eventual explosão. O *La Plata* transportou a gasolina para carros no convés. Fidel Castro assistiu à despedida destes navios. Ao tomar conhecimento das condições de transporte das tropas, ele proferiu a seguinte frase, que entraria para a história: “Em qualquer caso terão mais conforto do que aqueles que navegaram no iate *Granma*”<sup>44</sup>.

Não havia certeza de que os militares portugueses, que até à proclamação da Independência de Angola controlavam o país, permitiriam o desembarque dos instrutores cubanos. A 26 de Julho de 1975, Fidel Castro pediu, em Havana, a um dos dirigentes do Movimento das Forças Armadas (MFA), que, em Abril de 1974, tinha liderado a Revolução dos Cravos em Portugal, o coronel Otelo Saraiva de Carvalho, que questionasse a autorização do Governo de Portugal para enviar recursos para Angola. Saraiva de Carvalho prometeu consegui-la, mas a resposta nunca chegou. Os navios partiram. O *Vietnam Heróico* e o *El Corals Islands* chegaram a Angola sem autorização oficial do governo português, mas também sem a oposição de ninguém<sup>45</sup>.

Conforme Fidel Castro (discurso de F. Castro de 2 de Dezembro de 2005, em Havana), na véspera da Proclamação da Independência, em Angola não havia tropas regulares de Cuba, além de 480 instrutores militares cubanos. Segundo as estimativas do autor, este número, de um modo geral, corresponde à realidade: 300 pessoas transportadas

---

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

por via marítima, mais 142 instrutores chefiados pelo comandante Reyes que chegaram nos dias 1 e 3 de Outubro a Cabinda, assim como cerca de 50 pessoas (sem ter em conta os pilotos entre os quais havia especialistas civis) que chegaram antes a Luanda, via Lisboa, nos aviões da TAP (de Havana a Lisboa seguiam nos aviões da Aeroflot soviética ou aproveitando voos de outras companhias aéreas). Se somarmos estes números, teremos um total de 492 pessoas. Isto corresponde à declaração de Fidel Castro: 12 instrutores podiam morrer ou voltar a Cuba devido a ferimentos ou doenças. Aliás, nestes cálculos não são considerados os pilotos civis, nem o pessoal da Missão Militar Cubana chefiada pelo coronel Raul Díaz Argüelles, que não integrava mais de 10-15 oficiais. Portanto, pode-se considerar que o número total dos cubanos em Angola ao lado do MPLA (instrutores militares de diferentes especialidades, médicos, pilotos) na véspera da proclamação da Independência era um tanto superior a 500 pessoas.

Cabe salientar que, desde o princípio, a tarefa dos militares cubanos em Angola não previa o envolvimento em combates, mas consistia na formação das unidades militares das Forças Armadas do MPLA (FAPLA) em quatro Centros de Preparação Revolucionária (CPR) que deviam ser desdobradas nas cidades de Benguela, Henrique de Carvalho (Saurimo), Cabinda e N'Dalatando (antiga Vila Salazar) a 200 quilómetros de Luanda<sup>46</sup>. Os cubanos tinham de ajudar a formar e a treinar 16 Batalhões de Infantaria das FAPLA, assim como preparar as guarnições para 25 Baterias de Morteiros e Baterias Antiaéreas<sup>47</sup>. A transferência para Angola das tropas regulares cubanas (Operação “Carlota”), iniciada no dia 7 de Novembro de 1975, foi, de facto, uma

<sup>46</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba En Africa Negra*. Discurso 7 de Julio 2005, La Habana, Teatro del MINFAR.

<sup>47</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Politica, La Habana, 1979, p. 52.

acção de resposta, e mesmo um tanto atrasada, diríamos, ao início de uma agressão militar indisfarçada da RSA e do Zaire contra Angola. Este facto foi provado de modo convincente nos estudos do historiador americano Piero Gleijeses<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Piero Gleijeses. *Conflicting Missions: Havana, Washington and Africa, 1959-1976*. University of North Carolina Press, 2002. Version en espanol: *Misiones en Conflicto. La Habana, Washington y Africa 1959-1976*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2004.

## II

# DECISÃO SOBERANA DE HAVANA



Muitos políticos e politólogos ocidentais acusavam a União Soviética “de ter enviado as tropas cubanas para Angola” e de “puxar as cordas” manipulando Cuba. Mas os factos da história mostram o contrário: o envio de instrutores e, mais tarde, das tropas regulares para Angola foi uma iniciativa exclusiva de Havana. O ex-vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Anatoly Adamishin, que durante um longo período supervisionava as relações com Angola, escreveu: “Os cubanos, insisto nisto, chegaram a Angola por iniciativa própria. Eles tinham relações de longa data com o MPLA: o primeiro encontro de Che Guevara com Agostinho Neto teve lugar em 1965. *Diria que não envolvemos, mas, sim, fomos envolvidos* (salientado pelo autor. S.K). As forças regulares cubanas deslocaram-se a Angola sem o nosso conhecimento e muito menos a nossa autorização”. Entretanto, Adamishin acrescenta: “Porém, sendo fiéis aos princípios internacionalistas, não levantámos quaisquer objecções”<sup>49</sup>. O facto da decisão independente de Havana e posterior ajuda em grande escala da URSS ao MPLA

---

<sup>49</sup> Adamishin A. *Sol branco de Angola*. M., 2001. pp. 12-13.

e aos cubanos em Angola foi publicamente reconhecido por Fidel Castro. Na sua intervenção do dia 2 de Dezembro de 2005, em Havana, ele declarou: “Embora não tivéssemos consultado os soviéticos relativamente à decisão cubana de enviar as tropas para Angola, posteriormente eles concordaram em fornecer as armas necessárias para a formação do exército angolano e atendiam aos nossos pedidos de abastecimento durante toda a guerra”<sup>50</sup>.

A própria evolução da situação evidencia que os dirigentes cubanos consideravam que depois da chegada das suas tropas a Angola estas não ficariam sem o apoio da URSS. Entretanto, do ponto de vista da política global, aquele período para a União Soviética era deveras complicado. De um lado, o mundo estava em plena Guerra Fria, enquanto do outro estavam a ser realizadas as conversações entre a URSS e os EUA no domínio de limitação das armas nucleares e convencionais que visavam a preparação da assinatura do Tratado SALT II. A ingerência militar em Angola e o apoio das acções de Cuba podiam ser aproveitados pelos EUA como pretexto para protelar ou suspender as negociações<sup>51</sup>.

Os dirigentes políticos soviéticos receavam que o transporte das tropas cubanas para Angola pudesse envolver a URSS em conflito militar em larga escala no sul de África<sup>52</sup>. Por isso, tanto no período precedente à proclamação da Independência de Angola (desde a assinatura do Acordo de Alvor, a 15 de Janeiro de 1975 até à pro-

<sup>50</sup> Discurso de F. Castro por ocasião do 30.º aniversário do início da missão militar cubana em Angola e 49.º aniversário de desembarque dos expedicionários do iate *Granma* — Dia das FAR de Cuba, 2 de Dezembro de 2005.

<sup>51</sup> Piero Gleijeses, Jorge Risquet, Fernando Remirez. *Cuba y Africa. Historia comun de lucha y sangre*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2007, p. 5.

<sup>52</sup> Idem, p. 9.

clamação da Independência de Angola, a 11 de Novembro de 1975) como posteriormente, os dirigentes da URSS e de Cuba realizaram numerosas consultas políticas muito difíceis que nem sempre resultaram na aprovação das acções dos dirigentes cubanos. O acima dito foi confirmado pela seguinte declaração de Fidel Castro: “De modo geral, os soviéticos não concordavam com qualquer transferência das nossas tropas para Angola... Havia muitas críticas em relação à actividade que estávamos a desenvolver em Angola”<sup>53</sup>.

Não vale a pena tentar enxergar nisto alguma reorientação da posição da URSS em relação ao MPLA, consequentemente apoiado pelos dirigentes soviéticos. A ajuda política e militar ao MPLA por parte da URSS era prestada ao Movimento de Agostinho Neto sob a forma de formação do pessoal e fornecimento de armas desde os primeiros anos da luta armada. Em 1971, a delegação do MPLA, liderada por Agostinho Neto, foi convidada a participar nos trabalhos do XXIV Congresso do PCUS. Ao discursar naquele Congresso, Agostinho Neto declarou: “Ao longo de dez anos da luta revolucionária, o nosso Movimento, o nosso povo, os nossos combatentes, que são força de vanguarda da luta anticolonial de Angola, sempre têm contado com a amizade e o apoio do povo soviético. Consideramos que o Partido Comunista da União Soviética é uma das forças mais importantes em que nos apoiamos no desenvolvimento da nossa luta de libertação nacional”.

A posição da direcção política soviética seria mais compreensível, se levássemos em consideração que a URSS apoiou o Acordo de Alvor (Janeiro de 1974), assinado entre os três movimentos de

---

<sup>53</sup> Urribares R. Enviados de Fidel. Aviadores cubanos em Angola, 1975-1976. Aviação e Tempo, N.º 2, 2007, p. 30.

libertação nacional angolanos MPLA, FNLA e UNITA e o Governo Português, que previa a constituição do governo transitório de coalizão em Angola, a realização das eleições universais em Outubro de 1975 e a proclamação da independência do país (em nome dos três movimentos), no dia 11 de Novembro de 1975.

Ademais, naquela altura, “as relações entre Moscovo e o MPLA estiveram no nível mais baixo em toda a sua história”<sup>54</sup>. O período de 1973 a 1974, provavelmente, foi o mais complicado nas relações entre Moscovo e o presidente do MPLA, A. Neto. No dia 10 de Janeiro de 1974, o Secretariado do CC do PCUS, ao discutir a questão de apoio ao MPLA em Angola, concordou com a crítica feita no Relatório apresentado pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas da URSS, general do Exército V.G. Kulikov<sup>55</sup>. No referido Relatório, em particular, foi dito: “Nos últimos tempos, o movimento de libertação nacional em Angola tem vindo a enfraquecer. O principal partido combatente, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a que a União Soviética presta ajuda e apoio, atravessa uma séria crise...”

J. Stockwell, no seu livro *CIA contra Angola*, escreve que segundo as suas informações “a URSS renovou a ajuda militar ao MPLA somente em Março de 1975”. Entretanto, a decisão sobre a prestação de ajuda militar intensa ao MPLA, provavelmente, teria sido tomada muito antes, visto que foi em Dezembro de 1974 que cerca de 250 militares das FAPLA foram dirigidos à URSS para receber formação militar<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> Edição citada: “Angola — 30 Anos de Independência e 3 Anos de Paz”. M: OOO “PRAD”, 2005, p. 13.

<sup>55</sup> Documentos do Arquivo Nacional da Rússia de História Contemporânea (Fundo 89, Inventário 46, Dossier 104, p. 1-6).

<sup>56</sup> Entrevista com B.G. Putin, Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

O novo progresso nas relações com o MPLA verificou-se apenas em finais de 1974, em virtude de a URSS ter obtido dados comprovativos de que os parceiros do MPLA, no âmbito do Governo de Transição, a UNITA e a FNLA, começaram a receber apoio do Ocidente, EUA, RSA, Zaire e China, com o objectivo de eliminar o MPLA da arena política e proclamar, unilateralmente, a independência do país.

Entretanto, Moscovo tinha esperanças de que fosse possível reiniciar o diálogo entre os três movimentos de libertação nacional angolanos. O primeiro secretário da Embaixada Soviética em Brazzaville, B. Putilin, e simultaneamente o chefe da estação (Residentura) da GRU (Direcção-Geral de Inteligência Militar das FA da URSS) no país naquela época, escreveu que, “durante um longo período, Moscovo exigia insistentemente que a Embaixada e a Residentura da GRU em Brazzaville organizassem o trabalho, tanto com os líderes do MPLA como com os representantes da UNITA e da FNLA. Porém, foi uma tarefa difícil porquanto Holden Roberto se encontrava prioritariamente no Zaire, enquanto Jonas Savimbi estava no interior do território de Angola”<sup>57</sup>.

Na véspera da Independência, a União Soviética prestava ajuda militar ao MPLA, fornecendo armamento e munições, formando militantes nas suas Escolas Militares, enviando os seus especialistas militares a Angola com a missão de formação dos angolanos *in loco*. Entretanto, antes da proclamação da Independência de Angola, nem as armas, nem os especialistas militares, podiam ser enviados directamente para o país. Por isso, a ajuda militar soviética ao MPLA era

---

<sup>57</sup> Idem.

prestada através do território da vizinha República Popular do Congo (RPC — Congo-Brazzaville)<sup>58</sup>.

Só no mês de Outubro de 1975, os aviões da Aviação de Transporte Militar (ATM) da FA soviética, descolando na URSS, fizeram mais de 40 voos aos aeródromos do Congo-Brazzaville, tendo a bordo armas e equipamento para o MPLA<sup>59</sup>. Esta operação foi realizada, inclusive, por aviões pesados An-22 da Divisão da ATM de Mguinsk. Em seguida, os navios cubanos transportavam estas armas para as regiões de Angola controladas pelo MPLA. Da RPC a Cabinda, as armas seguiam no transporte rodoviário. A 1 de Novembro de 1975, à República Popular do Congo chegou o primeiro grupo de 20 militares soviéticos (oficiais e sargentos) especializados no emprego de lançadores portáteis de mísseis AA “Strela-2M”, inclusive tradutores militares, chefiados pelo capitão E. Liachenko, que logo organizaram, na cidade de Pointe-Noire, um Centro de Instrução improvisado de treino dos militares cubanos e angolanos no emprego do Sistema AA Portátil (PZRK) “Strela-2M”. Caso a evolução da situação em Angola fosse favorável para o MPLA, estava previsto o reforço deste grupo e a sua transferência para Luanda para a organização dos Centros de Instrução das FAPLA<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do século XX (redacção de Zolotariov V.A.). M., 2000, p. 103.

<sup>60</sup> Nezavisimoe voennoe obozrenie, n.º 41, 23-29 de Novembro de 2007, p. 5.

### III

## “O PEQUENO-ALMOÇO EM CAXITO E O JANTAR EM LUANDA”



Os combates no Outono de 1975 a norte de Luanda entre as FAPLA e forças da FNLA e do Zaire caracterizavam-se por alta mobilidade, pois não havia linha da frente contínua. As unidades das FAPLA e os seus adversários de um modo geral avançavam na composição de destacamentos ou colunas. Normalmente, os combates ou combates de encontro das forças rivais eram travados ao longo das estradas, montavam-se emboscadas. A tática amplamente utilizada visava expelir o inimigo das povoações ocupadas com a posterior perseguição. Os combates tenazes eram travados pelo controlo das povoações de Barra do Dande, Quicabo, Porto Quipiri, Caxito, Morro de Almeida, etc., assim como em torno de grandes propriedades agrícolas da mesma região, tais como Lifune, Libongos, Tentativa, entre outras.

Muitas destas passavam várias vezes de mão em mão. A 7 de Setembro de 1975, as FAPLA empreenderam uma ofensiva contra a cidade de importância estratégica de Caxito controlada pela FNLA e conseguiram

desalojar os destacamentos de Holden Roberto. Nestes combates mostraram-se altamente eficientes seis BRDM-2 de produção soviética. O dia 7 de Setembro ficou na história das FAPLA como o Dia da Vitória na Batalha de Caxito. Nesta batalha, foram capturados os primeiros comandos portugueses brancos do grupo do coronel Gilberto Santos e Castro, nomeadamente, Quintino, Fernandes e Pereira<sup>61</sup>, o que permitiu à direcção do MPLA declarar à imprensa internacional que “ao lado da FNLA combatiam os mercenários brancos”. Em seguida, as unidades das FAPLA apoderaram-se da Barra do Dande, Lifune, Libongos, além de algumas outras povoações. As forças da FNLA viram-se obrigadas a recuar para a cidade de Ambriz, que era a “capital militar” da FNLA.

Neste contexto, Holden Roberto solicitou ajuda militar adicional ao Presidente do Zaire, Mobutu, que lhe foi prestada. A 11 de Setembro, os aviões de transporte militares C-130 da FA zairense transferiram do Zaire para Ambriz mais um contingente de tropas zairenses, i.e., 4.º e 7.º Batalhões de Comandos de elite<sup>62</sup> (chamados *commandos kamanyolas*), comandados pelo coronel do exército zairense, Mamina Lama<sup>63</sup>. Portanto, no período de Março a Novembro de 1975, no total, encontravam-se em Angola até cinco batalhões regulares das FA do Zaire<sup>64</sup>. A partir daquele momento, segundo J. Stockwell, conselheiro

<sup>61</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

<sup>62</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

<sup>63</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_Quifangondo](http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Quifangondo).

<sup>64</sup> Thomas P. Odom. *The Second Shaban Invasion. The French and Belgian Intervention in Zaire in 1978*. USA, Kansas, 1989, p. 17.

norte-americano de Holden Roberto, “o prato da balança pendeu a favor da FNLA a norte de Luanda”<sup>65</sup>.

Além disso, no início de Setembro, o avião DC-6 trouxe à capital da FNLA, Carmona (hoje Uíge), mais um grupo de ex-militares do exército colonial português, então residentes na Rodésia e RSA que foram “convocados para a luta” pelo major A. Cardoso por iniciativa do líder da FNLA, H. Roberto<sup>66</sup>. O português Joaquim Francisco Castro, residente na RSA, foi “convidado” a participar na ofensiva da FNLA contra Luanda como condutor da viatura blindada *Panhard*. Foi capturado pelas FAPLA e, ao ser interrogado, deu o seguinte depoimento: “Disseram-me que o presidente da FNLA e o coronel Santos e Castro estavam recrutando para a tropa da FNLA o máximo de soldados brancos, ou mais exactamente cinco mil para entrar em Luanda. Prometeram-me pagar bem e, depois da conquista da capital, promover a oficial e oferecer bom emprego”<sup>67</sup>. Este grupo, durante 2-3 dias, foi transportado por aviões para Ambriz, ficando à disposição de H. Roberto. Então, o número de ex-militares brancos do exército colonial português nas tropas da FNLA chegou aos 154 efectivos<sup>68</sup>.

Em meados de Setembro de 1975, as colunas da FNLA, apoiadas por tropas regulares zairenses, iniciaram a ofensiva decisiva contra Luanda. A força de choque principal das tropas da FNLA e do Zaire era constituída por 16 autometralhadoras ligeiras sobre rodas (4x4)

<sup>65</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

<sup>66</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 58.

<sup>67</sup> Mais detalhadamente ver: Kolomnin S. *Tropas Especiais Russas em África*. EKSMO, Yauza, M., 2002, pp. 173-174.

<sup>68</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/en\\_guestbook](http://www.veteranangola.ru/main/en_guestbook).

AML-90 e AML-60 *Panhard* de origem francesa<sup>69</sup> tripuladas por ex-militares portugueses e efectivos zaienses. Os partidários da FNLA que participaram na batalha mais tarde diziam estar obsoletas. Porém, na altura, eram viaturas blindadas bastante eficientes e até superavam, quanto ao poder de fogo, os veículos blindados BTR-152 e BRDM-2 de origem soviética das FAPLA. Quando atacava de emboscada, a AML-90 podia mesmo concorrer com o carro de combate T-34-85 (por isso, ao *Panhard*, com o seu canhão de 90 mm, chamava-se, muitas vezes, “caçador de carros de combate”). O ponto fraco da AML era a sua blindagem à prova de balas e estilhaços (corpo: 10 mm, torre: 12 mm). A tripulação da AML-90 era de três pessoas, com peso de 5,5 toneladas e velocidade máxima até 90 quilómetros por hora. Armamento: canhão de 90 mm, metralhadora de 7,62 mm. As características básicas da AML-60 são idênticas às da AML-90, mas em vez do canhão de 90 mm, a viatura era equipada com um morteiro de 60 mm de carregamento pela culatra que além do tiro curvo eficiente à distância de até 1700 metros podia atacar em tiro directo à distância até 300 metros. Numa palavra, uma dezena e meia de AML *Panhard* constituía uma poderosa força blindada que, sendo habilmente comandada, era capaz de desempenhar um papel decisivo na batalha de Luanda.

As tropas em ofensiva da FNLA e do Zaire eram apoiadas pelo fogo de até dez canhões sem recuo anticarro móveis de 106 mm instalados nos jipes *Toyota* e *Land Rover* (das forças zaienses) e da bateria de morteiros de 120 mm (da FNLA)<sup>70</sup>. Dez novos morteiros de 120 mm para esta bateria foram fornecidos ao Zaire para a FNLA no avião de

<sup>69</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.

<sup>70</sup> Conforme os dados citados em: *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 53-54.

transporte C-141 fretado pela CIA, sendo posteriormente transportados no avião de H. Roberto, um *Fokker F-27 Friendship* para Ambriz na véspera do início da batalha de Kifangondo<sup>71</sup>. No mesmo avião, para a FNLA foram transportadas armas ligeiras e alguns canhões sem recuo de 106 mm (em várias fontes históricas estes canhões são frequentemente referidos como morteiros de 106 mm).

Nos primeiros dias de Novembro, o agrupamento da FNLA em ofensiva foi reforçado por um pelotão de canhões de 130 mm do exército zairense sob comando do coronel Molimbi. A 4 e 5 de Novembro de 1975, duas peças de artilharia com guarnições foram transportadas de avião do Zaire para Ambriz, sendo em seguida transferidas para Sassalemba.

Além disso, muitos autores mencionam que o agrupamento da FNLA em ofensiva contra Luanda integrava igualmente um pelotão de obuses de 140 mm G-2 com guarnições sul-africanas. Porém, conforme o autor conseguiu averiguar, os referidos obuses chegaram a Angola como reforço das tropas da FNLA em Kifangondo apenas na segunda metade do dia 9 de Novembro, ou seja, na véspera da batalha decisiva, não tendo participado nos combates anteriores<sup>72</sup>. As tropas do Zaire contavam com uma equipa de engenharia (companhia) que tinha por missão a construção e a recuperação de pontes<sup>73</sup>, assim como dispunham de um número limitado de morteiros de 60 mm e de 81 mm.

Por outro lado, H. Roberto dispunha de aviação ligeira, tendo ordenado confiscar, em Carmona e Negaje, alguns aviões ligeiros,

---

<sup>71</sup> <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>.

<sup>72</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

<sup>73</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 52.

inclusive os *Cessna 190* abandonados por portugueses que fugiram da guerra civil em Angola. A bordo destes aviões foram feitas as inscrições “Força Aérea da FNLA”<sup>74</sup>. Estes aviões eram aproveitados como meio de comunicação, reconhecimento de terreno e inimigo, para o bombardeamento e divulgação de materiais de agitação e propaganda. Nos meses de Outubro e Novembro de 1975, estes aviões atacaram várias vezes Luanda com bombas improvisadas que os pilotos lançavam da própria cabina<sup>75</sup>. Apesar de as bombas serem de baixa potência e pouco eficientes, em resultado destas incursões aéreas foi danificada a antena emissora da Rádio em Luanda, utilizada para a radiodifusão dos programas do MPLA. Porém, a direcção do movimento resolveu rapidamente este problema, utilizando a menos potente Emissora Católica de Luanda sem interromper a radiodifusão<sup>76</sup>. Após a destruição da Emissora no Estádio Desportivo de Luanda, o MPLA organizou um comício da população que protestava contra “bombardeamentos bárbaros a Luanda por mercenários estrangeiros”. A destruição da emissora e a realização de manifestações da população foram referidas num artigo do correspondente norte-americano publicado na revista *Newsweek*. Na edição de 17 de Novembro de 1975, o semanário norte-americano publicou uma reportagem de Luanda, informando que, naquele dia, durante a realização do comício da população, os aviões da FNLA espalharam milhares de folhetos de apoio a Holden Roberto e à FNLA<sup>77</sup>.

---

<sup>74</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 45.

<sup>75</sup> Idem, p. 78.

<sup>76</sup> Idem, p. 80.

<sup>77</sup> *Newsweek*, November, 17, 1975.

Tendo continuado a ofensiva, a 17 de Setembro, as forças de H. Roberto retomaram Caxito<sup>78</sup>. Segundo recordava Álvaro António, participante nos combates em Kifangondo, combatente das FAPLA, hoje capitão das Forças Armadas Angolanas, os dirigentes da FNLA estavam tão seguros do êxito da ofensiva que até lançaram um *slogan* aos seus soldados: “O pequeno-almoço em Caxito, o almoço em Cacucaco (uma vila a poucos quilómetros de Luanda, S.K.), e o jantar em Luanda”<sup>79</sup>. Holden Roberto estava certo de que “a bandeira da FNLA seria hasteada em Luanda ainda antes do dia 11 de Novembro, que era a data oficial da proclamação da Independência de Angola”<sup>80</sup>. Na entrevista concedida à Rádio do Zaire, o líder da FNLA declarou que “no dia 6 de Novembro ele estaria em Luanda”<sup>81</sup>.

No entanto, apesar das declarações feitas, o avanço das tropas da FNLA em direcção à cidade de Luanda era bastante cauteloso<sup>82</sup>. Isso não se deveu apenas à resistência tenaz das FAPLA. Naquela época, o líder da FNLA recebeu a informação de que no porto de Luanda estavam a desembarcar “os batalhões cubanos equipados com armas pesadas e modernos carros de combate russos”<sup>83</sup>. Portanto, ele receava a intervenção deles no conflito. Mas os seus receios eram em vão: em Setembro de 1975, não houve nenhum fornecimento sério (inclusive de carros de combate T-34-85) da URSS para o MPLA ou às

<sup>78</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

<sup>79</sup> Memórias de Álvaro António. Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008. <http://allafrica.com/stories/200811120632.html>.

<sup>80</sup> <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>.

<sup>81</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 50.

<sup>82</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

<sup>83</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 59.

tropas cubanas, e o primeiro grupo importante de instrutores militares cubanos chegou a Angola apenas no início de Outubro daquele ano.

Em meados desse mês, as tropas da FNLA e do Zaire conquistaram o Porto Quipiri que, segundo o veterano das FAPLA, João Luís Neto “Xietu”, considerava-se “posto avançado de defesa das FAPLA”<sup>84</sup>. Visando travar a ofensiva da FNLA, as tropas das FAPLA, em retirada, explodiram a ponte a partir do rio. Os sapadores zairenses construíram uma nova ponte e as unidades de H. Roberto e do Zaire prosseguiram o seu avanço, conquistando Sassalemba, a 32 quilómetros de Luanda, e chegaram ao Morro da Cal, uma elevação dominante naquela área. Ocupando estas posições, a artilharia de longo alcance zairense e da FNLA podia bombardear os subúrbios de Luanda. Em seguida, as unidades zairenses e da FNLA, mantendo a posse das elevações dominantes e da fazenda agrícola ao lado da estrada que seguia em direcção a Luanda, aproximaram-se da Lagoa do Panguila, com margens pantanosas, e do rio Bengo, que eram os últimos cursos de água que as separavam da capital angolana.

Na estrada para Luanda havia duas pontes sólidas de betão armado, uma sobre a Lagoa do Panguila e outra sobre o rio Bengo. Se fossem destruídas pelos defensores de Luanda, estas pontes transformavam-se em obstáculos insuperáveis para as forças da FNLA. Na margem oposta (esquerda) do rio Bengo, numa colina, ficava a vila de Kifangondo, situada a 23 quilómetros da capital. As subunidades das FAPLA da 9.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, que estava na fase inicial da formação, passaram à defesa nas proximidades da Lagoa do Panguila<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> *Jornal de Angola*, 13 de Dezembro de 2008. Memórias de João Luís Neto “Xietu”. <http://www.fesa.org.br/Imprensa/AngolaHoje/2004/Nov-Dez/pag3.htm>.

<sup>85</sup> FAPLA, baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

# IV

## COMPOSIÇÃO E NÚMERO DAS TROPAS DAS PARTES BELIGERANTES NA VÉSPERA DA BATALHA



Os dados disponíveis sobre a composição numérica do agrupamento das tropas da FNLA e do Zaire naquela época variam, de acordo com as diferentes fontes, de mil<sup>86</sup> a 3,5 mil pessoas<sup>87</sup>. Cabe destacar que nas memórias dos partidários da FNLA e nas fontes ocidentais o número das tropas da FNLA e do Zaire, regra geral, é subestimado (1,5 mil pessoas ou menos), enquanto nas recordações dos cubanos, dirigentes do MPLA e combatentes das FAPLA é sobrestimado (3-3,5 mil pessoas ou mais). O mesmo acontece com o número de veículos de combate e armas à disposição de H. Roberto.

Infelizmente, são poucas as memórias daqueles que combateram ao lado da FNLA. Por isso, são particularmente valiosas as recordações, bastante fidedignas, segundo o autor, do membro do grupo do coronel Gilberto Santos e Castro, Pedro Marangoni<sup>88</sup>. Segundo

<sup>86</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_Quifangondo](http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Quifangondo).

<sup>87</sup> Urribares R. Enviados de Fidel. Aviadores cubanos em Angola 1975-1976. Aviação e Tempo, N.º 2, 2007, p. 28.

<sup>88</sup> Ver a entrevista do autor com Pedro Marangoni, autor do livro *A Opção pela Espanha*, citada na parte final desta edição.

ele, na Batalha de Kifangondo, do lado da FNLA e do Zaire, participaram os seguintes meios e forças: o grupo de comandos de 154 efectivos do coronel Santos e Castro contava com quatro veículos blindados *Panhard*: um AML-90, dois AML-60 e *Panhard* VTT (veículo de transporte sem canhão)<sup>89</sup>, assim como um jipe dotado de canhão sem recuo de 106 mm.

Segundo Pedro Marangoni, as tropas zaienses, que em Outubro avançavam em direcção a Luanda, ao todo possuíam cerca de 15 AML *Panhard* de diferentes tipos, 10 jipes com canhões sem recuo de 106 mm e alguns canhões antiaéreos de 20 mm instalados nos carros.

Pedro Marangoni acha que o total das tropas zaienses era de “um a dois Batalhões de Infantaria”. Ele lembra-se bem que o agrupamento era integrado por uma equipa de sapadores e que a infantaria zairense era motorizada. Os zaienses avançavam nos camiões *Mercedes*. Segundo recordava Pedro Marangoni, as Forças Armadas da FNLA (ELNA), em Kifangondo, contavam com cerca de 800 combatentes e “alguns morteiros de 120 mm”.

É interessante comparar estas informações com os dados citados na edição cubana *La Guerra de Angola*<sup>90</sup>. No capítulo “La Batalla de Quifangondo”, os participantes na batalha, os tenentes-coronéis das FAR de Cuba, Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra, descreviam do seguinte modo a composição do agrupamento da FNLA e do Zaire na véspera dos combates decisivos:

---

<sup>89</sup> Os referidos quatro veículos blindados pertencentes ao contingente zairense em Angola foram entregues aos comandos do coronel Santos e Castro pela ordem de H. Roberto.

<sup>90</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 52-53.

- Estado-Maior;
- Três Batalhões de Infantaria das FA do Zaire, com 570 efectivos cada;
- Batalhão de Infantaria da FNLA, com 400 efectivos;
- Companhia de mercenários portugueses do assim chamado Exército de Libertação Português (ELP);
- Companhia de Pontes;
- Grupo blindado subordinado à companhia de mercenários portugueses;
- Grupo blindado subordinado ao Estado-Maior;
- Bateria de canhões sem recuo de 106 mm;
- Bateria de canhões sem recuo de 75 mm;
- Bateria de morteiros de 120 mm da FNLA;
- Bateria de morteiros de 106 mm do Zaire;
- Pelotão de canhões sul-africanos de 140 mm;
- Pelotão de canhões zaienses de 130 mm.

Ao todo, conforme os dados dos cubanos, ao lado da FNLA e do Zaire havia 3000 efectivos, 16 veículos blindados, 24 canhões e morteiros, 12 canhões anticarro, ou seja, o agrupamento de artilharia era composto por 36 peças<sup>91</sup>.

Como se pode ver, nos dados citados pelas partes beligerantes há uma forte dispersão de opiniões relativamente ao número de peças de artilharia, material blindado e à composição numérica do pessoal envolvido. Em particular, as informações das fontes cubanas parecem demasiado peremptórias na indicação de números precisos: 570 pes-

---

<sup>91</sup> Idem, p. 53.

soas, 400 efectivos, 24 canhões e morteiros etc. Além disso, faz falta a composição numérica de pelotões, baterias, grupo blindado. Porém, os dados disponíveis permitem chegar a determinadas conclusões.

Não há dúvida (as opiniões das partes rivais coincidem) quanto à composição da artilharia de longo alcance zaireense que combateu ao lado da FNLA<sup>92</sup>. Um pelotão zaireense de canhões de 130 mm integrava duas peças de artilharia (o cano de uma destas peças rebentou ao primeiro disparo no combate de 7 de Novembro, ficando o canhão inoperacional). O pelotão de canhões de 140 mm sul-africanos era composto por três obuses G-2 de 140 mm (chegaram à zona de combate a 9 de Novembro).

Levando em consideração que os cubanos adoptaram a estrutura orgânica soviética, então, um pelotão compreendia de duas a quatro guarnições de canhões, morteiros ou tripulações de veículos de combate, enquanto uma bateria era composta por 2-3 pelotões de canhões, morteiros ou veículos de combate. Portanto, se os 32 canhões restantes da FNLA e do Zaire forem divididos em quatro baterias, então, na versão cubana, teremos oito morteiros ou canhões sem recuo em cada bateria, o que corresponde à estrutura orgânica soviética (talvez certas baterias fossem compostas por 4-6 peças de artilharia, havendo 8-10 canhões em outras subunidades, mas o número total é o mesmo).

Entretanto, a nossa tarefa consiste em tentar reconstruir a composição real de forças e meios da FNLA e do Zaire em Kifangondo, no período de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975. É mais ou menos claro quanto à bateria de canhões sem recuo de 106 mm

---

<sup>92</sup> Cabe notar que o general “Tonta”, na Conferência de 2010, em Luanda (não se sabe porquê), chamava insistentemente a estes canhões de obuses soviéticos D-30. Mas o calibre do D-30 é 122 mm e não 130 mm. Ver, Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 16.

— são até 10 jipes equipados com canhões sem recuo de 106 mm de que falava P. Marangoni. A sua presença nas tropas da FNLA é confirmada pelo americano J. Stockwell. Marangoni lembrava-se de um outro jipe com canhão sem recuo de 106 mm de que o seu grupo dispunha. Podemos admitir que o seu número até fosse maior, digamos, de 12 veículos, o que corresponde aos dados dos cubanos. É possível que em certos carros tenham sido instalados canhões sem recuo de 75 mm. Então, é daí que aparece a referência à “bateria de canhões sem recuo de 75 mm”? Porém, em qualquer caso, vê-se que o número de armas anticarro (canhões sem recuo de 106 e 75 mm) da FNLA e do Zaire é comprovado pelos dados de ambas as partes, ou seja, de 10 a 12 peças de artilharia.

Os morteiros de 120 mm constam, igualmente, das memórias de P. Marangoni e dos cubanos E.B. Rodrigues e L.C. Sierra. Aliás, em números diferentes: “alguns” e “bateria”. Entretanto, do lado da FNLA há mais um testemunho de J.F. Castro, “convidado” pelo major A. Cardoso para participar na campanha da FNLA contra Luanda como condutor do veículo blindado *Panhard*. Ele recordava que para a conquista de Luanda, além dos veículos blindados *Panhard*, estava prevista a participação no ataque de “dois batalhões zairenses, metade do pelotão de sapadores e até dez morteiros de 120 mm”<sup>93</sup>. Partindo disso, pode-se tirar a conclusão de que o número de morteiros de 120 mm da FNLA (uma arma bastante poderosa e eficiente) corresponde aos dados cubanos e sul-africanos<sup>94</sup> e à declaração de J.F. Castro feita durante o interrogatório e era de cerca de 10 peças.

<sup>93</sup> Mais detalhadamente ver: Kolomnin S. *Tropas Especiais Russas em África*. EKSMO, Yauza, M., 2002, p. 173.

<sup>94</sup> <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>.

Segundo recordava P. Marangoni, as tropas zaienses não tinham uma “bateria de morteiros de 106 mm” referida pelos cubanos. Mas lembremos que, na véspera de 10 de Novembro, o avião *Fokker F-27 Friendship* transportou para Ambriz, para a FNLA, além de 10 morteiros de 120 mm, alguns canhões sem recuo de 106 mm. O mais provável é que os cubanos os tenham calculado como morteiros. Segundo P. Marangoni, tanto a FNLA como os zaienses tinham esses canhões sem recuo de 106 mm.

Com base nos dados dos cubanos e das testemunhas do lado da FNLA, pode supor-se que o número real do agrupamento de artilharia da FNLA e do Zaire, a 23 de Outubro, no início da batalha, não tenha sido composto por 36 canhões e morteiros, mas um pouco mais de 20 peças de artilharia em bom estado: até 12 canhões sem recuo anticarro e até 10 morteiros de 120 mm (aqui não são levados em consideração dois canhões de 130 mm zaienses que apareceram nas posições apenas a 6 ou a 7 de Novembro, nem três obuses sul-africanos G-2 de 140 mm, que chegaram ao Morro da Cal a 9 de Novembro).

Entretanto, não se deve esquecer o “punho de aço” de H. Roberto composto por veículos blindados *Panhard*. Quantos eram na realidade em Kifangondo? Os cubanos acham que eram 16 veículos. Pedro Marangoni recorda 15 *Panhard* zaienses. J. Stockwell menciona 12 veículos blindados na composição das forças da FNLA e do Zaire em Kifangondo<sup>95</sup>, os participantes sul-africanos daqueles eventos insistem em nove veículos<sup>96</sup>. No entanto, segundo evidenciam os eventos

<sup>95</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 229.

<sup>96</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*, Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

posteriores, o número de veículos blindados *Panhard* não foi factor decisivo da batalha. De facto, nos combates participaram apenas três veículos blindados do grupo de Gilberto Santos e Castro. Por isso, neste caso, só se pode falar do potencial dos veículos blindados que era bastante sério, embora nem todos os veículos AML fossem dotados de canhões ou morteiros. Segundo as testemunhas que participaram nos eventos em Kifangondo, as tropas de H. Roberto tinham veículos de três tipos: AML-90 com canhão de 90 mm, AML-60 com morteiro de 60 mm de carregamento pela culatra e AML-VTT, veículos blindados de transporte dotados apenas de metralhadoras de 7,62 mm. Se tivermos em conta que os *Panhard* zairenses deviam servir de força de choque no apoio da infantaria que se deslocava em camiões e não em AML-VTT, seria lógico supor que a maioria dos AML zairenses fosse equipada com canhões. No grupo do coronel Gilberto Santos e Castro foram integrados quatro AML, três dos quais dotados com canhões, nomeadamente, um AML-90 e dois AML-60. Portanto, a maioria dos AML que participavam na batalha estavam equipados com canhões. Ou seja, são outros de 9 a 16 (segundo fontes diferentes) canhões de 90 mm e morteiros de 60 mm “motorizados” com capacidade para tiro directo.

Ademais, nem tudo é claro com o número do pessoal que combatia ao lado da FNLA. Na edição cubana *aaa* são referidos três mil combatentes. Ultimamente, são citados com uma particular frequência os números constantes da obra fundamental de Edward George *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale*<sup>97</sup>. Ele avalia o número das tropas da FNLA e do Zaire em Kifangondo em 3220 pessoas (a FNLA, 2000, o Zaire, 1200, “merce-

<sup>97</sup> George E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. Routledge, 2005.

nários portugueses”, 120)<sup>98</sup>. Porém, estes dados, segundo o próprio autor, foram tirados das publicações de Piero Gleijeses<sup>99</sup>. Ambos, tanto P. Gleijeses como E. George, apoiam-se exclusivamente nas informações cubanas, negligenciando por uma razão qualquer a informação dos que estiveram do lado da FNLA. Por exemplo, o americano J. Stockwell avaliava os agrupamentos da FNLA e do Zaire em Kifangondo em 1500 pessoas<sup>100</sup>. Convém dizer que E. George, ao escrever o seu livro, teve vários encontros com H. Roberto. Parece estranho que ele não tenha feito referência aos dados do comandante-em-chefe do ELNA e do chefe da FNLA relativos aos seus efectivos envolvidos na Batalha de Kifangondo. Era H. Roberto que devia saber o número mais exacto de combatentes que participaram na ofensiva lançada contra Luanda. Talvez E. George não quisesse destruir o mito criado por P. Gleijeses que se serviu dos dados citados por cubanos?

Tentemos esclarecer esta questão. Quanto à “companhia de mercenários portugueses” (segundo a versão cubana), tudo está claro. Eram 154 (e não 120) comandos do coronel Santos e Castro. Não há dúvida no que se refere à “Companhia de Pontes”, que realmente existiu. Segundo P. Marangoni, “a equipa de sapadores” participou, efectivamente, em combates: no Outono de 1975, quando as FAPLA em retirada explodiram a ponte de Porto Quipiri, a engenharia zairese construiu uma nova ponte.

Mas, quantos batalhões zairenses participaram na Batalha de Kifangondo: um, dois ou três? Os cubanos e representantes das FAPLA insistem em três batalhões. O ex-comandante do ELNA em Kifangon-

<sup>98</sup> Idem, p. 89.

<sup>99</sup> Piero Gleijeses, *Conflicting Missions: Havana, Washington and Africa, 1959-1976*, University of North Carolina Press, 2002, p. 310.

<sup>100</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 229.

do, Tonta Afonso de Castro, afirma que as forças do Zaire “incluíam três Batalhões de Infantaria”, enquanto “a força da FNLA integrava quatro Batalhões de Infantaria e um batalhão de reserva”<sup>101</sup>. Mas a maioria das testemunhas do lado da FNLA, inclusive o representante da CIA dos EUA junto das tropas de H. Roberto, J. Stockwell, cuja competência não vale a pena subestimar, mencionam dois batalhões do Zaire e um batalhão do ELNA, que participaram directamente na batalha. Lembremos também o testemunho do participante daqueles eventos J. F. Castro sobre “dois batalhões das tropas zairenses e a metade do pelotão de sapadores”, que deviam atacar Luanda. Portanto, dois batalhões zairenses em Kifangondo será o número mais próximo da verdade e não três.

Quantos militares havia nestes batalhões? Segundo a versão cubana, cada batalhão zairense era composto por 570 pessoas, e o batalhão do ELNA contava com 400 combatentes. A propósito, mesmo uma simples soma dos números da edição *La Guerra de Angola* é muito menor do que 3 mil pessoas declarados por cubanos. Sabe-se que, no período da Primavera-Verão de 1975, em Angola (inclusive no território de Cabinda) operavam cerca de 1200 militares zairenses<sup>102</sup> na composição de três batalhões<sup>103</sup>. Assim sendo, é fácil calcular o número médio da estrutura orgânica que será equivalente a cerca de 400 pessoas em cada batalhão. Isso é indirectamente confirmado por

<sup>101</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, pp. 17-18.

<sup>102</sup> Guimarães F.A. *The origins of the Angolan civil war-foreign intervention and domestic political conflict*. Macmillan, London, 1998.

<sup>103</sup> Thomas P. Odom. *The Second Shaban Invasion. The French and Belgian Intervention in Zaire in 1978*. USA, Kansas, 1989, p. 17.

P. Gleijeses e E. George que mencionam “1200 soldados zairenses” em Kifangondo que, segundo os cubanos, formavam três batalhões.

Mesmo que na Batalha de Kifangondo participassem três batalhões das tropas zairenses, é muito duvidoso que em poucos meses de combates no norte de Angola (desde Março de 1975) essas unidades sejam reforçadas, atingindo 570 pessoas em cada. É mais provável que, em Outubro-Novembro, os efectivos destes batalhões, após duros combates em Angola, tenham sido substancialmente reduzidos (mortos, feridos, doentes, desertores). Por exemplo, o cubano José Ortiz, ao contar sobre os combates em Cabinda, diz que o batalhão das tropas do Zaire que fazia frente à coligação de forças das FAPLA e dos cubanos não tinha mais de 200 efectivos<sup>104</sup>. Portanto, uma média de 200-300 militares num batalhão zairense que naquela altura operava em Angola, a meu ver, é mais realista.

O candidato em Ciências Históricas, veterano de Angola, o russo A. Tokarev, na sua obra fundamental publicada na Rússia, *A FNLA na Luta Anticolonial e Guerra Civil em Angola*, salienta que, desde o mês de Dezembro de 1975 a Janeiro de 1976, o número de soldados zairenses que participavam em combates junto com as unidades da FNLA em Angola aumentou de 1000 a aproximadamente 4000 a 6000 mil pessoas<sup>105</sup>. No entanto, cabe destacar que nem todas as tropas zairenses (1000 pessoas ou perto disso), em Novembro e Dezembro de 1975, estavam concentradas nas proximidades de Luanda. Ao longo de todo o ano de 1975, o contingente zairense em Angola operava em toda a parte norte do país, inclusive em Cabinda. Por exemplo, o general

<sup>104</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Politica, La Habana, 1979, p. 39.

<sup>105</sup> Tokarev A. *A FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola*. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

das FAR de Cuba, Ramon Espinosa Martin, que na época combateu em Cabinda, recorda que, a 8 de Novembro, durante o rechaçar da ofensiva das forças da FLEC, eles faziam frente a, pelo menos, três Batalhões de Infantaria do inimigo, um dos quais era zairense<sup>106</sup>.

É possível que devido à escassez dos efectivos zairenses, na véspera da ofensiva contra Luanda, H. Roberto tenha solicitado ao Presidente do Zaire, Mobutu, o envio de mais dois batalhões de elite de comandos kamanyolas (4.º e 7.º) que chegaram a Ambriz a 11 de Setembro de 1975 nos aviões de transporte militares C-130 da FA zairense<sup>107</sup>. Seria lógico supor que estas unidades de elite, destinadas para a ofensiva contra Luanda, tivessem efectivo completo, ou seja, pelo menos 400 pessoas em cada unidade.

Assim, aos dois batalhões zairenses de 400 pessoas cada e um batalhão do ELNA de 400 combatentes adicionamos os comandos portugueses (154 pessoas), o pessoal da metade da Companhia de Sapadores zairense, as guarnições de canhões e morteiros, i.e., mais 100-150 homens. Antes da chegada a 11 de Setembro do 4.º e 7.º batalhões zairenses, H. Roberto já tinha na zona de Ambriz certas unidades zairenses. Por isso, adicionamos mais 200-250 combatentes.

Mesmo estes cálculos evidenciam que os efectivos da FNLA e do Zaire em Kifangondo se cifraram apenas em 1600-1700 pessoas (J. Stockwell que esteve com as forças da FNLA em Kifangondo insistia em número próximo, i.e., 1,5 mil pessoas). Mesmo que P. Marangoni não esteja errado ao mencionar aproximadamente 800 combatentes do ELNA (sendo demais para um batalhão), somando

<sup>106</sup> Memórias de Ramon Espinosa Martin: La Batalla de Cabinda. Ver *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 31-32.

<sup>107</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

mais de 400 efectivos do ELNA, obtemos o número total das tropas à disposição de H. Roberto na Batalha de Kifangondo em Outubro-Novembro de 1975: pouco superior a 2000 pessoas. Por isso, no que se refere às cifras que caracterizam a composição numérica das tropas da FNLA e do Zaire na Batalha de Kifangondo, o número 1500-2000 efectivos é muito mais próximo da verdade do que 3000-3500 pessoas. Portanto, o número total do agrupamento que fazia frente às FAPLA é 1,5-2 vezes menor do que o normalmente referido.

Por outro lado, refira-se que mesmo neste caso, na véspera do início dos primeiros combates em Kifangondo (23 de Outubro de 1975) o agrupamento da FNLA e do Zaire superava as forças das FAPLA em número de combatentes, pelo menos em 2-2,5 vezes, e em número de peças de artilharia, inclusive canhões de 90 mm e morteiros de 60 mm dos AML-90 e AML-60 *Panhard*, quatro, cinco ou mais vezes.

Quanto ao número das tropas das FAPLA na véspera da batalha, segundo os dados disponíveis, no momento dos primeiros confrontos armados em Kifangondo, as FAPLA contavam com 500-600 combatentes<sup>108</sup> da 9.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria que estava em processo de formação. Várias fontes informam que, até 23 de Outubro, junto com as unidades das FAPLA combateram cerca de 200 “gendarmes katangueses” — partidários da independência da província do Katanga (Zaire) que naquele período lutavam em Angola ao lado do MPLA contra a FNLA e a UNITA<sup>109</sup>. Mas, segundo recordavam os participantes cubanos na batalha, após os primeiros confrontos na

<sup>108</sup> Estimativas do autor baseadas nos dados disponíveis sobre o número de efectivos das FAPLA.

<sup>109</sup> <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>. The Militant, New York, N.º 4, January, 30, 2006. María Julia Mayoral Cuba's response to 1975 apartheid army assault on Angola.

zona do Morro da Cal, a 23 de Outubro, “devido à ameaça de ruptura das tropas da RSA no sul, eles foram transferidos para reforçar a zona da cidade de Benguela”<sup>110</sup>. A presença dos “gendarmes katangueses” nesta parte da linha de frente e as suas altas qualidades combativas são confirmadas por combatentes das FAPLA, entre estes o participante angolano José Teixeira Matabele<sup>111</sup>.

No momento mais decisivo, quando estava em jogo o destino de Luanda, por que razão o agrupamento das FAPLA foi tão subitamente enfraquecido? Por que duas Companhias de combatentes valorosos e experientes, ou seja, quase um quarto dos efectivos do agrupamento das FAPLA naquele momento, são de repente retiradas das suas posições e transferidas para uma zona situada a várias centenas de quilómetros a sul? Creio que as causas deste evento não eram directamente relacionadas com a necessidade de reforço das tropas das FAPLA no sul, exactamente por naturais do Zaire, e as razões eram bem diferentes. É possível que a direcção do MPLA não quisesse, simplesmente, que, nos combates, conterrâneos fizessem frente a conterrâneos (os “gendarmes katangueses” e os subordinados do coronel Mamina Lama eram naturais do Zaire). Talvez o Comando das FAPLA duvidasse da lealdade dos “gendarmes katangueses” na futura batalha e por isso eles foram transferidos para outra parte da linha da frente?

Na véspera de 23 de Outubro, na zona de Kifangondo, as FAPLA tiveram à sua disposição os seguintes sistemas de artilharia e armas anticarro: uma bateria de lançadores de um cano “Grad-1-P” 122 mm (segundo recordações do general “Ngongo”, seis lançadores)<sup>112</sup>, duas

<sup>110</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

<sup>111</sup> <http://laultimaguerre.com/2009/11/19/quifangondo-el-camino-de-la-muerte/>.

<sup>112</sup> Ver: Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013.

baterias de canhões sem recuo soviéticos B-10 82 mm, duas baterias de canhões sem recuo chineses C-75, algumas metralhadoras antiaéreas ZGU-1 de 14,5 mm e ZPU-4 de 12,7 mm, assim como vários morteiros de diferentes calibres (inclusive de 120 e 82 mm) e lança-granadas anticarro soviéticos<sup>113</sup>.

Cabe salientar que no início dos primeiros combates em Kifangondo, em Outubro de 1975, o agrupamento das FAPLA, em defesa, não tinha nenhum canhão de longo alcance, nenhum lançador múltiplo BM-21 ou carro de combate T-34-85.

No que se refere aos BTR-152 e BRDM-2 soviéticos, os dados sobre a disponibilidade destes veículos de combate no agrupamento das FAPLA na zona de Kifangondo são bastante contraditórios. As FAPLA, sem dúvida, tinham estas viaturas. O participante na Batalha, o general angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”, recorda que o agrupamento em Kifangondo tinha tanto os BTR-152 como os BRDM-2<sup>114</sup>. Mas, quantos eram e como se empregavam? Os casos concretos de emprego deste material blindado nos combates defensivos decorrentes de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975 em Kifangondo, por razões que não consigo entender, não são mencionados por nenhum veterano cubano<sup>115</sup>.

Entretanto, “Kianda”, nas suas memórias, escreve sobre um caso de emprego em combate do BRDM-2. Ele recorda um feito do condutor do BRDM-2 das FAPLA: durante um raide de reconheci-

<sup>113</sup> Recordações do participante na batalha Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”. Ver Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, pp. 26-27.

<sup>114</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 26.

<sup>115</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 51-52.

mento, fez chocar o seu veículo contra o AML-90 do inimigo e fez prisioneiros os soldados zairenses da sua tripulação<sup>116</sup>. Mas quando teve lugar este caso? Segundo Kianda, isso deve ter acontecido “nas acções preliminares”. Talvez muito antes de 23 de Outubro? Isso bem podia acontecer em Setembro ou início de Outubro, durante os confrontos que visam impedir o avanço das tropas da FNLA e do Zaire em direcção a Kifangondo. Infelizmente, o autor não conseguiu obter outros testemunhos.

Sabe-se que nos combates em Julho ou no início de Outubro de 1975, na direcção norte, as FAPLA tiveram, efectivamente, alguns BTR-152 e BRDM-2 soviéticos. Pelo menos dois BTR-152 enviados, segundo B. Putilin, ao MPLA pela direcção da Argélia, que mantinha uma atitude amigável para com A. Neto<sup>117</sup>, participaram em Julho nos combates contra as forças da FNLA e da UNITA em Luanda e ajudaram a desalojar os partidários da oposição da capital<sup>118</sup>. Como já

<sup>116</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 28.

<sup>117</sup> Entrevista com B.G. Putilin. Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

<sup>118</sup> V. Shubin no seu livro *‘Guerra Fria’ Quente* (p. 153), alegando a entrevista com B. Putilin, menciona “uns BTR-60PB” soviéticos que desempenharam “um papel importante no êxito do MPLA” em Luanda, no Verão de 1975, e que, segundo recordava o general “Ngongo”, foram fornecidos não pela Argélia, mas pela Jugoslávia. O mais provável é que se trate dos mesmos BTR. Entretanto, parece que eram os obsoletos BTR-152V soviéticos. O chefe do Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA, major Amadeu Francisco Martins, durante a entrevista com o autor, a 10 de Novembro de 1986, em Luanda, apresentou uma edição rara de um álbum de fotografias a preto e branco do funeral de Agostinho Neto, em Luanda. Na foto, vê-se bem que o caixão com os restos mortais do primeiro Presidente de Angola foi transportado no BTR-152V. O major A.F. Martins explicou que este BTR foi escolhido exactamente porque “tinha-se tornado um símbolo da vitória do MPLA sobre a FNLA e a UNITA em Luanda, em 1975”. Nos primeiros anos da cooperação militar para os angolanos que não tinham quadros formados eram fornecidos os BTR-152V de manejo mais fácil do que os modernos BTR-60PB. A URSS forneceu a Angola, no total, mais de 200 BTR-152V.

foi dito anteriormente, a 7 de Setembro, seis BRDM-2 das FAPLA, fornecidos pela URSS, participaram na tomada da cidade de Caxito.

Os partidários da FNLA recordavam que tinham visto, pelo menos, dois BRDM-2 das FAPLA danificados. Foi no Caxito e na Barra do Dande<sup>119</sup>. Nos folhetos espalhados sobre Luanda, em Outubro de 1975, afirmava-se que as forças da FNLA “tinham capturado seis veículos blindados das FAPLA”, bem como havia fotos de um BTR-152 e de um BRDM-2 capturados pela FNLA. Nas fotos daqueles folhetos do arquivo do P. Marangoni vê-se bem que os veículos blindados ficaram fortemente danificados em combates.

Há outros testemunhos de emprego pelas FAPLA do BRDM-2 no norte, em particular na conquista da Barra do Dande<sup>120</sup>. Os veteranos das FAPLA recordam que um BRDM-2 caiu na emboscada da FNLA na zona da Fazenda Libongos e foi destruído com toda a tripulação pelo impacto directo do projectil de 90 mm do AML-90. Tendo em conta que o BRDM-2 se tornou símbolo das vitórias das FAPLA no norte de Angola, depois de terminados os combates, este veículo blindado foi colocado como monumento no Largo do Kinaxixi, em Luanda<sup>121</sup>. Hoje está na antiga fortaleza portuguesa de São Miguel, actualmente o Museu Nacional de História Militar<sup>122</sup>.

É sabido que, no início de Outubro, a URSS forneceu ao MPLA pelo mar, via Brazzaville, 10 BRDM-2 (é possível que este fornecimento não tenha sido o primeiro). Mas, a 23 de Outubro, quando começaram os primeiros combates em Kifangondo, provavelmente, a

<sup>119</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 142.

<sup>120</sup> Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 50.

<sup>121</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o\\_njango\\_ya\\_swalali](http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o_njango_ya_swalali).

<sup>122</sup> A URSS forneceu a Angola para as FAPLA, no total, 348 BRDM-2.

maior parte dos BRDM-2 e BTR-152, nesta frente, ou foram perdidos pelas FAPLA ou transferidos para a frente sul, ficando em Kifangondo apenas alguns veículos blindados. Segundo os participantes cubanos nos combates, quatro BRDM-2 reforçaram o agrupamento das FAPLA, bem como combatentes cubanos na véspera do dia 10 de Novembro, mas ficaram no segundo escalão das forças em defesa<sup>123</sup>.

Este facto é igualmente confirmado nas recordações do participante angolano naqueles combates, C. Mello Xavier. Ele diz que, a 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA em Kifangondo foi reforçado por um “Batalhão de BRDM” que ficou nas posições da margem esquerda do rio Bengo, no flanco esquerdo da linha de defesa<sup>124</sup>. Uma outra fonte angolana destaca que, antes do início do combate decisivo, as FAPLA “foram reforçadas pela companhia de tropas especiais e por um pelotão de BRDM situados no flanco esquerdo na zona de condução de água”<sup>125</sup>. Tendo em conta que o tempo de chegada e de entrada em posições por combatentes das forças especiais do Ministério do Interior (MI) de Cuba na zona de Cacucaco é conhecido, i.e., na noite de 9 a 10 de Novembro<sup>126</sup>, pode-se concluir que o pelotão de quatro BRDM-2 foi integrado no agrupamento das FAPLA exactamente na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro, mas não participou neste combate, ficando junto com a Companhia de tropas especiais cubana na reserva criada para a eventualidade de ruptura das tropas da FNLA em direcção a Luanda.

<sup>123</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 52.

<sup>124</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

<sup>125</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

<sup>126</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 51-52.

Nas suas memórias, os partidários da FNLA escrevem que as FAPLA, durante vários meses anteriores à Batalha de Kifangondo, empregavam nos combates os chamados “Órgãos de Estaline”<sup>127</sup>. Este termo apareceu na época da Segunda Guerra Mundial. Os soldados alemães apelidaram assim os lançadores múltiplos (RSZO) do tipo BM-13 “Katyusha” (por analogia com o instrumento musical composto por vários tubos dispostos numa fila). Actualmente, este nome dá-se na imprensa aos lançadores múltiplos da família “Grad”, “Uragan” etc.

Entretanto, segundo Pedro Marangoni, os combatentes da FNLA chamaram “Órgãos de Estaline” a “todos os mísseis de 122 mm com que foram atacados pelas FAPLA”<sup>128</sup>. Para esclarecer esta questão e evitar a confusão, convém explicar que, de Setembro a Outubro de 1975 (antes do dia 10 de Novembro), nos combates no norte de Angola contra a FNLA, os combatentes das FAPLA empregavam, com êxito, os lançadores de 122 mm de um cano “Grad-1-P”. Naquela época, antes do dia 10 de Novembro, as FAPLA não tinham lançadores múltiplos de 122 mm de quarenta canos BM-21, só “Grad-1-P”.

Durante os combates em Setembro e Outubro de 1975, no norte de Angola, os combatentes das FAPLA apelidaram este lançador (muito popular nas tropas) de “Monacaxito”. Ao lançador de quarenta canos BM-21 “Grad”, ao contrário do “Grad-1-P”, alguns chamavam “Monacaxito de 40 canos”.

---

<sup>127</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 52, 88.

<sup>128</sup> Marangoni P.A. Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/en\\_guestbook](http://www.veteranangola.ru/main/en_guestbook).

# V

## O DESENVOLVER DA BATALHA DE KIFANGONDO

(23 de Outubro–10 de Novembro de 1975)



A Batalha de Kifangondo pode ser dividida em três etapas.

**Primeira etapa:** de 23 de Outubro a 4 de Novembro. Eram os primeiros combates de encontro na zona da estrada entre a Lagoa do Panguila e o Morro da Cal, uma espécie de reconhecimento em força, prova de força, concentração e acumulação de reservas, uma intensa organização do terreno pelas FAPLA na zona de Kifangondo.

**Segunda etapa:** de 5 a 8 de Novembro. Caracterizava-se por vários ataques sérios das tropas da FNLA e do Zaire ao longo da estrada do Morro da Cal à Lagoa do Panguila e, mais adiante, contra Kifangondo, em resultado dos quais as forças de H. Roberto conseguiram avançar em direcção a Kifangondo e conquistaram a ponte sobre a Lagoa do Panguila. Aproveitando-a como testa de ponte, começaram a preparar-se para o assalto final. Esta etapa, antes de mais nada, caracteriza-se pelo reforço das partes beligerantes em artilharia.

**Terceira etapa:** de 9 a 10 de Novembro. As tropas da FNLA e do Zaire empreenderam uma ofensiva decisiva que resultou na sua der-

rota total e posterior retirada. Na noite de 10 para 11 de Novembro, em Luanda, foi proclamada a Independência de Angola. O Governo do MPLA chegou oficialmente ao poder. Cabe destacar que, no dia 10 de Novembro, os combates no norte do país não terminaram e continuavam com diferentes graus de intensidade, mas o seu carácter mudou. A 15 de Novembro, as FAPLA e os cubanos passaram à ofensiva<sup>129</sup> em direcção a Caxito e depois a Ambriz, Quibaxe, Dande e Carmona (Uíge) — este último foi tomado apenas a 6 de Janeiro de 1976. Esta ofensiva durou vários meses e culminou na derrota total das tropas da FNLA e do Zaire e do destacamento de mercenários estrangeiros que começaram a aderir ao contingente da FNLA um mês após a derrota na Batalha de Kifangondo.

---

<sup>129</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 49.

# VI

## PRIMEIRA ETAPA DA BATALHA

(23 de Outubro a 4 de Novembro de 1975)



Os primeiros combates em Kifangondo, como já foi dito, começaram a 23 de Outubro de 1975<sup>130</sup>. Poucos dias antes desta data, o MPLA, compreendendo a ameaça crescente por parte da FNLA no norte, reforçou, com urgência, as unidades da 9.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria das FAPLA com, praticamente, todas as reservas disponíveis. O mais eficiente destas era o 2.<sup>o</sup> Batalhão das FAPLA, formado por cadetes angolanos e por alguns instrutores cubanos do Centro de Preparação Revolucionária (CPR) de N'Dalatando. Pela ordem da direcção do MPLA de 21 de Outubro de 1975, este CPR foi encerrado, sendo todo o seu pessoal reorganizado no 2.<sup>o</sup> Batalhão das FAPLA com todos os elementos de serviço e abastecimento necessários<sup>131</sup>. Segundo os cubanos, o batalhão foi reforçado por uma bateria de morteiros de 120 mm com guarnições cubanas (cerca de 20 pessoas), uma bateria de morteiros de 82 mm e algumas metralhadoras antiaéreas de 12,7 mm. Naquela época, no

<sup>130</sup> FAPLA, baluarte da Paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

<sup>131</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 44.

batalhão havia até 40 instrutores cubanos<sup>132</sup> Depois de formado, o batalhão foi transferido para Kifangondo<sup>133</sup>. Além disso, as unidades das FAPLA, em Kifangondo, foram reforçadas com três canhões cubanos de 76 mm ZIS-3 e um pelotão de ZPU-4 de 14,5 mm (de duas a quatro metralhadoras)<sup>134</sup> com guarnições compostas por angolanos e por cubanos. As primeiras subunidades do batalhão chegaram a Kifangondo pela manhã do dia 23 de Outubro. Ao receber a missão de desalojar o inimigo da elevação dominante, o Morro da Cal, o 2.º Batalhão e os combatentes da 9.ª Brigada de Infantaria das FAPLA tentaram atacar o morro sem, contudo, obter êxito<sup>135</sup>. No combate, os combatentes das FAPLA e instrutores cubanos foram obrigados a recuar, tendo perdido alguns camiões ZIL nos quais o pessoal do batalhão se deslocava desde N'Dalatando. Uma recordação do combatente cubano José Ortiz dá a entender qual foi o nível de preparação do pessoal do 2.º Batalhão das FAPLA: “Os soldados angolanos do batalhão entraram no combate após ter feito um único exercício de tiro”<sup>136</sup>.

Após o fracasso no combate de encontro, sendo atacados por forças superiores do inimigo, as unidades das FAPLA e os instrutores cubanos viram-se obrigados a retroceder para a margem oposta do rio Bengo e a ocupar posições na sua margem esquerda, numa elevação na zona da vila de Kifangondo<sup>137</sup> onde cruzavam todas as estradas pavimentadas

<sup>132</sup> Operation Carlota. <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.Html>.

<sup>133</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 44-45.

<sup>134</sup> Estas armas foram transportadas de Cuba, no início de Outubro de 1975, pelos navios *Vietnam Heróico* e *El Corals Islands*.

<sup>135</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

<sup>136</sup> Edição citada: Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 50

<sup>137</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

que levavam ao norte e ao nordeste do país: Luanda-Kifangondo-Caxito-Ambriz-Ambrizete; Luanda-Kifangondo-Dande; Luanda-Kifangondo-Catete; Luanda-Kifangondo-Caxito-Piri-Uíge.

Segundo recordava o veterano angolano das FAPLA, João Luís Neto “Xietu”, as posições escolhidas para a defesa apresentavam vantagem excepcional, ficando nas elevações dominantes da margem esquerda do rio Bengo<sup>138</sup>. À direita, o caminho do inimigo que avançava do lado do Morro da Cal era cortado pela Lagoa do Panguila e pelo rio Bengo. À esquerda, estava o estuário pantanoso e sinuoso do rio Bengo que desagua no oceano Atlântico. O único caminho para Luanda que a infantaria e os veículos de combate do inimigo podiam seguir passava do Morro da Cal pela estrada asfaltada e pelas pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Além disso, ao pé da colina de Kifangondo estava um tubo grosso de betão da conduta de água que abastecia Luanda de água doce e que foi aproveitado pelas FAPLA como abrigo e obstáculo natural em várias partes da sua linha de defesa. Ao longo do tubo foram abertas trincheiras e organizados ninhos de atiradores. As posições organizadas na elevação de Kifangondo ofereciam às tropas das FAPLA a possibilidade de controlo seguro das estradas de Caxito a Luanda e de Luanda a Catete<sup>139</sup>.

Na tarde do dia 23 de Outubro, procurando desenvolver o êxito obtido no combate de encontro, as forças da FNLA e do Zaire, após um intenso tiro de artilharia, renovaram o ataque. Mas os combatentes das FAPLA, em defesa na zona de Kifangondo, rechaçaram a ofensiva<sup>140</sup>. No combate defensivo, os combatentes angolanos e cubanos empre-

<sup>138</sup> Memórias de João Luís Neto “Xietu”, ex-chefe do EMG das FAPLA.

<sup>139</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

<sup>140</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.

garam de modo eficiente os lançadores soviéticos “Grad-1-P”<sup>141</sup>, três canhões de 76 mm ZIS-3, sistemas antiaéreos de quatro canos ZPU-4 de 14,5 mm e o sistema AA de um cano ZGU-1, colocados para tiro directo contra alvos terrestres<sup>142</sup>. No período até 5 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire (os comandos portugueses, na sua maioria, não participaram naqueles combates), actuando da zona do Morro da Cal, empreenderam, pelo menos, mais duas tentativas de ataque das posições das FAPLA, mas não conseguiram conquistar a ponte sobre a Lagoa do Panguila, cada vez retrocedendo ao Morro da Cal.

No fim da primeira etapa da batalha, o agrupamento em defesa das FAPLA contava com 890 efectivos<sup>143</sup>, incluindo 58 militares cubanos<sup>144</sup>. Os combatentes aproveitavam os intervalos entre os ataques para a organização do terreno e reconhecimento, abrindo trincheiras para atirador de pé, todo o material de artilharia, i.e., canhões de 76 mm, ZPU-4, lançadores “Grad-1-P”, canhões sem recuo e morteiros, que foram colocados nas posições que garantiam a máxima eficiência do seu emprego contra o inimigo atacante<sup>145</sup>. Na organização do terreno eram utilizadas algumas máquinas de engenharia fornecidas por Luanda (*bulldozers*, escavadoras, camiões basculantes)<sup>146</sup>.

<sup>141</sup> Entrevista com participante da batalha de Kifangondo, embaixador de Angola na Rússia, Roberto Leal Ramos Monteiro “Ngongo”. Moscovo, 29 de Outubro de 2005.

<sup>142</sup> Entrevista com o veterano cubano da guerra em Angola, Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

<sup>143</sup> FAPLA, baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

<sup>144</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

<sup>145</sup> Entrevista com veterano cubano de Angola, Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

<sup>146</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 42.

# VII

## QUANDO FOI DESTRUÍDA A PONTE SOBRE O RIO BENGO?



Como já foi referido anteriormente, naquelas condições, a única via possível para a entrada em Luanda da infantaria e do material de combate da FNLA e do Zaire era a estrada asfaltada Caxito-Kifangondo-Cacuaco-Luanda. Na estrada entre o Morro da Cal, onde estava o Posto de Comando da FNLA, e Kifangondo, havia duas pontes sólidas de betão armado que existem até hoje. Uma sobre a Lagoa do Panguila e a outra sobre o rio Bengo. A ciência militar considera, com toda a razão, que os obstáculos aquáticos naturais são linhas vantajosas para a defesa e muito incómodas para os atacantes. A lógica dos eventos diz que as FAPLA deviam aproveitar estes cursos de água para uma defesa eficiente da capital, explodindo as pontes. As pontes destruídas são uma firme garantia de que as tropas inimigas, incluindo veículos blindados e artilharia pesada, não conseguem entrar em Luanda.

Em várias recordações disponíveis dos participantes na batalha (FAPLA e cubanos), bem como em outras fontes<sup>147</sup> refere-se que

---

<sup>147</sup> FAPLA, baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110. Ver também: XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

a parte em defesa para prevenir o avanço do inimigo em direcção a Luanda explodiu a ponte sobre o rio Bengo. Em algumas outras fontes históricas diz-se que foram destruídas ambas as pontes. Em particular, no livro *A Guerra em Angola (La Guerra de Angola)*,<sup>148</sup> baseado nas recordações dos participantes cubanos daqueles eventos, há uma frase: “A julgar pelo ímpeto do ataque, o inimigo não suspeitava que ambas as pontes sobre o rio Bengo foram destruídas”<sup>149</sup>. Embora no texto se trate somente do rio Bengo, é evidente que a segunda ponte referida é a da Lagoa do Panguila, tanto mais que no mapa de P. Marangoni (ver p. 110) são indicadas somente estas duas pontes. Não havia outras.

Aliás, o facto de se terem destruído as duas pontes parece-nos muito duvidoso. Além disso, não corresponde à realidade o facto de as forças da FNLA avançarem alegadamente, “não suspeitando da destruição das pontes”. O desenrolar da confrontação em Kifangondo mostra que até ao dia do combate decisivo de 10 de Novembro, o Comando da FNLA dispunha da informação precisa fornecida pelo reconhecimento e tinha a certeza absoluta de que as pontes podiam ser utilizadas para o avanço dos veículos blindados e camiões com soldados. Será que os dirigentes da FNLA estavam errados?

Mas o decorrer da batalha indica que H. Roberto, que bem controlava todas as manobras das suas tropas, bem como os seus conselheiros militares estrangeiros, esperavam entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro exactamente pela estrada Caxito-Kifangondo-Luanda. Se as pontes tivessem sido destruídas, a FNLA não teria forças e meios suficientes para organizar a travessia em pontões, especialmente para

<sup>148</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989.

<sup>149</sup> Edição citada: *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.

transportar à margem esquerda do rio Bengo a sua força de choque constituída por veículos blindados AML-90 e AML-60<sup>150</sup>.

Sabe-se que a 4 de Novembro de 1975, na véspera da batalha em Ambriz, H. Roberto teve a visita dos generais do alto-comando sul-africano, Constand Viljoen e Magnus Malan. Após a realização do reconhecimento de terreno em Kifangondo, eles deram ao líder da FNLA a opinião de que as condições do terreno não permitiam às suas tropas obter êxito no “ataque frontal” a Luanda e aconselharão-no a “poupar as forças para atacar no momento mais favorável”<sup>151</sup>. Mas H. Roberto “não deu ouvidos à opinião dos profissionais”. Entretanto, os dados disponíveis permitem considerar que o líder da FNLA estava perfeitamente ciente de que o caminho para Luanda via Kifangondo era vulnerável sob vários pontos de vista. Isso compreendiam também os conselheiros militares portugueses do dirigente da FNLA, o coronel Gilberto Santos e Castro e o major Alves Cardoso. Por isso, o Comando da FNLA, várias semanas antes do início dos combates, enviava grupos de reconhecimento com a missão de buscar as vias que permitiriam contornar Kifangondo no avanço em direcção a Luanda para as tropas da FNLA poderem entrar na capital angolana do lado leste, pela estrada via Catete. Porém, a busca de um aceitável caminho alternativo através da mata que saísse à estrada Catete-Luanda e permitisse entrar na capital contornando as pontes não deu resultado<sup>152</sup>.

Alguns historiadores acusam H. Roberto do “desejo maníaco de entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro” que afinal resultou

<sup>150</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 78.

<sup>151</sup> George E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991*. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p. 89.

<sup>152</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 76

na sua derrota em Kifangondo, e de não ter prestado atenção aos conselhos dos generais sul-africanos que tinham proposto não se envolver na batalha decisiva, mas concentrar-se em outras missões importantes. Os sul-africanos terão aconselhado o líder da FNLA a “exercer pressão sobre Luanda” a partir das posições conquistadas, não empreendendo ataques frontais, e a desenvolver a ofensiva conjunta com os sul-africanos e Jonas Savimbi, que visava a conquista das regiões no sul de Angola, incluindo os portos estratégicos de Benguela e do Lobito. Ao mesmo tempo, ele devia continuar a consolidar as suas posições no norte e nordeste de Angola, impedindo a eventual transferência das tropas do MPLA para o sul do país<sup>153</sup>.

Do ponto de vista dos militares profissionais, tais conselhos eram bem razoáveis, mas a realidade é que H. Roberto não lhes prestou atenção. Porquê? De onde vem este “desejo maníaco de entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro”? No nosso ver, a postura do líder da FNLA era evidentemente pragmática. A prática internacional mostra que na situação vivida em Angola, em Novembro de 1975, a vantagem é obtida pela organização política ou militar nas mãos da qual fica a capital do país. A capital é o centro político, económico, financeiro e informativo do país. É aqui que se encontram a sede do Governo, o aeroporto internacional (no caso de Luanda, o maior porto marítimo), os mais importantes meios de comunicação social, embaixadas estrangeiras e representações das organizações internacionais. A parte que controla a capital do Estado tem oportunidades incomparavelmente maiores de promoção das suas ideias e pontos de vista, tanto no território do país como na arena internacional.

---

<sup>153</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 104.

Holden Roberto, sendo um político ambicioso e carismático, estava perfeitamente ciente de que o MPLA, depois de proclamar a Independência no dia 11 de Novembro de 1975 na capital, em estrita conformidade com o Acordo de Alvor, teria preferência no reconhecimento da legitimidade do seu Governo pela Comunidade Internacional. E ele tinha toda a razão. A República Popular Democrática de Angola (RPDA) proclamada como resposta forçada por H. Roberto e J. Savimbi com capital provisória em Huambo (Nova Lisboa) nunca foi reconhecida por nenhum Estado e por nenhuma organização internacional. A República Popular Democrática de Angola, proclamada pela FNLA e UNITA, de facto só existia no papel e, após o reconhecimento do Governo da RPA, presidido por Agostinho Neto, pela OUA, em Fevereiro de 1976, a RPDA deixou de existir de jure<sup>154</sup>. Entretanto, no dia 11 de Novembro de 1975, vários Estados (não só os aliados do MPLA, tais como a URSS e Cuba), todos os países africanos de língua oficial portuguesa, o Brasil, Portugal e muitos outros países declararam o reconhecimento oficial da nova República e do seu Governo e estabeleceram relações diplomáticas.

Por isso, H. Roberto, que procurava entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro, custasse o que custasse, simplesmente não teve outra opção senão avançar pelo caminho mais curto do Morro da Cal e pelas pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Os dirigentes da FNLA receavam, naturalmente, que ambas as pontes nesta estrada pudessem ser explodidas no momento de ataque e a engenharia zairense só possuía material para a construção de uma ponte<sup>155</sup>. Mas, segundo os testemunhos dos partidários de H. Roberto, até ao dia

<sup>154</sup> Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da RAN, Moscovo, 2006.

<sup>155</sup> Marangoni, P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 82.

10 de Novembro, ambas as pontes, tanto sobre a Lagoa do Panguila como sobre o rio Bengo, estavam intactas. Recorramos de novo às memórias do participante na batalha do lado da FNLA, P. Marangoni. Ele afirma: “Nenhuma das duas pontes (trata-se das pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo, S.K.) estavam destruídas e não entendo porque os angolanos insistem num facto que daria até mais valor à luta deles. Claro que com a ponte destruída seria uma defesa mais segura, praticamente admitindo que não conseguiriam deter o inimigo. A ponte destruída seria uma protecção a mais.

Quando o grupo de comandos com o capitão Valdemar tomou a primeira ponte, do Panguila, apenas cordões detonantes foram encontrados, sem explosivos. Eu próprio passei por ela, intacta. A segunda ponte sobre o Bengo também estava intacta. No primeiro ataque, foi avistada inteira pelos blindados e também pelos aviões de reconhecimento. Talvez a ponte do Bengo estivesse sabotada, não destruída, ou seja, colocaram as cargas explosivas e não detonaram, tal seria feito apenas se não conseguissem nos deter? Será que isso aconteceu também na ponte do Panguila, onde encontrámos os cordões detonantes? E a explosão teria falhado?

Se as pontes estavam destruídas, como posteriormente as FAPLA e os cubanos avançaram de Kifangondo contra o Morro da Cal e Caxito? Pelas pontes...”<sup>156</sup>.

Recorramos, de novo, às memórias dos participantes angolanos na batalha do lado das FAPLA. O ex-combatente na Batalha de Kifangondo, o general Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, hoje chefe da Academia do Exército das Forças Armadas Angolanas (FAA) dizia

---

<sup>156</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

que a ponte sobre o Bengo foi destruída<sup>157</sup>. Um outro participante na Batalha, actualmente capitão da Guarda Presidencial da República de Angola, Álvaro António, na entrevista concedida à Televisão Pública de Angola (TPA) afirmou: “A ponte (sobre o Bengo, S.K.) foi destruída quando por esta avançavam três veículos de combate, incluindo um tanque (trata-se do AML-90 dotado do canhão de 90 mm, S.K.) que estava para entrar na ponte. Os dois outros veículos de combate caíram da ponte e as suas tripulações morreram na queda”<sup>158</sup>.

Então, pode-se concluir que os sapadores das FAPLA tentaram explodir a primeira ponte do Panguila, mas esta tentativa falhou e a ponte ficou intacta. Além das palavras de P. Marangoni isto fica confirmado pelas recordações de Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier e de Álvaro António, que insistem em que a ponte do Bengo, a 10 de Novembro, foi atacada por veículos blindados AML. Estes veículos só podiam aparecer ali depois de atravessar a ponte do Panguila...

No que diz respeito à ponte do Bengo, as opiniões divergem. P. Marangoni afirma que a ponte estava “inteira”, enquanto as testemunhas das FAPLA e cubanas dizem que foi destruída. Mas em que momento? Quando, exactamente?

Então, prestemos atenção a um detalhe. Uma parte dos participantes na batalha afirma que a ponte foi explodida no momento em que a esta (intacta, segundo P. Marangoni) se aproximaram os AML atacantes (Álvaro António, aliás, diz que os veículos entraram na ponte, mas isto não corresponde à realidade). Outros combatentes na batalha do lado das FAPLA asseveram que a ponte foi destruída

<sup>157</sup>[http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

<sup>158</sup> <http://allafrica.com/stories/200811120632.html>.

muito antes. O general angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recorda que a ponte do Bengo foi destruída no dia 8 de Novembro de 1975. “A 08.11.1975 as tropas da coligação inimiga apoiadas pelo fogo de artilharia realizavam a sua acção de reconhecimento combativo que nos pareceu o início da sua ofensiva decisiva, que obrigou à destruição, pelas nossas tropas, da ponte sobre o rio Bengo por ordem do comandante da 9.<sup>a</sup> Brigada”<sup>159</sup>. Além disso, ele diz: “A destruição da ponte não foi detectada pelo inimigo pois a sua explosão confundiu-se com as explosões dos fogos das artilharias beligerantes”<sup>160</sup>. Porém, esta afirmação é contestada por P. Marangoni e pelos participantes cubanos na batalha. Segundo eles, após a ofensiva falhada das forças da FNLA e do Zaire no dia 7 de Novembro, nos dias posteriores, 8 e 9, não foram realizados quaisquer ataques ou reconhecimentos em força em direcção a Kifangondo. Este momento da epopeia dos defensores de Kifangondo requer, sem dúvida, uma análise histórica mais detalhada.

Mesmo que admitamos que a ponte do Bengo tenha sido minada e explodida depois do início do ataque contra Kifangondo, então, os seus defensores corriam sério risco. Se as cargas explosivas colocadas não detonassem, como já tinha acontecido na ponte do Panguila, a FNLA teria o acesso a Luanda praticamente livre. Explodir e destruir a ponte sólida, construída em betão, como era a ponte do Bengo, não é uma coisa fácil. O que importa, não é a quantidade de cargas explosivas, mas a habilidade na sua colocação.

---

<sup>159</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 28.

<sup>160</sup> Idem, p. 29

Mas se a ponte foi, efectivamente, explodida (talvez nos dias 7, 8 ou 10 de Novembro — a data deve ser precisada, o que requer um estudo histórico pormenorizado), havia nela destruições sérias, capazes de impedir o avanço do material pesado? Pedro Marangoni afirma que não havia. O autor não dispõe de dados concretos relativos a esta questão. Um testemunho indirecto de que a ponte podia ficar de certo modo danificada podemos encontrar nas recordações de Mello Xavier. O general angolano diz que no dia 10 de Novembro, quando o combate terminou, ele e um grupo de combatentes receberam a missão de realizar reconhecimento noutra margem do rio Bengo: “Atravessámos o rio com uma canoa, fomos até ao blindado que tínhamos atingido e demos com parte do corpo do comandante que dirigia o AML. Ao lado estava uma arma daquelas caçadeiras a que chamamos lançador de ovos de Páscoa (lança-granadas de mão norte-americano M-79, S.K.) que eu ofereci ao Museu das Forças Armadas Angolanas na inauguração do Monumento dos Mártires de Kifangondo”<sup>161</sup>. O facto de o grupo de reconhecimento ter aproveitado uma canoa para chegar à outra margem fala a favor da destruição da ponte.

Os participantes cubanos na batalha, entre as causas da demora da ofensiva após a derrota das tropas da FNLA a 10 de Novembro, em Kifangondo, dizem que as FAPLA precisavam de certo tempo para a reparação da ponte do Bengo. A ofensiva foi iniciada no dia 15 de Novembro, somente depois de terem sido criadas as “condições mínimas necessárias” para a travessia<sup>162</sup>.

---

<sup>161</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

<sup>162</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 49.



# VIII

## SEGUNDA ETAPA DA BATALHA

### (5–8 de Novembro de 1975)



Pela manhã do dia 5 de Novembro, o contingente militar da FNLA e do Zaire na zona do Morro da Cal foi reforçado por C.E. portugueses e dois canhões zaienses de 130 mm transferidos de Sassalemba com guarnições sob o comando do coronel Molimbi<sup>163</sup>. As tropas atacantes depositavam grandes esperanças nestes potentes canhões de longo alcance, capazes de causar sérios danos aos defensores de Kifangondo e neutralizar as suas armas em posições de tiro. Algumas fontes dizem que eram canhões norte-coreanos, todavia, sem indicação do modelo ou nome. Cabe destacar que Tonta Afonso de Castro, na sua intervenção publicada na Colectânea *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*, menciona, insistentemente, este canhão com o índice D-30. Porém, este obus é de produção soviética (posteriormente amplamente utilizado em Angola) e o seu calibre é de 122 mm. Portanto, Tonta está, evidentemente, errado.

A Coreia do Norte (RPDC) produzia, realmente, os canhões de 130 mm. Mas as Forças Armadas deste país eram também equipadas

---

<sup>163</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 16.

com canhões de longo alcance fornecidos pela União Soviética e pela China. Assim, com elevado grau de probabilidade pode-se afirmar que os canhões utilizados na Batalha de Kifangondo eram de 130 mm soviéticos M-46 (modelo de 1954) ou as suas réplicas produzidas na RPDC ou na China (a versão chinesa chama-se “tipo 59-1”). Segundo os sul-africanos, em Kifangondo estava a versão chinesa do canhão soviético<sup>164</sup>. Estes sistemas de artilharia têm grande alcance: até 27 150 metros. A China desenvolveu um novo projectil de 130 mm, o ERFB-BB, que permitia aumentar o alcance máximo deste canhão até 38 quilómetros. Não se sabe que projecteis tinham os artilheiros zaienses, mas mesmo com o alcance de 27 quilómetros, ficando na elevação dominante do Morro da Cal, além de Kifangondo, eles podiam bombardear os subúrbios de Luanda. Além disso, o M-46 é um canhão capaz de disparar projecteis explosivos de fragmentação de 33,4 quilogramas, tanto em tiro directo como curvo, ficando as posições das FAPLA e dos cubanos praticamente indefesas.

Os sul-africanos que estavam em Kifangondo diziam que os canhões de 130 mm M-46 estavam obsoletos<sup>165</sup>, mas isso não correspondia à realidade. Esta arma mostrou-se altamente eficiente em vários conflitos armados no final do século XX e início do século XXI, em particular em Angola, Egipto, Síria, Iraque e Vietname. Exércitos de quase 30 países do mundo, até hoje, estão dotados com os canhões M-46. Na década de 80 do século XX, a URSS forneceu às FAPLA 78 canhões M-46 que eram amplamente utilizados em Angola<sup>166</sup>. Nos

<sup>164</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 103.

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Nota Informativa da DG da CMI do EMG das FA da Rússia “Da Cooperação Técnico-Militar entre a FR e a República de Angola”, de 20 de Dezembro de 2008.

combates no sul do país, uma parte destes foi capturada pelas tropas da RSA. Os sul-africanos, além de equiparem com estes canhões soviéticos algumas unidades do seu exército regular, organizaram, posteriormente, a produção de munições para o M-46 que, inclusive, eram exportadas!

Porém, convém referir que o canhão de campanha de 130 mm M-46 é uma peça de artilharia de manejo bastante complicado e deveras pesada (em marcha, o M-46 pesa 8450 quilogramas), o que requer uma guarnição, composta por oito a 10 serventes com determinadas habilidades e competências. P. Marangoni lembra que os canhões eram transportados de Sassalemba (talvez devido ao seu peso) um por um e que os “artilheiros zaienses mal sabiam realizar um cálculo de tiro”. Devido à baixa competência das guarnições zaienses, estes potentes canhões de longo alcance não desempenharam o papel que realmente podiam desempenhar.

A principal missão das tropas da FNLA na segunda etapa da batalha consistia em conquistar e manter a posse das pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Na noite do dia 6 para 7 de Novembro, a ponte do Panguila foi tomada por um grupo de comandos chefiado pelo capitão Valdemar<sup>167</sup>. Como já foi referido anteriormente, os comandos depararam-se com vestígios da preparação para a explosão, mas a própria ponte estava intacta (ver o capítulo **Quando foi explodida a ponte sobre o rio Bengo?**).

Procurando desenvolver a ofensiva, pela manhã do dia 7 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire empreenderam mais um ata-

---

Arquivo da Organização Social Regional (OSR) da “União dos Veteranos de Angola”, 2008.

<sup>167</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 82.

que<sup>168</sup>. Na zona da ponte do Panguila conquistada foi organizado o Posto de Comando Avançado onde se encontravam o coronel Gilberto Santos e Castro, o major A. Cardoso e o comandante das tropas zairenses, o coronel Mamina Lama. Nas proximidades da ponte começaram a concentrar-se várias centenas de militares zairenses e soldados da FNLA que esperavam pela ordem para o início da ofensiva. Estava previsto que o avanço em direcção a Kifangondo seria iniciado com o começo do bombardeamento das posições das FAPLA pelos canhões de 130 mm zairenses no Morro da Cal.

As unidades da FNLA e do Zaire na zona da ponte do Panguila ficavam a descoberto sob fogo praticamente contínuo dos lançadores “Grad-1-P” (durante o dia 7 de Novembro, as FAPLA dispararam contra o inimigo cerca de 100 mísseis de 122 mm)<sup>169</sup> e sofreram pesadas baixas esperando o início da preparação de artilharia. Porém, esta nunca começou: no primeiro disparo, o cano de um dos canhões de 130 mm zairenses rebentou devido à incompetência da guarnição. Os artilheiros, mal treinados, ao carregar o canhão, colocaram, erradamente, uma carga de pólvora aumentada (o canhão é de carregamento separado: primeiro, carrega-se o projectil, depois, coloca-se a carga de pólvora)<sup>170</sup>. O canhão ficou destruído e o oficial de artilharia morreu.

<sup>168</sup> Nas recordações dos participantes cubanos daqueles combates diz-se que o ataque foi iniciado ainda no dia 5 de Novembro. Ver: *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 46-47. Porém, nos comentários ao vídeo filmado por cubanos durante os combates em Kifangondo diz-se que aquele combate começou às 11 horas do dia 7 de Novembro. Ver: [http://www.youtube.com/watch?v=JxKfqvq0=-8\\_&feature-related](http://www.youtube.com/watch?v=JxKfqvq0=-8_&feature-related).

<sup>169</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 86.

<sup>170</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 106.

O disparo do segundo canhão foi igualmente falhado<sup>171</sup>. De facto, estes canhões não participaram no combate do dia 7 de Novembro.

As posições das FAPLA eram batidas por morteiros, inclusive os bastante potentes de 120 mm. Segundo os partidários da FNLA, o fogo não era muito eficiente devido à grande distância entre as suas posições e a colina de Kifangondo<sup>172</sup>. Entretanto, os participantes cubanos da defesa de Kifangondo discordam desta avaliação. Eles recordam que as granadas explodiam à frente, “nos flancos e atrás das suas posições”<sup>173</sup>. O tiro dos morteiros, que durou quase duas horas e, embora tivesse incomodado os defensores de Kifangondo, não causou nenhuma baixas aos cubanos e combatentes das FAPLA nos seus abrigos seguros<sup>174</sup>.

Apesar da falta do apoio da artilharia de longo alcance zaireense, as forças da FNLA e do Zaire, por volta das 11 horas do dia 7 de Novembro, passaram ao ataque. Devido às condições do terreno (à direita e à esquerda da estrada estendia-se uma baixa alagada ou pantanosa) as tropas avançavam em coluna pela estrada em direcção à ponte sobre o rio Bengo. A vanguarda da coluna foi formada pelos veículos blindados AML *Panhard* zaireenses seguidos por AML *Panhard* de comandos portugueses e camiões *Mercedes* com soldados. Os defensores de Kifangondo viram até cinco veículos blindados AML *Panhard* aproximar-se da ponte do Bengo acompanhados de

<sup>171</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 231.

<sup>172</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 85.

<sup>173</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

<sup>174</sup> Entrevista com o veterano cubano da guerra em Angola, Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

infantaria<sup>175</sup> que com os primeiros tiros se apeou, abrigando-se dos dois lados da estrada.

As unidades das FAPLA e instrutores cubanos em defesa receberam a coluna atacante pelo fogo bem organizado e coordenado dos canhões de 76 mm ZIS-3, lançadores “Grad-1-P”, morteiros de 120 e 82 mm e metralhadoras antiaéreas ZPU-4, desdobradas para tiro directo, assim como pelo fogo de todas as armas ligeiras<sup>176</sup>. Segundo recordava P. Marangoni: “O fogo fora tão intenso que minúsculos estilhaços penetraram pelos orifícios das escotilhas e visores dos *Panhard*, ferindo os tripulantes”. Sob o fogo mortífero dos defensores de Kifangondo, os veículos blindados zairenses pararam e começaram a recuar sem ter conseguido chegar à ponte do Bengo, nem tendo feito algum disparo de resposta. Os AML *Panhard* dos comandos portugueses que estavam na retaguarda da coluna retrocederam igualmente em direcção à ponte do Panguila. Nenhum dos AML atacantes teve danificações críticas, apenas alguns pneus furados por balas ou estilhaços.

A artilharia e metralhadoras das FAPLA não paravam o fogo intenso contra as forças da FNLA e do Zaire que tinham recuado à Lagoa do Panguila e ao Morro da Cal. Cabe citar aqui um trecho do livro de P. Marangoni que caracteriza o estado geral das tropas da FNLA e do Zaire naquele momento: “Após uma pequena pausa, o inimigo, orientado por bons profissionais, fez exactamente o que devia — com todas as bocas disponíveis cobriram a baixada do Panguila de fogo e antiaéreas, provavelmente avançadas, ceifavam tudo e todos (talvez se trate das ZPU-4 colocadas para o tiro directo, S.K.). As árvores incendiavam-se, os milhares de projecteis faziam-nas farfalharem agitadas

<sup>175</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

<sup>176</sup> *Idem*, p. 47.

e aliadas ao fumo que invadia as posições. O retumbar contínuo e os gritos de dor e agonia davam um ar de apocalipse, de algo terrível, mas fantástico.

Largando armas e chefes, os africanos agarravam-se aos camiões e blindados, procurando fugir. Aos feridos, ninguém acudia. Quem caísse na estrada tinha o corpo esmagado pelos veículos, cujos condutores não se podiam desviar, mergulhados numa multidão enlouquecida, nem ao menos poderiam diminuir a marcha ou seriam fuzilados pelos soldados que só pensavam em sair dali”<sup>177</sup>.

Naquele dia, a retirada das tropas da FNLA e do Zaire transformou-se numa fuga em pânico, “muitos soldados meteram-se pelo mato, abandonando as Companhias, achando que a guerra acabou de vez”. Segundo P. Marangoni, “o inimigo não aproveitara a grande chance de nos perseguir durante o pânico, avançaria até Caxito, no mínimo”. Porém, as tropas das FAPLA e os cubanos não pretendiam passar à perseguição e limitaram-se a rechaçar o ataque.

Isso permitiu a Holden Roberto, ao seu Estado-Maior, comando das tropas zaienses, em poucos dias posteriores, restabelecer a disciplina, reunir a maioria dos soldados fugitivos na zona do Morro da Cal e iniciar a preparação da nova ofensiva. O fracasso do ataque das tropas da FNLA e do Zaire contra Kifangondo, empreendido no dia 7 de Novembro, todavia, segundo P. Marangoni, teve os seus momentos positivos: pelo menos conseguiram informações complementares das defesas inimigas e do seu sistema de fogo. Em particular, foram estabelecidas as vias de acesso à ponte sobre o rio Bengo (que estava intacto), foi determinada a localização dos três canhões anticarro de 76 mm (instalados numa elevação situada logo à saída da ponte),

<sup>177</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 86.

bem como as posições da infantaria das FAPLA (equipada com os lança-granadas RPG) situadas ao longo do tubo de betão do conduto de água. Na estrada Panguila-Kifangondo, até ao dia 9 de Novembro, inclusive, não houve outros confrontos armados. Foi assim que terminou a segunda etapa da Batalha de Kifangondo.

*GALERIA  
DE FOTOS*





*Autor do livro, Serguei Kolomnin, no Morro de Cal, 1977*



*A duração da salva de um veículo (MLRS) BM-21 "Grad" é de 120 segundos*



*O cartão do membro da FNLA pertencente ao mercenário britânico Peter McAleese.*



*Julgamento dos mercenários britânicos e norte-americanos sob o comando do assim chamado "Coronel Callan", em Luanda, 1976.*



*Ex-combatente da Batalha do Kifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, 2010.*



*O mapa da Batalha de Kifangondo exposto nas edições “11.º Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986” é um documento valioso do ponto de vista histórico.*



*No livro de P. Marangoni A Opção pela Espada há um mapa pormenorizado das posições FNLA/zaienses-FAPLA/cubanos no Kifangondo com o número exacto de peças e obuses (um canhão de 130-mm zaiense, três obuses de 140-mm sul-africanos) e dos quatro BM-21 nas posições FAPLA/cubanos. Do arquivo de P. Marangoni.*



*A data de 7 de Setembro ficou na história das FAPLA como o Dia da Vitória na Batalha de Caxito, na qual foram capturados os primeiros comandos portugueses brancos do grupo do coronel Gilberto Santos e Castro, nomeadamente, Quintino, Fernandes e Pereira (ao centro).*



*Um veículo AML-90 Panhard inimigo destruído pelos combatentes das FAPLA.*



*Coluna de tropas da FNLA a caminho do Kifangondo.*

# Angola Livre e Nacionalista Esmaga as Forças Imperialistas do MPLA/UNIAO SOVIETICA



A Unidade da FNLA em Quilubo, na F. Norte do MPLA. E agora reconstruída pelo F.

O POVO ANGOLANO COMEÇA A RECEBER TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES AS DOSES DE MENTALIZAÇÃO COMUNISTA ATRAVÉS DA FAMIGLIA EMISSORA OFICIAL DE ANGOLA O «COBANO» (PELAS IDEIAS E PELA TRAIÇÃO) AGENTE DO IMPERIALISMO SOVIÉTICO. O SEU MINISTRO E O SEU MINISTRO E SEU MINISTRO «COMANDANTE» JUIZ (COMANDANTE DA REACÇÃO), ENVIAM MENTIRAS SOBRE AS POSIÇÕES POLÍTICO-MILITARES DA FNLA, ENQUANTO AS FORÇAS REACIONÁRIAS, IMPERIALISTAS E MERCENARIAS DO IMPERIALISMO SOVIÉTICO, PERDEM TERRENO E SÃO DEFRUTADAS NA CORRUAÇÃO DA 1ª FRENTE MILITAR.



A foto e o texto são apenas uma parte das notícias referentes ao MPLA na provincia de Vila Rica, Angola. (F. Centro). Para mais notícias sobre estes assuntos, consulte o seu Material F.



Após receber a notícia do Grupo Tropicana, Angola, Moçambique e outros, foram de FRENTE a guerra para o MPLA, ao povo, entregue pelo FANLA em sua desobediência. Como sempre a desobediência, consulte o seu Material F.

NOS MOÇAMBIQUANOS DURAMOS CONTROLANDO AS AÇÕES DOS «BANDOS DRÓGADOS» E A DESTRUIR AS ARMAS RUSSAS DA BRIGADA INTERNACIONAL, DESIGNADA PELO MPLA DE «UNIDADE DE INTERVENÇÃO». O POVO DE LUANDA E A FNLA ENTRARÁ NESTA CIDADE SEM DESTRUIÇÕES E SAQUEIO, PARA EXPULSAR OS ASSASSINOS VERMELHOS E RESTAURAR A PAZ, COM A VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA QUE TODOS NOS ESPERAMOS E TEMPO DE RESISTIR DENTRO DE LUANDA, A LIBERDADE E TERRA PARA TODOS, A VITÓRIA É NOSSA!  
VIVA O PRESIDENTE HOLDEN ROBERTO E TODOS JUNTOS NA LUTA FINAL DA LIBERDADE! — UPA/FNLA.



Para receber as notícias do MPLA, consulte o seu Material F. Para mais notícias sobre estes assuntos, consulte o seu Material F.



Tropeiros e soldados da FNLA e Cabo de Angola, Angola, Moçambique e outros, foram de FRENTE a guerra para o MPLA, ao povo, entregue pelo FANLA em sua desobediência. Como sempre a desobediência, consulte o seu Material F.



**Desafiamos a Corja Criminosa da Informação Vermelha a Desmentir Estas Fotos e a Visitar as Posições Conquistadas**

*Um dos folhetos da propaganda da FNLA lançados das avionetas sobre a Luanda em Outubro de 1975. Do arquivo de P. Marangoni.*



*Os obuses de 140-mm G-2 no Museu da História Militar de Luanda.*



*Segundo os sul-africanos, em Kifangondo, ao lado da FNLA, estava a versão chinesa do canhão soviético de 130 mm M-46. Devido à baixa competência das guarnições zaienses, estes potentes canhões de longo alcance não desempenharam o papel que realmente podiam desempenhar. Foto de fontes sul-africanas.*



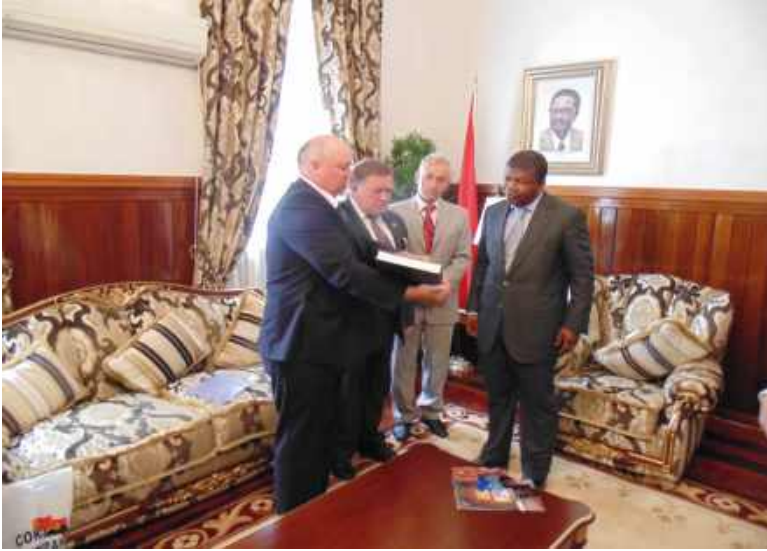
*Os Comandos Especiais portugueses da FNLA estavam sob o comando do ex-coronel do Exército Português, Gilberto Santos e Castro (ao centro). Foto do arquivo de P. Marangoni.*



*Os combatentes do ELNA capturados pelas FAPLA, 1975.*



*O líder da FNLA, Álvaro Holden Roberto, a caminho de Luanda. À esquerda está um dos seus guarda-costas, a sua alcunha era “Medalha Vazia”. Outubro de 1975.*



*O vice-presidente da União Russa dos Veteranos de Angola (URVA) e autor do livro, Serguei Kolomnin, entrega ao senhor João Manuel Gonçalves Lourenço o livro da História Militar da Rússia, Luanda, 2014.*



*O vice-presidente da URVA e autor do livro, Serguei Kolomnin, entrega ao senhor João Manuel Gonçalves Lourenço a Medalha de Ouro da URVA “Pela cooperação Angola-Rússia”, Moscovo, 2015.*



*Tendo em conta que o BRDM-2 se tornou símbolo das vitórias das FAPLA no norte de Angola, depois de terminados os combates, este veículo blindado foi colocado como monumento no Largo do 1.º de Maio, em Luanda (hoje já não existe).*



*O ex-chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Kifangondo, Roberto Leal Monteiro “Ngongo”, na qualidade de chefe de Operações do Estado-Maior-General das FAPLA, preside à reunião na mata na área do Cuito Cuanavale, 1989.*



*Duas baterias de canhões sem recuo soviéticos, B-10 de 82 mm, entre outras armas de artilharia, participaram na Batalha do Kifangondo ao lado das FAPLA.*



*O vice-presidente da URVA e autor do livro, Serguei Kolomnin, a fazer visita-guiada ao senhor João Manuel Gonçalves Lourenço, durante a sua passagem pelo museu e a sede da URVA em Moscovo, 2015.*





*A foto mostra a viatura Panhard-90 do C.E. português, o tenente Paes, pronta para descer ao Panguila, com a flamula onde se lia “Ouso”, na manhã do dia 10 de Novembro de 1975.  
Foto do arquivo de P. Marangoni.*



*Ex-combatente da Batalha do Kifangondo, chefe do Estado-Maior da 9.ª Brigada e general das FAA na reserva, António dos Santos França “Nдалu” (ao centro), é recebido pelo Presidente de Angola, engenheiro José Eduardo dos Santos.*



*A foto mostra a Panhard-90 dos C.E. portugueses em Ambriz, pronta para a partida rumo a Luanda. Está escrito: ELNA (FA da FNLA). Foto do arquivo de P. Marangoni.*



*Salvos da bateria dos Grad BM-21. Angola, Frente Norte.*



*A bateria dos Grad BM-21 em desfile, em Luanda.*



*Uma raríssima foto reflecte a chegada dos BM-21 soviéticos no avião Antonov-125 a Pointe-Noire (Congo-Brazzaville). Novembro de 1975.*



*Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro, no dia 14 de Março de 1977, deslocou-se a Kifangondo, onde António dos Santos França “N’dalu” lhe contou, ao pormenor, sobre a Batalha do Kifangondo.*



*O ex-chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Kifangondo, Roberto Leal Monteiro “Ngongo”, foi recebido na sede da URVA, Moscovo, 2018.*



*O ex-chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Kifangondo, Roberto Leal Monteiro “Ngongo”, junto ao general Sijeleca, após o acto de condecoração com medalhas da URVA. Luanda, 2015.*



*O ministro da Defesa e Veteranos da Pátria, João Ernesto dos Santos “Liberdade” e o autor do livro, Serguei Kolomnin, no Museu da URVA, Moscovo, 2018.*



*A delegação angolana, sob a chefia do ministro da Defesa Nacional, Antigos Combatentes e Veteranos da Pátria, João Ernesto dos Santos “Liberdade”, visita a sede da União Russa dos Veteranos de Angola, Moscovo, 2018.*



*Foto das altas patentes do Ministério da Defesa e da delegação da União Russa dos Veteranos de Angola após o acto de condecoração com medalhas da URVA, Luanda, 2015.*



*Serguei Kolominin oferece ao brigadeiro Simão Carlitos Wala um exemplar do seu livro Batalha Histórica do Kifangondo em russo. Sede da União Russa dos Veteranos de Angola, Moscovo, 2015.*



*O comandante da Força Aérea Nacional de Angola, coronel-general Francisco Lopes Gonçalves Afonso “Hanga”, e o tenente-general Mateus com os veteranos russos S. Kolomnin e N. Ribchuk, no acto das comemorações do 30.º Aniversário da Vitória na Batalha do Cuito Cuanavale, 2018.*



*Combatentes das FAPLA fazem as lanças de treino do lançador “Grad-1-P” “Monacaxito” na Província de Namibe. Meados dos anos 80 do século XX.*



*António dos Santos França “N’dalu” na qualidade de comandante da FAPA/DAA com assessoria soviética. Serguei Kolomnin, na altura o tradutor militar, está de costas. Luanda, 1981.*



*Cartão de Identidade do cooperante estrangeiro da FAPA/DAA de Serguei Kolomnin, 1983.*

# IX

## REFORÇO DAS PARTES BELIGERANTES NA VÉSPERA DO COMBATE DECISIVO DO DIA 10 DE NOVEMBRO DE 1975



À medida que o dia 11 de Novembro se aproximava, ambas as partes aproveitavam as possibilidades possíveis para a acumulação das forças para a batalha decisiva que devia determinar quem iria governar Luanda. No período de 8 a 9 de Novembro, o agrupamento da FNLA e do Zaire, bem como as FAPLA e instrutores cubanos em Kifangondo, foram consideravelmente reforçados.

Na tarde do dia 9 de Novembro, ao Morro da Cal chegou um pelotão de artilharia composto por três obuses rebocados de 140 mm G-2 das SADF, tendo dado, conforme a opinião oficial da CIA em Angola e conselheiro norte-americano de H. Roberto, J. Stockwell, “uma nova esperança à FNLA”. O pedido de apoio pela artilharia pesada foi dirigido pelo próprio presidente da FNLA, H. Roberto, aos generais sul-africanos Constand Viljoen e Magnus Malan durante a reunião no dia 4 de Novembro em Ambriz e repetido ao brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos, no dia 6 de Novembro<sup>178</sup>.

---

<sup>178</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 104.

A solicitação foi atendida pelo Comando das SADF. Os três obuses G-2 disponibilizados com as respectivas munições faziam parte do 14.º Regimento de Artilharia de Campanha do Exército sul-africano. As armas e guarnições chegaram nos aviões de transporte da Força Aérea da RSA a Ambriz, na noite de 7 de Novembro, mas devido à longa procura de camiões apropriados para o reboque de obuses e transporte de munições, às péssimas condições das estradas<sup>179</sup> e à intempérie às bocas de fogo, apareceram nas posições no Morro da Cal somente no dia 9 de Novembro. A guarnição dos obuses era composta por 20 artilheiros sul-africanos comandados pelo major Jack Bosch<sup>180</sup>, que dispunha de uma reserva de 1200 munições<sup>181</sup>. Junto com os artilheiros chegou um grupo de oficiais sul-africanos, incluindo um médico militar.

Posteriormente, alguns militares e historiadores sul-africanos, assim como participantes naqueles combates do lado da FNLA e da RSA, iriam chamar os canhões G-2 de obsoletos, procurando convencer que “o seu papel na batalha era de pouca importância”. Permitimo-nos duvidar desta avaliação.

Os G-2 eram uma versão modernizada da peça-obus britânica Mk2 BL de 140 mm (5,5 polegadas) da época da Segunda Guerra Mundial. As Forças Armadas da Grã-Bretanha foram equipadas com estas bocas de fogo em Maio de 1942. Os canhões eram igualmente utilizados pelas unidades sul-africanas, que combateram integrando as

<sup>179</sup> Idem, p. 105. Porém, P. Marangoni acha que as queixas dos sul-africanos de “más estradas” eram absolutamente infundadas: segundo ele, o estado da estrada asfaltada Ambriz-Caxito-Luanda era perfeito.

<sup>180</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrikel! South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

<sup>181</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 88.

forças da Comunidade Britânica nas campanhas na Itália e no Norte de África. As peças-obuses equiparam as Forças Armadas Britânicas até ao início da década de 80 do século XX, sendo utilizadas no princípio do século XXI nos exércitos da Índia, Paquistão, Nova Zelândia e África do Sul<sup>182</sup>. O alcance máximo de tiro do obus G-2 é de 16 460 metros, o alcance mínimo é de 12 quilómetros<sup>183</sup>.

Os obuses G-2 transportados para o Morro da Cal, ao contrário dos canhões de 130 mm zairenses, estavam em perfeito estado operacional<sup>184</sup> e seus serventes sul-africanos eram bem treinados e experientes<sup>185</sup>. Com o seu grande alcance, que podia superar os 16 quilómetros acima referidos, graças às posições vantajosas nas elevações dominantes do Morro da Cal e às numerosas reservas de munições, estas armas eram uma força potente que podia ser de importância decisiva no ataque a Kifangondo e abrir caminho às forças da FNLA e do Zaire a Luanda.

Basta dizer que a potência total dos explosivos das 1200 munições do G-2 fornecidas ao Morro da Cal cifrava-se em quase 6 mil toneladas (projétil do obus G-2 Mk3D de 37 quilogramas tem a carga explosiva de 5,44 quilogramas). Esta quantidade de explosivos que os G-2 eram capazes de disparar contra os defensores de Kifangondo, protegidos apenas por abrigos de terra e trincheiras, podia rapidamente arruinar as defesas existentes na colina, isso sem falar no efeito

<sup>182</sup> <http://asww.org/content/view/23/29/>.

<sup>183</sup> Helmoed-Romer Heitman. *South African Arms and Armor*. Cape Town, 1988, p. 82.

<sup>184</sup> Aliás, W. Steenkamp, no seu livro, menciona que num dos obuses G-2 “houve problemas de natureza técnica” que foram reparados rapidamente. Ver: Willem Steenkamp. *Borderstrike! South Africa into Angola 1975-1980*, Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

<sup>185</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 89.

psicológico que o bombardeamento podia produzir nos habitantes da capital angolana. Portanto, a FNLA, sendo reforçada com a artilharia pesada servida por guarnições experientes, teve, efectivamente, grande chance de êxito no futuro combate — o conselheiro norte-americano de H. Roberto, J. Stockwell, teve toda razão.

Além da chegada dos artilheiros sul-africanos ao Morro da Cal, o líder da FNLA recebeu do brigadeiro Ben de Velt Roos uma outra notícia encorajadora — as FA sul-africanas estavam dispostas a dar apoio aéreo à ofensiva da FNLA. Na véspera do ataque decisivo, três bombardeiros ligeiros sul-africanos *Canberra* deviam realizar operações de assalto contra as posições das FAPLA em Kifangondo<sup>186</sup>.

De outro lado, na véspera do dia 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos também receberam um importante reforço que, em particular, integrava uma bateria de BM-21 “Grad” com guarnição cubana<sup>187</sup>. Estes lançadores múltiplos, a 7 de Novembro, chegaram pelo mar do porto congolês de Pointe-Noire ao porto de Luanda<sup>188</sup>. Os veículos transportados da URSS chegaram ao Congo por via aérea<sup>189</sup>. Em Kifangondo, apareceram na véspera do dia 10 de Novembro. Tudo indica que os cubanos esperavam a chegada dos “Grad”, pois as suas guarnições chegaram a Luanda, vindas de Cuba, por aviões *Bristol-Britannia* da companhia aérea Cubana ainda no dia 4 de Novembro<sup>190</sup>. De destacar as medidas de segurança tomadas

<sup>186</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

<sup>187</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

<sup>188</sup> Operation Carlota: <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>.

<sup>189</sup> Os detalhes do transporte dos BM-21 da URSS ao Pointe-Noire congolês serão abordados mais abaixo.

<sup>190</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba en Africa Negra*. Discurso de 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

aquando da transferência dos BM-21 de Luanda para Kifangondo. Logo após a chegada, os “Grad”, de modo dissimulado, ocuparam as posições em profundidade da defesa, no flanco, a 6-7 quilómetros de Kifangondo, para poderem manter sob o seu fogo a maior parte da estrada do Morro da Cal até Kifangondo. As características dos BM-21 (com alcance máximo de 20 quilómetros e o mínimo de cinco quilómetros) permitiam controlar a estrada.

Durante a noite de 9 para 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos na zona de Kifangondo foi reforçado ainda mais com a companhia de força especial do Ministério do Interior de Cuba<sup>191</sup>, que tinha chegado alta noite do dia 9 de Novembro a Luanda, vinda de Havana em dois aviões *Bristol-Britannia*<sup>192</sup>. Os combatentes das tropas especiais foram transportados pela rota Havana-Barbados-Bissau-Brazzaville-Luanda, viajando como turistas à paisana e com passaportes comuns emitidos nos seus nomes reais<sup>193</sup>. Cada um deles tinha consigo uma pequena mala onde cabiam uma AKS, carregadores de reserva e algumas granadas. No compartimento de carga de um dos aviões estavam armas colectivas cuidadosamente escondidas: metralhadoras ligeiras, lança-granadas RPG-7, três canhões sem recuo de 75 mm e três morteiros de 82 mm<sup>194</sup>.

Foi a primeira unidade das tropas regulares cubanas em Angola que integrava 158 combatentes — é interessante que o seu número quase coincide com o número dos comandos portugueses ao lado do

---

<sup>191</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

<sup>192</sup> <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>.

<sup>193</sup> Márquez. G. Homens que cumpriram o seu dever. *Coetâneo*, 2 de Fevereiro de 2007.

<sup>194</sup> Urribares R. Enviados de Fidel. *Aviadores cubanos em Angola 1975-1976*. *Aviação e Tempo*, n.º 2, 2007, p. 27.

FNLA, 120 dos quais (os Corvos ao Imbondeiro) foram transferidos para o Kifangondo<sup>195</sup>, ficando no segundo escalão das FAPLA, na região de Cacuaco, e constituindo a “reserva operacional dos defensores de Kifangondo”<sup>196</sup>.

Na véspera da batalha decisiva, foram transferidas para o agrupamento em Kifangondo, praticamente, todas as forças das FAPLA e dos cubanos além dos contingentes que defendiam a Frente Sul. Para as tropas das FAPLA, em Kifangondo, até era dirigida uma das primeiras unidades formada por uma centena de mulheres-militantes do MPLA<sup>197</sup> que, porém, não constituíam uma unidade de combate, mas foram distribuídas entre as unidades em defesa, cumprindo o seu dever como pessoal de comunicações e enfermeiras.

---

<sup>195</sup> *La Guerra de Angola*. La Habana, Editora Política, 1989, p. 51.

<sup>196</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 51.

<sup>197</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo), assim como as memórias de Álvaro António, Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008. <http://allafrica.com/stories/200811120632.html> e <http://www.tpa.ao/artigo.aspx?sid>.

# X

## COMPOSIÇÃO DE FORÇAS E MEIOS DAS PARTES NA VÉSPERA DO COMBATE DECISIVO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1975



O agrupamento da FNLA, na véspera da ofensiva decisiva contra Luanda, realizada nos dias 9 e 10 de Novembro, contava com forças da FNLA e do Zaire, num total de cerca de 2000 homens: de três a quatro Batalhões de Infantaria, Companhia de Pontes, Companhia de Comandos portugueses (154 pessoas), e 52 militares sul-africanos.

À disposição do líder da FNLA, H. Roberto, havia as seguintes armas e material blindado e transporte: de nove a 16 (segundo diferentes fontes) veículos blindados *Panhard* (AML-90, AML-60, AML-VTT), até 10 jipes com canhões sem recuo anticarro de 106 mm, pelotão de obuses sul-africanos de 140 mm G-2 (três obuses, 20 efectivos da guarnição sob o comando do Jack Bosch), um canhão de 130 mm do exército zairense “do tipo 59-1”, uma bateria de morteiros de 120 mm (até 10 morteiros), alguns morteiros de 81 mm, de 60 mm, e, supostamente, morteiros de 106 mm, além de alguns canhões antiaéreos de 20 mm instalados nos carros e camiões *Mercedes*.

O agrupamento da FNLA em Kifangondo foi chefiado pelo presidente da FNLA, comandante-chefe do ELNA, Holden Roberto. O contingente militar zairense era comandado pelo coronel Mamina Lama. O Estado-Maior da FNLA estava sob o comando do ex-coronel do Exército Português, Santos e Castro. O contingente militar sul-africano era comandado pelo brigadeiro Ben de Velt Roos. O Posto de Comando das forças da FNLA estava situado no Morro da Cal, enquanto o Posto de Comando Avançado se situava na zona da ponte sobre a Lagoa do Panguila.

Já o agrupamento das FAPLA, a 10 de Novembro, na véspera da ofensiva decisiva das forças da FNLA em direcção a Luanda, também constituído por tropas cubanas, contava com cerca de 1300 homens, sendo mais de 200 militares cubanos, nomeadamente, cerca de 80 instrutores e artilheiros das guarnições dos BM-21, canhões de 76 mm, morteiros de 120 mm e ZPU-4; uma companhia (120 militares) da força especial do MI de Cuba (assim chamados os Corvos ao Imbondeiro), que ocupavam as posições no segundo escalão na região de Cacucaco, assim como até 10 oficiais do Comando da Missão Militar Cubana em Angola<sup>198</sup>. Segundo recordavam os veteranos das FAPLA, as suas forças formavam três Batalhões de Infantaria, estando dois no primeiro escalão e um no segundo<sup>199</sup>, embora na carta da batalha publicada na edição “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo” (Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986), são claramente indicadas as posições de apenas dois batalhões. Seria interessante saber o porquê desta divergência?

<sup>198</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

<sup>199</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, pp. 27-28.

À disposição das FAPLA e cubanos havia as seguintes peças de artilharia, material blindado e de transporte: uma bateria de BM-21, outra de lançadores “Grad-1-P” (seis peças), três canhões de 76 mm ZIS-3, um pelotão de ZPU-4 de 14,5 mm, alguns sistemas AA ZGU-1 (possivelmente), uma bateria de morteiros de 120 mm, outra de morteiros de 82 mm, um pelotão (quatro veículos) BRDM-2, duas baterias de canhões sem recuo B-10 de origem soviética e outras duas de canhões sem recuo C-75, bem como vários camiões *Unimog* e outro material<sup>200</sup>.

O agrupamento das FAPLA estava sob o comando de David Moisés “Ndozi”. O Estado-Maior era comandado pelo chefe do Estado-Maior da 9.<sup>a</sup> Brigada, António dos Santos França “Nдалu”; o chefe da Artilharia era Roberto Leal Monteiro “Ngongo” e o chefe de Operações era Rui de Matos “Maio”. Também fez parte da estrutura do comando Salviano Sequeira “Kianda”. O contingente cubano em Kifangondo era comandado pelo Fernandez Gondin<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> Idem.

<sup>201</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba en Africa Negra*. Discurso 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.



# XI

## **BOMBARDEAMENTO AÉREO DAS POSIÇÕES DAS FAPLA EM KIFANGONDO: MITO OU REALIDADE?**



Algumas fontes relativas à Batalha de Kifangondo mencionam três aviões da Força Aérea da RSA *Canberra* que, na manhã do dia 10 de Novembro de 1975, bombardearam as posições das FAPLA. Nas fontes sul-africanas afirma-se que os bombardeamentos atingiram os alvos pretendidos e o comandante-chefe do contingente sul-africano na Batalha de Kifangondo, Ben de Velt Roos, ficou satisfeito com os “sérios efeitos psicológicos produzidos”<sup>202</sup>.

No entanto, o participante na batalha do lado das FAPLA, Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, não se lembra de bombardeamento aéreo algum, mas, recorda: “Estávamos à espera do início da ofensiva a 10 de Novembro de 1975. Eram 5 horas de manhã quando apareceram dois aviões que sobrevoaram as posições das FAPLA no morro de Kifangondo. A primeira impressão era que pretendiam bombardear, mas nada aconteceu. Eram voos de reconhecimento dos acessos às nossas posições e do estado das pontes, realizados por

<sup>202</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, p. 105.

aviões ligeiros de reconhecimento a operar do aeródromo em Ambriz ou das pequenas pistas que havia naquela região, em particular, na Fazenda Martins de Almeida”<sup>203</sup>. A julgar pelas recordações dos participantes da batalha, não havia nada de extraordinário nisso. Os voos de reconhecimento da aviação ligeira e não armada da FNLA eram bastante regulares.

P. Marangoni confirma que, a 10 de Novembro, o campo de batalha era sobrevoado por aviões ligeiros da FNLA que descolavam de Ambriz. O seu objectivo era, de facto, o reconhecimento do inimigo, não se tratando de bombardeamentos<sup>204</sup>. Além disso, acrescenta, “nem o coronel Santos e Castro foi comunicado da ajuda de bombardeiros sul-africanos”<sup>205</sup>. Por outro lado, P. Marangoni, que estava no primeiro escalão das tropas atacantes, recorda que “por volta das 5h00 do dia 10 de Novembro ouvi um ruído semelhante a jactos de combate em grande altitude e depois três explosões surdas, não mais, abafadas entre o morro de Kifangondo e Luanda”.

Tendo em conta que, nesta região, o amanhecer só começa por volta das 5h36 (como foi o caso daquele 10 de Novembro, em Luanda) e que, segundo testemunhos dos combatentes, naquela manhã chovia e havia um nevoeiro cerrado, é difícil aceitar que o bombardeamento — caso tenha mesmo sido realizado por aviões sul-africanos — pudesse ter sido feito com a precisão desejada. Pedro Marangoni, com base nas suas impressões pessoais, partilha da mesma ideia: “Se houve

<sup>203</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

<sup>204</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

<sup>205</sup> Os sul-africanos que estavam algo desconfiados do coronel Santos e Castro, podiam não lhe ter participado essa informação.

tentativa, não passou disso, talvez por causa da dificuldade de execução (devido à proximidade entre as forças em confronto no terreno)”.

Um pormenor interessante: as informações sobre a participação da aviação de bombardeamento da RSA nos eventos em Kifangondo, em Novembro de 1975, não constam nas mais variadas edições sul-africanas dedicadas à história das SADF (Forças de Defesa Sul-Africanas) e da FASA (Força Aérea Sul-Africana). Existem descrições pormenorizadas, por exemplo, da Operação da FASA de evacuação do contingente militar sul-africano da região de Kifangondo em Novembro de 1975, no entanto, não há nenhuma referência ao emprego dos bombardeiros da FASA nas proximidades de Luanda nessa data! Sabendo-se da atitude quase religiosa das SADF diante da sua história, sendo escrupulosamente fixado tudo o que tinha ocorrido durante a intervenção em Angola em 1975-1976 (Operação “Savana”) e no decorrer da chamada Guerra da Fronteira (*Border War*), posteriormente, tal lacuna é francamente surpreendente. O próprio voo nocturno de mais de mil quilómetros desde a base aérea dos *Canberra* em Rundu, na Namíbia, e vice-versa, é realmente um facto notável. Tal voo demonstra as melhores qualidades das aeronaves e dos pilotos, a sua excelente mestria e capacidade de atingir com alta precisão um alvo em ambientes adversos (noite, mau tempo) e, evidentemente, devia ficar nos anais da história da Força Aérea Sul-Africana.

Na edição “History of the South African Air Force”<sup>206</sup> sobre os eventos em Kifangondo são dedicadas apenas algumas linhas do livro a este evento, nomeadamente, “no decurso da Operação Savana”, em 1975-1976, a Força Aérea da RSA utilizava, em Angola, helicópteros, aviões ligeiros e aviões de transporte militares”. Sobre a operação, em

<sup>206</sup> [www.af.mil.za/about\\_us/history.html](http://www.af.mil.za/about_us/history.html).

1975, nas proximidades de Luanda, diz-se: “Os helicópteros *Westland Wasp* evacuaram as tropas sul-africanas da região a norte de Luanda”. Além disso, está escrito que “na fase final da operação participaram os helicópteros *Puma* que operavam a partir do convés da fragata *President Steyn* da Marinha da RSA, tendo transportado o contingente militar sul-africano da região de Ambrizete<sup>207</sup>.”

Pode-se supor que este episódio não tenha ocupado um lugar digno na história da FA da RSA porque todos os esforços dos pilotos não se coroaram de êxito e a missão de combate simplesmente não foi cumprida, tanto mais que os participantes nos combates, de um e de outro lado, não viram os aviões *Canberra* sobre o campo de batalha e não se lembram de bombardeamento aéreo algum. A informação de que o bombardeamento (ou antes, convém dizer, da tentativa de bombardeamento) teve lugar pode ser encontrada no livro da autoria de Willem Steenkamp, *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*<sup>208</sup>, que mereceu três edições. O autor, fazendo referência ao brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos e ao oficial de comunicações da FA sul-africana, Ken Snowball, ambos participantes na Batalha de Kifangondo, afirma que três aviões *Canberra* com três bombas de 450 quilogramas cada, sendo comandados pelo oficial Steenkamp, levantaram voo da Base Aérea de Rundu e, na manhã do dia 10 de Novembro, chegaram à zona do alvo. Eis o que escreve o autor: “Às 5 horas e 59 minutos, terminado o tiro de artilharia, os *Canberra* de Steenkamp apareceram sobre o campo de batalha e realizaram o bombardeamento. Porém, o ataque não causou grande dano visto que os aviões deviam manter-se a grande altura e os alvos

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975-1980*. Ashanti Publishing, 2007.

ficavam invisíveis no nevoeiro matutino. Foram lançadas somente quatro bombas das nove disponíveis, mas nenhuma atingiu os alvos. O facto foi testemunhado pelo oficial Ken Snowball<sup>209</sup>.

Refira-se que muitos participantes directos na batalha, que estavam em pleno combate, só posteriormente souberam daquele bombardeamento. Durante o dia 10 de Novembro de 1975, a maioria absoluta dos soldados e oficiais que participaram na batalha não tinham a mínima ideia de que Kifangondo foi bombardeado pela aviação sul-africana. As consequências eram de muito pouca importância para o desfecho do combate de 10 de Novembro. As explosões das bombas não causaram prejuízo algum aos defensores. Os participantes cubanos naquela batalha, os tenentes-coronéis das FAR de Cuba, Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra, nem mencionavam este facto nas suas memórias. O emprego da aviação de bombardeamento tão-pouco contribuiu para o aumento da autoconfiança dos soldados da FNLA, porquanto eles simplesmente não sabiam nada disso. Por isso, a declaração do brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos de que “os bombardeamentos atingiram os alvos pretendidos” e produziram “sérios efeitos psicológicos” nem de longe corresponde à verdade.

A única consequência significativa do emprego da aviação (aviões ligeiros da FNLA) foi a transferência da bateria de BM-21 “Grad” para as novas posições mais a leste do morro de Kifangondo devido à ameaça da sua detecção pelo reconhecimento aéreo<sup>210</sup>.

---

<sup>209</sup> Idem, p. 105.

<sup>210</sup> XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.



## XII

### TERCEIRA ETAPA DA BATALHA

(9-10 de Novembro de 1975)



Durante todo o dia 9 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire flagelavam com a sua artilharia de longo alcance e morteiros as posições das FAPLA e dos cubanos em Kifangondo, assim como os subúrbios de Luanda<sup>211</sup>. Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier recorda: “Durante o dia (9 de Novembro, S.K.) estivemos sob tiro intenso de todas as baterias da artilharia do inimigo que, pelo visto, esperava que respondêssemos, descobrindo a localização das nossas armas. Mas, pela ordem do comandante ‘Ndozi’ as nossas tropas não abriam fogo, pois sabíamos que os sul-africanos utilizavam o sistema de pontaria de canhões que localizava os alvos pelo som”<sup>212</sup>. A artilharia bombardeava

<sup>211</sup> FAPLA, baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

<sup>212</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo). Na guerra em Angola, os sul-africanos utilizavam o sistema de localização de alvos pelo som para obuses de longo alcance, em particular durante a Batalha de Cuito Cuanavale, em 1987-1988. Porém, é duvidoso que os combatentes das FAPLA tenham sabido disso em Novembro de 1975. É mais provável que o general Carlos Alberto da Silva tenha chegado a essa conclusão com base na sua experiência posterior da guerra em Angola. Além disso, parece surpreendente que, naquela altura, o general Xavier tenha informações sobre a participação no combate de 10 de Novembro ao lado da FNLA da artilharia dos sul-africanos, visto que os seus canhões chegaram ao Morro da Cal apenas no dia 9 de Novembro, mesmo na véspera do combate decisivo.

durante todo o dia 9 de Novembro e apenas à noite reinava o silêncio. Naquele dia, não houve mais ataques contra Kifangondo. O combate decisivo teve lugar no dia 10 de Novembro.

Às 4h30 da manhã de 10 de Novembro de 1975, o tiro intenso de canhões e morteiros do lado do Morro da Cal contra as posições das FAPLA marcou o início da preparação da artilharia de ofensiva em direcção a Kifangondo. Os obuses de 140 mm sul-africanos, visando produzir um efeito psicológico nos habitantes da capital angolana, começaram também a bombardear Luanda e os seus subúrbios. Era igualmente utilizado o canhão de 130 mm zaireense. P. Marangoni recorda que “segundo o plano de tiro, primeiro se bombardearia alvos estratégicos da capital, incluindo o aeroporto, por onde uma ponte aérea despejava soldados cubanos e armamentos. Depois, era a vez de Kifangondo, na tentativa de se destruir os abrigos. À medida que fossem detectados focos de resistência aos blindados *Panhard* a avançar pela estrada, os obuses iriam fazendo o seu tiro de protecção”.

Durante a preparação da artilharia, alguns dos projecteis dos obuses sul-africanos disparados em direcção à capital angolana explodiram na região de Grafanil. Várias fontes indicam que, naquela região, o bombardeamento causou a morte de uma mulher<sup>213</sup>. No entanto, é possível que não tenha sido um projectil de obus, cujo alcance era de apenas 16 quilómetros, mas uma bomba sul-africana lançada por um dos *Canberra*. Em seguida, os artilheiros sul-africanos transportaram o tiro directamente contra as posições de defensores de Kifangondo. A julgar pelas recordações dos participantes na batalha do lado das FAPLA, aquela manobra não causou grandes perdas, visto que, naquela noite (de 9 para 10 de Novembro), uma parte da artilharia das FAPLA mudou de posi-

<sup>213</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 42.

ção devido à ameaça de terem sido localizadas na véspera pela aviação ligeira do inimigo<sup>214</sup> e os canhões das FAPLA não abriam fogo<sup>215</sup> para que as novas posições não fossem detectadas.

Entre as 6 e as 7 horas da manhã do dia 10 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire passaram à ofensiva. H. Roberto, procurando romper as defesas dos defensores de Kifangondo e conquistar Luanda, lançou ao ataque todas as suas forças disponíveis, inclusive a sua “reserva estratégica”, i.e., a companhia que integrava 154 comandos portugueses, comandada pelo coronel Santos e Castro, e todos os veículos blindados AML-90 e AML-60 *Panhard*. Foi tida em consideração a experiência anterior mal sucedida da ofensiva de 7 de Novembro quando os soldados zairenses que estavam na vanguarda fugiram do campo de batalha. Por isso, a formação de combate foi alterada: desta vez, no primeiro escalão estavam os comandos portugueses, mais seguros e experientes, com os seus veículos blindados AML.

As tropas da FNLA e do Zaire avançavam em dois grupos ao longo da estrada. No primeiro escalão estavam os comandos portugueses (até 80 homens) e três AML *Panhard* (dois AML-60 e um AML-90). No segundo escalão, avançavam os restantes AML *Panhard*, seguidos por soldados da FNLA e do Zaire nos camiões *Mercedes*. A distância entre o Morro da Cal e a ponte sobre a Lagoa do Panguila pela estrada é de alguns quilómetros, mas o comando da FNLA considerou esta formação mais aceitável: os soldados avançavam em camiões, poupando forças para o ataque decisivo a pé.

---

<sup>214</sup> Idem, p. 51.

<sup>215</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

Em caso de captura da ponte sobre o rio Bengo, pela vanguarda dos comandos do coronel Santos e Castro, o segundo escalão atacante formada por soldados zairenses e da FNLA devia rapidamente avançar por esta ponte, penetrando à profundidade da defesa. Segundo o veterano cubano García Martínez, se as forças da FNLA conseguissem chegar à ponte sobre o rio Bengo, capturá-la e passar para a margem esquerda, a situação dos defensores seria realmente muito grave, pois o inimigo teria caminho aberto para Luanda<sup>216</sup>.

Aliás, muitos dos comandos portugueses do coronel Gilberto Santos e Castro consideravam tal formação de combate (em coluna) absurda e insistiam numa frente de ofensiva mais larga e no aproveitamento dos flancos livres. Porém, os flancos das forças atacantes eram pantanosas (a Lagoa do Panguila e a margem do rio Bengo) e os comandantes e soldados africanos da FNLA e do Zaire, segundo recordavam os participantes sul-africanos na batalha, recusavam-se a avançar nos flancos por “terem medo de crocodilos”<sup>217</sup>. Segundo P. Marangoni, entre os comandos discutia-se a variante de desembarque no aeródromo de Luanda com a utilização dos aviões zairenses C-130. Mas essa ideia não avançou para além da discussão. Os sul-africanos (em particular, o brigadeiro Ben de Velt Roos) propuseram a H. Roberto buscar mais uma vez as vias de contorno ao longo do Atlântico, mais a oeste de Kifangondo, mas o delta do rio Bengo, que desagua no Oceano, era de difícil acesso para o material bélico. Por isso, naquelas condições, a FNLA não teve uma via alternativa para a ofensiva em direcção a Luanda.

---

<sup>216</sup> Entrevista com o veterano cubano de Angola, Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

<sup>217</sup> <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>.

Segundo os testemunhos dos veteranos das FAPLA, durante o início do ataque do lado do Morro da Cal e o bombardeamento das suas posições pela artilharia, os defensores de Kifangondo não respondiam com fogo. Os artilheiros receberam ordens do comandante do agrupamento, “Ndozi”, para esperar até que o primeiro escalão dos atacantes ficasse na zona de alcance dos principais meios de fogo<sup>218</sup>. Entretanto, testemunhas do lado oposto dizem que no momento do início do avanço das forças da FNLA em direcção a Kifangondo, do lado das posições das FAPLA, foram efectuados disparos, o que se pode explicar pela não chegada da ordem a todas as unidades, ou pela falta de disciplina dos soldados das FAPLA.

P. Marangoni, que na manhã do dia 10 de Novembro estava num jipe de comando a observar a coluna blindada a passar pela granja e a chegar à ponte do Panguila, lembra-se de, inesperadamente, terem sido lançados, com um pequeno intervalo, oito mísseis de 122 mm (duas salvas do “Grad-1-P” de quatro mísseis cada) em direcção ao Morro da Cal, que explodiram perto das posições dos G-2 sul-africanos. Ele recordava: “Ficámos surpreendidos pelas explosões de mísseis! Olhámos apreensivos para os obuses (os G-2 sul-africanos, S.K.) e para as centenas de granadas ali empilhadas, exactamente no local atingido, de onde sobe o fumo de duas séries de quatro mísseis cada, num golpe rápido que causa baixas entre os sul-africanos. O golpe, inesperado para as forças da FNLA, embora não tenha causado grandes perdas e os obuses continuassem atirando, foi de grande efeito moral”. Os soldados da FNLA e os sul-africanos que estavam no Morro da Cal sentiram a sua vulnerabilidade”.

---

<sup>218</sup> [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo).

À medida que se aproximava de Kifangondo, a coluna atacante entrava na zona de alcance das armas ligeiras e dos lança-granadas anticarro (RPG)<sup>219</sup>. Os três AML *Panhard* dos comandos portugueses, ao ficarem a 100 metros da ponte sobre o rio Bengo, foram recebidos pelo fogo dos canhões de 76 mm.

Eis a descrição de um dos episódios mais dramáticos daquele combate encontrada pelo autor na entrevista do jornalista angolano com Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, hoje general das Forças Armadas Angolanas, publicada na edição de 13 de Janeiro de 2010 do *Jornal de Angola*<sup>220</sup>. O jornal chamou a Carlos Xavier o “homem que inscreveu o seu nome na história da Batalha de Kifangondo como o autor da primeira baixa de vulto nas hostes inimigas”. Pela baixa entende-se o AML-90 *Panhard*, destruído na estrada perto da ponte sobre o rio Bengo.

O jornal, citando Xavier, diz: “Quando um dos três blindados AML se aproximou da última curva antes de chegar à ponte destruída, conseguiu detectar a posição de um dos canhões de 76 mm das FAPLA. Abriu fogo quase no mesmo instante, mas sem atingir o alvo. Junto à peça de artilharia das FAPLA estava Carlos Mello Xavier e um oficial de reconhecimento, Dinho Martins, que hoje também é general, o vice-ministro do Interior de Angola. Da guarnição do canhão fazia igualmente parte um jovem soldado cubano do grupo de instrutores que haviam chegado a Angola”.

O general Xavier acrescenta: “Foi tudo muito rápido. O cubano que estava ao meu lado precipita-se e dispara o canhão de 76 mm e não atinge o blindado inimigo. O AML parou. Dinho Martins ainda comentou: “Estamos lixados!”. O comandante recorda a sorte que ti-

<sup>219</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 90.

<sup>220</sup> *Jornal de Angola*, 13 de Janeiro de 2010.

veram quando um novo disparo, feito a partir do blindado AML 90, foi explodir precisamente no local em que hoje funciona a administração do Memorial à batalha de Kifangondo”.

O general Xavier continua a contar: “Os estilhaços atingiram a cabeça de um camarada nosso. Mas a malta não ripostou”. Segundo Xavier, a situação mudou de figura quando outros dois blindados entraram em cena e “começaram a movimentar-se na mesma direcção que o primeiro. Os dois começaram a lançar os morteiros de 120 mm” (aqui, ou Xavier ou o entrevistador está obviamente errado: os AML-60 eram dotados de morteiro de 60 mm, muito menos potente, S.K.).

O momento seguinte, Xavier descreve-o assim: “Quando vi aquilo tomei o lugar do jovem cubano, agarrei o tubo e elevei-o até onde caiu a primeira munição e, depois, com o aparelho de pontaria, vi e aponte para o blindado”. O jornalista que entrevistou o general Xavier continua a citar as suas palavras: “O disparo acertou em cheio no blindado que saiu da estrada. A partir do local em que estavam Xavier e os seus companheiros era possível identificar a curva fatal para o oficial do ELP, o tenente Paes, que fazia parte da unidade comandada pelo coronel Santos e Castro”. O general Xavier acrescenta ainda: “O AML 90 ficou com a base da torre do blindado destruída, tendo levado consigo, inclusive, metade do corpo do mercenário que chefiava o blindado”<sup>221</sup>.

Aliás, desta descrição não está claro o que naquela altura faziam as guarnições de outros dois canhões de 76 mm e dos canhões AA ZPU-4, sendo os principais meios de fogo dos defensores (até à chegada dos BM-21). Tão-pouco se pode entender se os dois blindados AML restantes continuaram a ofensiva e qual foi o desenrolar daquele combate.

---

<sup>221</sup> *Jornal de Angola*, 13 de Janeiro de 2010.

Agora, recorramos de novo às memórias do homem que naquela época esteve do outro lado da barricada, Pedro Marangoni. Ele escreveu sobre o episódio do combate acima referido: “O reduto inimigo, reforçado desde o dia 7, concentrava todas as suas armas na coluna, mas, desta vez, os blindados da vanguarda não recuavam, seguiam em frente e já em distância de tiro abriam fogo com o canhão 90, morteiros 60 e metralhadoras”. Mais adiante, P. Marangoni confirma que quando a coluna chegou a menos de 100 metros da ponte sobre o Bengo, os defensores abriram fogo contra os veículos blindados dos comandos portugueses. E conclui: “O absurdo avanço dos frágeis *Panhard* totalmente descobertos foi parado pelo fogo eficaz do canhão anticarro de 76 mm e para segurar os poucos infantas que seguiriam atrás delas foram empregadas as metralhadoras antiaéreas cujo tiro podíamos sentir sobre as nossas cabeças e que não nos deixavam levantar do solo. Foi um verdadeiro inferno!”<sup>222</sup>.

Segundo P. Marangoni, o *Panhard* 90 comandado pelo tenente Paes sofrera um impacto directo que o destroçou, incendiando-se. O seu comandante, tenente Paes, morreu e o municador Remédios ficou ferido. Um dos AML-60 chefiado pelo tenente Lopes chegou a menos de 100 metros da ponte, mas foi igualmente atingido, ficando com os pneus perfurados, porém, soube arrastar-se em direcção à retaguarda e até conseguiu salvar o condutor ferido do destruído AML-90. O terceiro *Panhard-60*, comandado pelo oficial Oliveira, havia caído no pântano devido aos tiros que recebera e como a tripulação se encontrava ileso tratou de abandoná-lo rapidamente. Mas somente o municador Azevedo conseguira retornar. A sorte dos dois outros tripulantes durante

---

<sup>222</sup> Marangoni P.A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 90.

longo tempo foi desconhecida<sup>223</sup>. Depois de rechaçado o ataque dos três *Panhard* contra a ponte, o comando da tropa em Kifangondo compreendeu que chegava o momento crítico. Atrás dos três *Panhard* dos comandos portugueses pela estrada do Morro da Cal avançava uma força séria capaz de varrer as barreiras da defesa das FAPLA.

Num determinado momento, todos os meios da artilharia, inclusive a bateria dos BM-21 “Grad” situada a leste do morro de Kifangondo, deram um golpe massivo contra as tropas em ofensiva<sup>224</sup>. Foi a primeira vez que os BM-21 entraram em combate. Isso foi uma surpresa para o inimigo. Primeiro, foi bombardeada a coluna da FNLA e do Zaire que avançava da região da granja, sendo em seguida atacado o Morro da Cal onde estavam o Posto de Comando de H. Roberto e as posições da artilharia de longo alcance da FNLA<sup>225</sup>. Alguns camiões *Mercedes*, carregados de soldados zairenses que cruzaram a ponte do Panguila, foram atingidos pelas salvas dos BM-21 e, segundo P. Marangoni, “começaram a morrer sem chance de defesa na primeira curva depois da ponte”<sup>226</sup>.

Em que momento exacto entraram em combate os BM-21? Na edição angolana de *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos* podemos encontrar a resposta a esta pergunta. No artigo publicado na colectânea *Reflexões sobre a Batalha de Kifangondo*, o historiador diplomado F. Girão

<sup>223</sup> Pedro Marangoni afirma que naquele combate foram capturados: o municionador do *Panhard-90*, Remédios, o condutor do *Panhard-60*, Serra, e o seu atirador, Oliveira, todos portugueses. Remédios foi capturado porque foi ferido com gravidade (está vivo e hoje mora em Portugal), mas Serra e Oliveira suspeita-se de que forçaram a queda do *Panhard-60* no pântano para se entregarem, desertando.

<sup>224</sup> Entrevista com o veterano cubano da guerra em Angola, Sergio Ramos. Luanda, 10 de Novembro de 1980. Mais detalhadamente, ver: Kolomin S. *Tropas Especiais Russas em África*. EKSMO, Yauza, M., 2002, p. 171 (em russo).

<sup>225</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

<sup>226</sup> Entrevista do autor com Marangoni P.A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

Osório, recorrendo às memórias dos participantes na batalha, escreve: “... o capitão Ndalú e os seus conselheiros cubanos deram ordens de não disparar aos seus artilheiros enquanto a coluna da FNLA se estende ao longo da estrada asfaltada. Subitamente, pelas 12h00 horas, todas as peças receberam ordem de fazer fogo ao mesmo tempo, fazendo cair sobre os homens e viaturas um dilúvio de projecteis e estilhaços...”<sup>227</sup>. Nesta citação não são referidos directamente os BM-21, mas tendo em conta que eles tinham um alcance superior a 20 quilómetros e que além destes lançadores nenhuma boca de fogo disponível das FAPLA podia atingir a coluna do inimigo que descia do Morro da Cal (mesmo o morteiro de 120 mm, que tem um alcance efectivo 4-5 quilómetros), torna-se evidente que as maiores perdas aos atacantes foram causadas pelos mísseis dos BM-21.

Segundo escrevia o conselheiro norte-americano de H. Roberto, chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola, J. Stockwell, que na época estava no Posto de Comando da FNLA, foram disparados mais de 2000 mísseis de 122 mm<sup>228</sup> contra as tropas atacantes da FNLA e do Zaire. Segundo os dados cubanos, que evidentemente são mais próximas da realidade, foram disparados cerca de 700 mísseis dos BM-21 “Grad”<sup>229</sup>. Os projecteis eram transportados para Kifangondo sem embalagens nas carroçarias de camiões<sup>230</sup>. Mas mesmo esta quantidade

<sup>227</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 43.

<sup>228</sup> Stockwell J. *CIA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, 1979, p. 230.

<sup>229</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

<sup>230</sup> Nota do autor: o recarregamento do BM-21, segundo o procedimento regulamentar, é realizado por Veículo de Transporte e Carregamento (TZM) no chassis do camião russo de três eixos ZIL-131. Na sua carroçaria há duas estantes 9F37 (em cada uma cabem 20 projecteis). Porém, não foi encontrada nenhuma referência à disponibilidade de pelo menos um TZM durante a batalha de Kifangondo. No vídeo dedicado aos

de projecteis foi suficiente para assestar no dia 10 de Novembro um duro e inesperado golpe às unidades atacantes da FNLA e do Zaire. Eis o testemunho do norte-americano J. Stockwell: "... então, os *rockets* cubanos de 122 mm começaram a cair no vale de Kifangondo, não como um simples ribombar de trovão, mas em salva, vinte de cada vez. A primeira salva foi comprida, troando por sobre as cabeças dos soldados da FNLA, desnorteados... A salva seguinte foi curta e o pequeno exército estava reunido, exposto num vale aberto, sem cobertura. Os corações dos soldados estremeceram oprimidos de terror, quando se atiraram para o chão ou se mantiveram de pé, desamparadamente, hipnotizados, assistindo ao cair da salva seguinte no meio deles. E outra. E uma outra ainda... a força de choque se desmantelava e fugia em pânico, espalhando-se pelo vale em todas as direcções, abandonando armas, veículos, e também camaradas feridos...

A nossa artilharia nada podia contrapor aos cubanos... O seu alcance nem chegava a metade do alcance dos lançadores múltiplos cubanos"<sup>231</sup>. Holden Roberto, que naquela altura estava no Morro da Cal e assistia, impotente, à morte dos seus soldados, muitos anos depois, numa entrevista ao historiador E. George, recordava: "Aquele dia foi o pior da minha vida... Quando vi como a chuva de mísseis arrasava as minhas tropas, desejei que a terra se abrisse e me engolisse"<sup>232</sup>.

---

combates em Kifangondo vê-se bem que os BM-21 eram carregados directamente da carroçaria do camião. Ver o recurso [http://www.youtube.com/watch?v=JxKfqvq0-\\_8&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=JxKfqvq0-_8&feature=related).

<sup>231</sup> Stockwell J. *CLA contra Angola*. União dos Escritores Angolanos, Luanda, pp. 230-231. Mais detalhadamente ver: Kolomnin S. *Tropas Especiais Russas em África*. EKSMO, Yauza, M., 2002, pp. 170-174.

<sup>232</sup> George E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. Routledge, 2005, p 317.

Eis como revive as consequências do golpe dos BM-21 no dia 10 de Novembro em Kifangondo um dos comandantes do ELNA, o general Tonta Afonso de Castro. “Tiros de morteiros de 120 mm e salvas dos BM-21 partiam como chuva de ferro do morro de Kifangondo e bateram em diferentes ângulos contra as posições da FNLA... A intensidade do fogo dos BM-21 criou pânico geral no seio de todas as forças: entre os mercenários, angolanos e zairenses, tendo até os blindados zairenses atropelado a sua tropa na precipitação e urgência em abandonar o terreno... A verdade seja dita, ninguém poderia resistir à cadência de flagelamento dos BM-21. Por isto, a maioria foi contagiada pelo pânico e assim foi levada a abandonar, desordenadamente, o campo de batalha<sup>233</sup>.

Segundo as recordações dos cubanos, depois da chegada das munições (*rockets*) de Luanda, os BM-21 “Grad”, a partir das 14h00 horas, o bombardeamento das posições da FNLA prosseguiu. Aquelas salvas “resultaram na derrota definitiva do inimigo em Kifangondo que bateu em retirada desordenada”<sup>234</sup>.

Os primeiros a compreender a derrota contundente sofrida pelas forças da FNLA e do Zaire foram os sul-africanos que logo se retiraram do campo de batalha. P. Marangoni escreve que “os obuses sul-africanos foram diminuindo a intensidade do fogo até cessar de vez. Às 16h30, os sul-africanos retiraram-se do local com todo o material, sem receber autorização ou comunicar a ninguém”. Segundo P. Marangoni, “eles fugiram durante o combate”. A sua fuga foi tão precipitada que abandonaram os obuses sem as culatras. Já na noite do dia 11 de Novembro, os conselheiros e militares sul-africanos do agrupamento da FNLA foram

<sup>233</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, pp. 19-20.

<sup>234</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

resgatados do aeródromo em Ambriz por helicópteros de transporte *Puma* da FA da RSA, sendo levados para a fragata da Marinha da RSA, *President Steyn*.

Tudo isso foi feito à revelia da FNLA. Os obuses G-2 foram, posteriormente, rebocados por soldados da FNLA, mas sem poder usá-los sem as culatras. Segundo P. Marangoni, acabaram em Ambrizete “como ferro velho”.

Os soldados sobreviventes da FNLA e do Zaire na batalha de Kifangondo, devido às enormes perdas, viriam a designar a estrada para Luanda de Estrada da Morte (“Nshila wa Lufu” na língua kikongo). Segundo os dados cubanos, a FNLA declarou oficialmente a morte de 345 dos seus combatentes em Kifangondo (sem contar as baixas entre os militares zairenses)<sup>235</sup>. Aliás, Holden Roberto, na entrevista concedida a E. George, disse que naquele combate pereceram 120 combatentes da FNLA, e mais de 240 foram feridos ou mutilados<sup>236</sup>. O general angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”, participante do lado da FAPLA, recordava que entre os defensores houve apenas “duas dezenas de feridos e três mortos”<sup>237</sup>.

---

<sup>235</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba en Africa Negra*. Discurso 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

<sup>236</sup> George E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991*. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p 317.

<sup>237</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora. Luanda, 2011, p. 30.



## XIII

### “A INTERVENÇÃO DA ARTILHARIA REACTIVA SALVOU A CAPITAL”



Como a bateria de lançadores múltiplos soviéticos BM-21, que tanto ajudou na batalha de Kifangondo a favor das FAPLA e dos combatentes internacionalistas cubanos, ficou em Angola no momento crítico da confrontação com as tropas da FNLA e do Zaire? E quantos veículos de combate integraram, efectivamente, a bateria? Isto são questões importantes deste estudo histórico.

Algumas fontes angolanas dizem que os “BM-21 chegaram de Cuba no momento decisivo”<sup>238</sup>. Porém, segundo as memórias dos veteranos cubanos da guerra em Angola, Cuba não fornecia estes veículos de combate a Angola<sup>239</sup>. O Regimento de Artilharia cubano, que, aliás, não teve na sua composição nenhum BM-21, foi enviado por via marítima de Havana para Luanda apenas no dia 12 de Novembro de 1975<sup>240</sup>. Os navios com o material de artilharia e respec-

---

<sup>238</sup> [www.aremilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=24&p=4](http://www.aremilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=24&p=4).

<sup>239</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, pp. 44-45.

<sup>240</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba en Africa Negra*. Discurso 7 de Julio del 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

tivas guarnições começaram a chegar a Luanda no período de 27 de Novembro a 1 de Dezembro de 1975<sup>241</sup>.

Nas fontes históricas, há, igualmente, divergências quanto ao número dos BM-21 “Grad”. Segundo recordavam vários autores cubanos, o seu número variava de dois a cinco veículos<sup>242</sup>. E. George, no seu livro *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale* afirma que na composição da bateria havia 6 BM-21<sup>243</sup>. Cabe destacar que na maioria esmagadora das fontes sobre os BM-21 diz-se, simplesmente, “bateria”. Segundo as recordações do assessor militar soviético A. Lyubimov, que participou nos combates na composição das unidades cubanas e angolanas de BM-21 em finais de Novembro e em Dezembro de 1975 na região de Caxito, normalmente, uma “bateria” integrava quatro veículos BM-21 “Grad”.

Os veículos de combate BM-21 “Grad”, que contribuíram decisivamente para a vitória em Kifangondo, eram transportados para Luanda no navio cubano *La Plata* do porto de Pointe-Noire (Congo-Brazzaville) no dia 7 de Novembro<sup>244</sup>, ao qual, por sua vez, chegaram na véspera por via aérea da URSS<sup>245</sup>. Segundo as recordações do ex-primeiro secretário da Embaixada Soviética no Congo-Brazzaville, B. Putilin, os funcionários da Embaixada da URSS em Brazzaville, encarregados da entrega do material bélico às partes angolana e cubana, viram-se obrigados a tomar uma decisão muito importante e de alta responsabilidade. No

<sup>241</sup> Operation Carlota: <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>.

<sup>242</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 45.

<sup>243</sup> E. George. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. Routledge, 2005, p. 88.

<sup>244</sup> Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya de Cuba en Africa Negra*. Discurso 7 de Julio del 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

<sup>245</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 51.

final de Outubro de 1975, os representantes do MPLA e dos cubanos, através da Embaixada da URSS no Congo-Brazzaville, dirigiram à direcção soviética uma solicitação de fornecimento urgente dos BM-21 “Grad” necessários para a defesa de Luanda. A Embaixada da URSS no Congo-Brazzaville apoiou esta solicitação. A Moscovo foram enviados vários telegramas codificados com a argumentação da necessidade de fornecimento da URSS por aviões de transporte An-22<sup>246</sup> dos BM-21, com a respectiva dotação de munições para a satisfação do pedido do MPLA. Apesar das dúvidas de Moscovo relativas ao transporte dos lançadores múltiplos para o Congo por via aérea, isso foi muito complicado e mesmo perigoso do ponto de vista técnico, mas a Embaixada conseguiu insistir neste fornecimento<sup>247</sup>. Os peritos militares soviéticos da Embaixada no Congo-Brazzaville estavam a avaliar a variante do transporte directo dos BM-21 para o aeródromo em Luanda, na época controlado pelo MPLA. No entanto, a direcção soviética proibiu categoricamente a aterragem dos aviões soviéticos em Luanda e a entrada dos navios soviéticos nos portos de Angola antes da proclamação oficial da Independência do país<sup>248</sup>.

A única solução que restava era levar os BM-21 por via aérea para o Congo-Brazzaville e depois transportá-los para Luanda em navio. Entretanto, era necessário fazer chegar este material pesado directamente ao porto marítimo congolês de Pointe-Noire. Foi uma tarefa muito complicada. Porém, as características do aeródromo de Pointe-Noire não permitiam receber os enormes e pesadíssimos aviões soviéticos An-22. Apesar de tudo, a decisão de aterragem destas ae-

<sup>246</sup> As características do An-22 permitem transportar dois BM-21.

<sup>247</sup> Entrevista com B.G. Putilin. Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

<sup>248</sup> Soldado da Fortuna, N.º 5, 2007, p. 33.

ronaves em Pointe-Noire foi tomada pelos soviéticos – Moscovo fez todo o possível para ajudar o MPLA nas vésperas da independência.

O transporte de armas soviéticas da URSS ao Congo foi realizado por aviões An-22 (Antey) da 12.<sup>a</sup> Divisão da ATM Mguinsk<sup>249</sup>, que faziam escalas para o reabastecimento nos aeroportos de Argélia e Conacri (República da Guiné). O adjunto do comandante do 81.º Regimento da Aviação de Transporte Militar da Divisão da ATM de Mguinsk, o tenente-coronel B. Jukov recordava: “Em 1975, prestávamos apoio ao Povo Angolano. A minha tripulação e as tripulações do major V.V. Diakonov e do major A.V. Yatamanov fizemos a primeira escala para o reabastecimento no aeroporto de Argélia. Após o reabastecimento, a saída da Argélia rumo a Conacri foi adiada. Quando a descolagem foi autorizada, constou que a tripulação do último avião devia aterrar à noite. O aeroporto de Conacri não foi equipado com o sistema de luzes. Graças às comunicações seguras entre as tripulações em voo, avisei o major Diakonov para que ele, depois de aterrar, não desligasse o rádio e controlasse a minha aproximação. Caso necessário, ele devia ajudar e corrigir a minha aproximação e aterragem. A aterragem foi normal”.

Após a aterragem em Conacri, fomos visitados por um funcionário da nossa Embaixada que me disse que devíamos transportar a carga para Pointe-Noire, no Congo, uma cidade localizada na própria costa do Oceano Atlântico. Então, respondi que a tripulação não estava pronta para um voo destes devido à falta de condições adequadas para a aterragem do An-22 no aeródromo de destino. Somente após um voo de reconhecimento a Pointe-Noire, realizado no An-12, e do respectivo informe dirigido a Moscovo com a confirmação da pos-

<sup>249</sup>As recordações do adjunto do comandante do 81.º Regimento da Aviação de Transporte Militar da Divisão da ATM de Mguinsk, o tenente-coronel B. Jukov publicadas no sítio [http://vta81vtap.narod.ru/lr/rysev\\_av.htm](http://vta81vtap.narod.ru/lr/rysev_av.htm).

sibilidade de aterragem do An-22, fiz quatro voos transportando o material para aquele aeródromo”<sup>250</sup>.

B. Putilin recordava: “Para diminuir ao máximo o peso do avião, em cada “Antey” embarcava somente um veículo de combate BM-21. No fim da pista de descolagem e aterragem, em Pointe-Noire, os cubanos prepararam dois carros de combate para o caso de a pista ser curta demais para a corrida de aterragem e o avião acabar por atolar no relvado. Então, os carros de combate podiam desatolar os aviões. Porém, os pilotos conseguiram aterrar as pesadas aeronaves sem problemas e no mesmo dia os veículos de combate partiram no navio cubano para Luanda”<sup>251</sup>. B. Jukov recordava: “O voo (a Pointe-Noire, S.K.) foi realizado com o limite do peso máximo do avião devido ao comprimento insuficiente da pista de terra batida, restrições de rolagem e alta temperatura do ar exterior. A aterragem foi feita nas condições meteorológicas mínimas”<sup>252</sup>.

B. Jukov recordava ainda que “após aqueles quatro voos importantes”, já estando em Luanda na qualidade de controlador de voos, “fui convidado pela Embaixada onde a tripulação recebeu o agradecimento oficial pela realização daqueles voos urgentemente necessários para Angola”<sup>253</sup>.

Na véspera da Batalha de Kifangondo, de Pointe-Noire foram transportados para Luanda quatro veículos de combate BM-21 “Grad”: B.P. Jukov fez quatro voos de transporte dos BM-21. O tradutor militar soviético, Vladimir Kostrachenkov, que naquele período

<sup>250</sup> [http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev\\_av.htm](http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev_av.htm).

<sup>251</sup> Entrevista com B. Putilin, Moscovo. 10 de Fevereiro de 2004.

<sup>252</sup> [http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev\\_av.htm](http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev_av.htm).

<sup>253</sup> Idem.

fazia parte do grupo de especialistas militares soviéticos no Congo-Brazzaville e participou no desembarque dos BM-21 dos aviões em Pointe-Noire e depois no seu embarque no navio cubano, lembra-se perfeitamente de que havia quatro veículos de combate<sup>254</sup>.

Na Batalha de Kifangondo, foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores múltiplos (MLRS) BM-21 “Grad” não só em Angola, mas em toda a África subsariana. O lançador múltiplo BM-21 “Grad” destina-se à destruição da força viva a descoberto e em abrigos, material não blindado e de blindagem leve, baterias de artilharia e morteiros, Postos de Comando e outros alvos do inimigo nas zonas de concentração e no decurso de operações de combate. Este sistema equipou o Exército soviético em 1963 e a sua produção em série foi iniciada em 1964. O sistema teve o seu baptismo de fogo em Março de 1969, na ilha Damanski, durante o conflito entre a URSS e a República Popular da China. Depois, participou em acções de guerra no Médio Oriente e no Vietname. Em 1970, a URSS produziu o 646 BM-21; em 1971, o 497 BM-21 (124 propostos para a exportação); e no primeiro semestre de 1972, 255 BM-21 (60 veículos foram exportados). Posteriormente, foi registado um aumento das exportações desta arma poderosa e eficiente. Desde 1975 até ao final da década de 80 do século XX, a URSS forneceu ao MPLA/FAPLA 89 lançadores múltiplos de 40 canos BM-21 “Grad” sobre chassis do camião “Ural” e 24 veículos de combate BM-14 (de 16 canos) sobre chassis de ZiL-157, assim como uma série de outras versões de lançadores múltiplos soviéticos (em número pouco importante).

O BM-21 “Grad” de 40 canos é particularmente apreciado pela sua mobilidade (o tempo de entrada em operação com uma guarnição

---

<sup>254</sup> Entrevista com V. Kostrachenkov. Moscovo, 15 de Novembro de 2014.

treinada é de apenas 3,5 minutos) e potência das salvas — o tempo de lançamento de 40 foguetes de 122 mm com 6,4 quilogramas de carga explosiva cada (versão explosiva de fragmentação) por um veículo de combate é de 20 segundos! Aliás, o BM-21 tem um ponto fraco que consiste na baixa precisão devido à grande dispersão de projecteis. Como é sabido, a dispersão dos foguetes em alcance é um tanto superior à dispersão lateral, ou seja, o local da queda dos projecteis tem a forma de uma elipse alongada. Tendo em conta esta particularidade, as colunas das tropas da FNLA e do Zaire em avanço pela estrada do Morro da Cal a Kifangondo constituíam um alvo ideal.

O papel decisivo dos BM-21 no combate de 10 de Novembro em Kifangondo é confirmado, entre outros, por P. Marangoni, participante na batalha do lado da FNLA. Ele considera: “Sem nenhuma dúvida, os BM-21 foram decisivos para o pânico e a debandada geral das tropas da FNLA e zairenses em Kifangondo. Mas, mesmo se os *Panhard* não fossem detidos e o nosso pequeno grupo pudesse avançar, não teríamos ninguém nos seguindo, pois o grosso da tropa africana debandara apavorada pelo efeito psicologicamente devastador dos BM-21 “Grad”... Resumindo, sim, concordo que esta arma foi decisiva não só no rumo da batalha, mas de toda a guerra”<sup>255</sup>.

Eis a opinião dos combatentes internacionalistas cubanos, Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra: “Naquele combate, o papel dos BM-21 foi decisivo”<sup>256</sup>. O jornalista cubano José Ortiz, que chegou a Angola no dia 9 de Novembro de 1975 com as primeiras subunidades do batalhão da força especial do MI de Cuba, pensa que “na Batalha de Kifangondo materializou-se a ajuda militar da

<sup>255</sup> [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_rus](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_rus).

<sup>256</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

URSS. Finalmente, chegaram os tão esperados BM-21 e a situação mudou radicalmente. A intervenção do artilharia reactiva salvou a capital...”<sup>257</sup>. Não há nada a acrescentar a estas palavras. Mas porque alguns historiadores e veteranos das FAPLA nem sempre concordam com esta opinião<sup>258</sup>?

---

<sup>257</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Politica, La Habana, 1979, p. 51.

<sup>258</sup> Memórias do general “Ngongo”. Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013, p. 80.

# XIV

## VITÓRIA DO INTERNACIONALISMO



Infelizmente, durante um longo período, não tive, por várias razões, a oportunidade de viajar para Angola e visitar o local onde foi erguido o grandioso memorial em homenagem aos defensores de Kifangondo. Finalmente, em Outubro de 2014, ao ser integrado na delegação da União dos Veteranos de Angola da Rússia acompanhada por um grupo de jornalistas do programa da TV russa *NTV*, fui a Angola e visitei o principal Monumento Nacional aos Heróis de Angola. Tive uma sensação muito especial ao ver o magnífico grupo escultórico central do monumento constituído por duas figuras de combatentes (angolano e cubano) a empunhar armas, eternizados em granito no seu ímpeto heróico. E eram figuras de verdadeiros participantes na Batalha! O guia angolano da excursão para os veteranos russos da guerra em Angola falava sobre “as salvas decisivas dos “monacaxitos” de 40 canos, salientando que os BM-21 contribuíram, igualmente, para a vitória na batalha de 1975. Entretanto, a base do memorial está ricamente ornada em relevo com cenas da mesma: heróis angolanos, carros de combate T-34 (que não participaram na batalha) e lançadores “Grad-1-P”. Por mais que me esforçasse, não consegui enxergar a imagem do BM-21. Apenas sendo ajudado pelo

presidente da União dos Veteranos de Angola russos, Vadim Sagatchko, pude encontrar uma imagem modesta do BM-21 coberto por rede de camuflagem.

Então, perguntei: porque é que ao BM-21 se dedica uma atenção tão modesta no memorial? O guia angolano respondeu que muito em breve iria ser instalado um modelo real do BM-21. Acho que seria justo... pois este veículo de combate era muito popular em Angola durante a guerra de 1975-1976 e nas acções de guerra posteriores contra a RSA. Os sul-africanos passaram, simplesmente, a caçar os BM-21 “Grad”, procurando capturar pelo menos um veículo de combate em bom estado operacional<sup>259</sup>!

Mas porque é que alguns veteranos das ex-FAPLA nem sempre apoiam a opinião de que o golpe dos BM-21 no dia 10 de Novembro foi decisivo? A situação podia ser esclarecida pelo chefe do agrupamento angolano em Kifangondo, o comandante “Ndozi” — figura central do grupo escultórico do memorial. Infelizmente, faleceu sem publicar as suas memórias. Todos os militares angolanos nas suas entrevistas à imprensa, anteriormente citadas, nem mencionam as salvas dos BM-21, foi como se estas nem tivessem existido! Por exemplo, o capitão Álvaro António afirma, com toda a razão, que depois do combate perto da ponte em que foram destruídos os veículos blindados AML dos “mercenários portugueses”, a “batalha continuou

---

<sup>259</sup> Em Dezembro de 1975, os sul-africanos capturaram um BM-21 na região das povoações de Cassamba e Almeida. O combate aconteceu perto da ponte marcada nas cartas militares sul-africanas como Ponte N.º 12, e os militares do grupo da força especial “Alpha” conseguiram capturar o veículo aos cubanos, que estava praticamente intacto. Com cuidados especiais foi transportado para a Namíbia e, em seguida, para a RSA. Posteriormente, os sul-africanos organizaram a produção, com base em BM-21, dos seus lançadores múltiplos de 127 mm, os MLRS Valkyrie. Ver: [http://bratishka.ru/archiv/2008/1/2008\\_1\\_6.php](http://bratishka.ru/archiv/2008/1/2008_1_6.php).

por mais quatro horas”. Porém, mais adiante, ele prossegue: “Depois, o inimigo fugiu em debandada, abandonando numerosos mortos e feridos e material destruído na estrada”<sup>260</sup>. Concretamente, de que inimigo fugiu? O que o fez bater em retirada desordenada? Porque havia na estrada “numerosos mortos e material destruído”?

O general Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, nas suas memórias publicadas no *Jornal de Angola*, tão-pouco menciona a participação dos BM-21 naqueles combates. Ele afirma que “o momento decisivo do combate em Kifangondo foi quando as tropas do inimigo se aproximaram da ponte sobre o rio Bengo e abriram fogo dos seus veículos blindados *Panhard*”. E prossegue: “A resposta do nosso lado não se fez esperar. O fogo dos três canhões de 76 mm impediu o avanço dos três Batalhões de Infantaria zairenses apoiados pela companhia de mercenários”<sup>261</sup>. Porém, é duvidoso que os três canhões ZIS-3 de 76 mm (note-se que não se trata de obuses de longo alcance!), com o sector de tiro limitado pela ponte do Bengo, sejam capazes de provocar uma fuga desordenada de todo o agrupamento atacante do inimigo, composto por uns 1500 a 2000 soldados bem armados entre os quais estavam os experientes C.E. portugueses com seus blindados *Panhard*. Refira-se que, mais uma vez, não se faz nem a mínima alusão às salvas dos BM-21 que decidiram a batalha tão importante para o MPLA e para as FAPLA.

Entre as memórias oficiais dos participantes angolanos nos eventos do lado do MPLA/FAPLA encontrei apenas um único testemunho que pode, indirectamente, contribuir para o reconhecimento do

<sup>260</sup> Memórias de Álvaro António. Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008.

<sup>261</sup> *Jornal de Angola*, 13 de Janeiro de 2010.

papel dos BM-21 na batalha. Na colectânea reiteradamente referida anteriormente, *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*, o general angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recorda: “Na noite anterior (de 9 a 10 de Novembro de 1975, S.K.), entretanto, tinha sido introduzida na nossa ordem combativa um novo sistema de armas, os tenebrosos ‘Órgãos de Staline’, assim denominados na Segunda Guerra Mundial os BM-21 (sistema de artilharia reactiva)”<sup>262</sup>. Mas como os BM-21 foram utilizados na batalha? Infelizmente, o general angolano não escreveu nada sobre o assunto.

Seria lógico supor que do uso dos BM-21, fornecidos, segundo “Kianda”, na véspera da batalha decisiva em Kifangondo, devesse lembrar-se o comandante da Artilharia da 9.<sup>a</sup> Brigada das FAPLA, Roberto Leal Monteiro “Ngongo”. As suas recordações foram publicadas no estudo do historiador russo de renome, doutor em Ciências Históricas, Vladimir Shubin, *‘Guerra Fria’ Quente*<sup>263</sup>, publicado em russo e em inglês. Porém, esta edição tão-pouco contém qualquer referência ao emprego dos BM-21 na batalha. Aliás, o general “Ngongo” interpreta, a seu modo, o emprego dos lançadores no dia 10 de Novembro de 1975.

Vou citar as palavras do general “Ngongo” que constam no livro do V. Shubin *‘Guerra Fria’ Quente* em russo. “Na noite anterior (a 9 de Novembro de 1975, S.K.), as tropas atacantes do Zaire e da FNLA junto com os grupos de mercenários, utilizando a artilharia de longo alcance com posições na parte norte do Morro da Cal, começaram a bombardear a refinaria e o bairro Grafanil em Luanda, onde estavam os armazéns militares. Na manhã seguinte, os veículos blindados de

<sup>262</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 30.

<sup>263</sup> Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013, p. 80 (em russo).

origem francesa, tripulados por mercenários brancos, iniciaram o avanço em direcção a Kifangondo, enquanto a infantaria de Holden Roberto e de Mobutu ficou concentrada no palmeiral um tanto a norte. A ponte sobre o rio Bengo foi explodida pelos defensores de Kifangondo. Os AML que se aproximaram desta ponte foram recebidos pelo fogo dos canhões soviéticos de 76 mm manejados por guarnições mistas de angolanos e cubanos<sup>264</sup>.

Até aqui, tudo se enquadra perfeitamente no nosso estudo, praticamente não surgindo nenhuma contradições entre as recordações do general “Ngongo” e os testemunhos de Álvaro António, de Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, de J. Stockwell, dos cubanos e de P. Marangoni. Porém, mais adiante, V. Shubin, citando as palavras do general “Ngongo”, escreve: “Em seguida, a concentração da infantaria no palmeiral foi atacada por mísseis de seis ‘Grad-1-P’ portáteis de que Ngongo dispunha como chefe da Artilharia da 9.ª Brigada de Infantaria das FAPLA... Logo depois, tendo recebido a nova ordem do comandante da 9.ª Brigada, David Moisés “Ndozi”, ele atacou a infantaria do inimigo, tendo disparado cerca de 60 mísseis (não se trata de milhares de projecteis), seis em cada salva (mas não 20)<sup>265</sup>. Após este ataque, a brigada passou à ofensiva”<sup>266</sup>.

Mais adiante, V. Shubin escreve: “No que se refere aos BM-21 com guarnições cubanas, estes lançadores múltiplos, segundo “Ngongo”, eram utilizados para ataques *contra alvos mais distantes* e, posteriormente, na região de Caxito durante a contra-ofensiva”.

<sup>264</sup> Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013, p. 80.

<sup>265</sup> A salva completa do BM-21 é de 40 mísseis e não de 20.

<sup>266</sup> Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013, p. 80.

Seria interessante saber de que “alvos mais distantes” se tratava? No dia 10 de Novembro, as FAPLA e os cubanos não tinham outros “alvos mais distantes” além da coluna das tropas da FNLA e do Zaire a avançar pela estrada em direcção a Kifangondo e das posições de tiro de obuses e morteiros de H. Roberto, situadas no Morro da Cal. Segundo as recordações dos cubanos, “as salvas dos BM-21” atingiram exactamente estes alvos. O alcance máximo dos lançadores de 20 quilómetros permitia manter sob o seu fogo a maior parte da estrada das posições mais a leste do morro de Kifangondo, inclusive ambas as pontes, e, sendo colocados nas posições perto da ponte sobre o rio Bengo, eles eram capazes de atingir o Morro da Cal (ver mapa de P. Marangoni na p. 110).). Portanto, segundo as recordações do general “Ngongo”, as tropas do inimigo que, “abandonando numerosos mortos e material destruído na estrada” de Kifangondo, foram destruídas por salvas de seis “Grad-1-P” portáteis. Isso seria possível do ponto de vista de um militar profissional? A eficiência dos “Grad-1-P” é incomparável com a capacidade de um lançador múltiplo de 40 canos BM-21 “Grad”.

O lançador de um cano “Grad” tem o código técnico 9P132 e o nome correcto dado na fábrica é “Grad-P”. A letra “P” significa “Partizan” – “Guerrilheiro”. Mas toda a malta em Angola conhece esta arma como “Grad-1-P”, por isso, vamos continuar a chamá-la assim. Destina-se ao tiro de foguetes de duas secções de 122 mm 9M22M “Malish”, de peso total de 46 quilogramas, e foi desenvolvida na URSS em 1965, a pedido do Governo da República Democrática do Vietname. O “Grad-1-P” servia para equipar os destacamentos móveis de guerrilheiros que combateram contra as tropas norte-americanas no sul do Vietname. O lançador portátil 9P132 é composto

por um tubo de alma lisa de 55 quilogramas e um leve reparo sobre um tripé com mecanismo e aparelhos de pontaria. A estrutura do tubo do “Grad-1-P” é idêntica à construção das rampas de lançamento orgânicas do BM-21 “Grad”. O alcance máximo do foguete é de 10 800 metros (alcance eficaz: não mais de 6-8 quilómetros), e a velocidade de tiro é de um lançamento em 1-3 minutos.

Os lançadores 9P132 eram produzidos na fábrica mecânica de Kovrov, na URSS. Em 1970, foram produzidos 406 “Grad-1-P”, sendo 400 exportados para o Vietname. O autor não conseguiu encontrar dados sobre a produção em 1971, mas, em 1972, a produção total foi de 155 sistemas, sendo a produção nos anos posteriores mais ou menos a mesma (150-155 lançadores por ano). Todos os sistemas eram exportados, inclusive para Angola, para o MPLA. As FA soviéticas nunca eram dotadas organicamente por lançadores 9P132 “Grad-1-P” e nunca equiparam as suas unidades, só foram exportados<sup>267</sup>.

O veterano cubano García Martínez recordava que, em Kifangondo, os combatentes das FAPLA comandados pelo chefe da Artilharia da 9.ª Brigada, “Ngongo”, manejavam de modo seguro e eficiente os “Grad-1-P” de origem soviética. “Dois ou três combatentes transportavam facilmente este lançador, em poucos minutos, preparavam o sistema para a operação, faziam alguns lançamentos e logo retrocediam para não serem atingidos pelo inimigo. Quando necessário, os lançadores eram rapidamente transportados em jipes, carros ou mesmo sobre bicicletas<sup>268</sup>. Esta tática foi perfeitamente assimilada por guerrilheiros do MPLA em combates contra os portugueses na

<sup>267</sup> <http://read.newlibrary.ru/read.php/pdf=20478>.

<sup>268</sup> O general “Ngongo” contou a V. Shubin que os guerrilheiros do MPLA transportavam os Grad-P até sobre bicicletas. Ver: Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013, p. 80.

mata, sendo com êxito utilizada em Kifangondo e nos combates posteriores no norte e no sul do país”<sup>269</sup>. Segundo os dados de que dispõe o autor, antes do início dos eventos em Kifangondo, em 1975, as FAPLA podiam ter ao todo até várias dezenas dos “Grad-1-P” (em todas as frentes de combate, tanto no norte como no sul)<sup>270</sup>. Mas nos combates em Kifangondo, em Outubro e Novembro de 1975, eram utilizados apenas seis destes lançadores<sup>271</sup>.

Entretanto, numa entrevista com o autor, García Martínez referiu que o lançamento de foguetes por “Grad-1-P” se caracteriza por uma “considerável dispersão que aumenta com a distância do disparo”. Na prática, isso significa que os foguetes disparados por vários lançadores 9P132 colocados lado a lado podem explodir com uma dispersão de algumas centenas de metros! É por isso que os guerrilheiros vietnamitas empregavam os “Grad-1-P” exclusivamente contra alvos de grande área, tais como aeródromos, povoações e bases militares.

O ex-assessor do chefe da Brigada de Infantaria das FAPLA em Angola, Vadim Sagatchko, tem a mesma opinião. Ele escreve: “Eis um exemplo da minha experiência pessoal. Na 10.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria das FAPLA em que fui assessor, em 1988-1989, um pelotão de “Grad-P” realizava exercícios de tiro. Disparava uma guarnição bem treinada. O lançador era apontado ao alvo visualmente observado através do aparelho de pontaria — uma árvore isolada no cume da colina. A distância até ao alvo era de oito quilómetros.

<sup>269</sup> Entrevista com o veterano cubano de Angola, García Martínez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

<sup>270</sup> Conforme os dados da Direcção de Cooperação Técnico-Militar Internacional do MD da FR, em 1988, as FAPLA e a SWAPO em Angola dispunham de até 55 lançadores Grad-P em bom estado.

<sup>271</sup> Segundo as recordações do general “Ngongo”. Shubin V.G. *‘Guerra Fria’ Quente*. M., YaSK, 2013.

As explosões dos foguetes eram observadas à distância de 400 a 500 metros uma de outra. A eficiência do “Grad-1-P” era muito baixa. Com estes lançadores é difícil atingir um alvo pontual. A rampa de lançamento do “Grad-1-P” aloja-se num leve reparo sobre tripé com mecanismos de pontaria vertical e horizontal. Aquando da partida da rampa, o foguete produz forte efeito sobre todo o sistema. No momento de disparo, o projectil, ao avançar pelo tubo, até altera a própria posição do sistema, ficando a precisão seriamente prejudicada. Houve caso de queda do sistema após o disparo. Além disso, enquanto os mecanismos de pontaria permitem a efectivação bastante rápida da pontaria no plano vertical na faixa de ângulos de  $+10^\circ$  até  $40^\circ$ , a faixa de ângulos de pontaria lateral é apenas de  $\pm 7^\circ$ . Portanto, para a realização do segundo tiro é necessário mudar a posição do próprio sistema, ou seja, devido ao forte efeito produzido nos dados de tiro iniciais, após cada lançamento é necessário apontar novamente a arma ao alvo.

Afinal, esta arma não foi feita para combate clássico. O “Grad-1-P” destinava-se a breves ataques de tiro curvo realizados por guerrilheiros em 3-5 minutos. Neste lapso de tempo, um lançador dispara 1-2 foguetes com posterior mudança de posição, ou seja, não se trata da destruição total de determinados alvos, mas do tiro de inquietação ou de flagelação contra alvos de grande área (aeródromos, entroncamentos ferroviários, bases militares, etc.).

Entretanto, o lançador múltiplo BM-21 “Grad”, aquando dos tiros à distância de 10 quilómetros, tem o desvio médio em alcance de  $1/130$  e o desvio médio lateral de  $1/200$  (em relação à distância). Sendo assim, metade dos impactos fica afastada não mais de 100-150 metros em relação ao centro da área de explosões. Ou seja, 20

foguetes de um BM-21 explodem numa área de 200x300 metros ou, teoricamente, um projectil (foguetes) atinge a área de, mais ou menos, 55x55 metros. Refira-se que as explosões dos “Grad” a que pude assistir durante a missão em Angola produziam efeito de “explosão dirigida”, i.e., após a explosão, os estilhaços do projectil seguiam num sector estreito em direcção do voo do foguete, ceifando tudo à sua frente”. Portanto, pode-se chegar a uma conclusão unívoca. O efeito psicológico e o pânico entre as tropas atacantes da FNLA e do Zaire foram causados pelas explosões simultâneas de numerosos foguetes de 122 mm. A derrota das colunas de Holden Roberto, dos comandos portugueses e dos zairenses e a sua posterior fuga desordenada em Kifangondo foram o resultado do emprego de quatro lançadores de 40 canos BM-21 “Grad” junto com outros sistemas de artilharia, mas não se deveram exclusivamente à utilização dos seis lançadores de um cano “Grad-1-P”.

Em princípio, as posições no morro de Kifangondo permitiam aos artilheiros do “Ngongo” bombardear as zonas até à ponte do Panguila, inclusive, ou mesmo (se alguns lançadores conseguissem ocupar posições avançadas sem serem detectados pelo inimigo) atingir os alvos no Morro da Cal. Lembremos o testemunho de P. Marangoni sobre o bombardeamento do Morro da Cal, no dia 10 de Novembro, por oito foguetes de 122 mm. Porém, todos os participantes no combate do dia 10 de Novembro de 1975 do lado da FNLA e do Zaire, inclusive J. Stockwell e P. Marangoni, lembram-se do intenso bombardeamento de surpresa das colunas em avanço do Morro da Cal em direcção a Kifangondo que causou um grande número de baixas entre os atacantes. Tal efeito não podia ser obtido pelo emprego de apenas seis lançadores “Grad-1-P”! Qualquer militar profissional pode

distinguir uma salva do lançador múltiplo de 40 canos dos disparos isolados de foguetes do “Grad-1-P”. P. Marangoni, na entrevista concedida ao autor, disse: “O número de BM-21 (quatro, S.K.) calculei pela sequência de lançamento, quando caíram em maior intensidade, pela concentração das explosões”<sup>272</sup>.

Ademais, as entrevistas com os veteranos cubanos que participaram na batalha<sup>273</sup> e a análise das memórias dos militares cubanos que, no dia 10 de Novembro de 1975, estiveram em Kifangondo<sup>274</sup>, não deixam dúvidas de que tal efeito podia ser obtido somente pelo emprego, naquele dia, dos “Grad” de 40 canos, mas nunca de seis lançadores de um cano “Grad-1-P”. O autor não tem motivos para desconfiar deles.

Agora, queremos desenvolver mais profundamente a tese que nos animou a escrever este livro. Por que razão insistimos no facto de que a missão de derrota total das tropas das FAZ-ELP-ELNA/FNLA no dia 10 de Novembro de 1975, em Kifangondo, só foi possível graças à bateria dos BM-21 das FAPLA? Não queremos, de maneira alguma, desvalorizar o heroísmo dos defensores de Luanda — os combatentes da 9.<sup>a</sup> Brigada das FAPLA e de outras unidades —, nem a importância e eficiência dos meios de fogo de que eles dispunham antes do dia 10 de Novembro. Mas, sendo militar profissional, o autor pensa que, sem os BM-21, as forças e meios das FAPLA eram incapazes de cumprir a missão de derrota total do inimigo nesta batalha.

---

<sup>272</sup> Veja a versão completa da entrevista com P. Marangoni no Anexo II deste livro.

<sup>273</sup> Entrevistas com os veteranos cubanos da guerra em Angola Garcia Martinez, Havana, 22 de Outubro de 2008, e com Sergio Ramos. Luanda, 10 de Novembro de 1980.

<sup>274</sup> Jose M. Ortiz. *Angola: Un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, e *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989.

A experiência de numerosas guerras mostra que há duas maneiras de derrotar e pôr em fuga o inimigo atacante. A primeira pressupõe o rechaçar do ataque (ofensiva) do inimigo por meio de uma defesa profundamente escalonada e meios de fogo disponíveis (artilharia, morteiros, lançadores múltiplos, campos de minas, armas ligeiras, etc.) e, em seguida, a passagem à contra-ofensiva que visa desalojar o inimigo das suas posições e ocupá-las. É a modalidade principal de acção que foi amplamente, e com sucesso, empregada durante a Grande Guerra Patriótica de 1941-1945 na URSS e a Segunda Guerra Mundial. A segunda consiste numa pesada derrota decisiva infringida ao inimigo atacante pelo intenso fogo de artilharia e bombardeamento aéreo, ou seja, derrota à distância. Nas grandes guerras houve casos de emprego desta modalidade de acção que raramente resultavam numa derrota decisiva dos atacantes<sup>275</sup>. Pelo visto, na batalha de Kifangondo, esta tática deu certo.

Lembremos a poderosa ofensiva desencadeada a 7 de Novembro pelas tropas da FNLA e do Zaire contra Kifangondo (na segunda etapa da batalha). A ofensiva foi repelida pelas FAPLA por armas então disponíveis, i.e., os canhões de 76 mm, ZPU-4, ZGU-1, “Grad-1-P”, canhões sem recuo B-10 e S-75, armas ligeiras, etc. O inimigo fugiu em pânico, mas as FAPLA não passaram à contra-ofensiva. Isso deu a H. Roberto e ao comando do contingente zairense a possibilidade de reunir e de mobilizar os combatentes fugitivos, levantar o moral, reparar os blindados atingidos, ou seja, restabelecer completamente a situação e preparar-se bem para a nova ofensiva desencadeada no dia 10 de Novembro.

---

<sup>275</sup> História das Guerras e da Arte Militar.

Estamos convencidos de que sem a entrada em combate, no dia 10 de Novembro de 1975, dos BM-21, haveria repetição da situação. As FAPLA e os cubanos não tinham superioridade em forças e meios para, depois de rechazar com os canhões de 76 mm o ataque dos AML dos C.E. portugueses, passar à ofensiva. Entretanto, H. Roberto, mesmo após a perda de dois ou três AML e a retirada dos comandos portugueses, podia fazer voltar as suas colunas, que mal iniciaram o avanço pela estrada em direcção a Kifangondo e estavam fora do alcance dos meios de fogo das FAPLA, para as posições iniciais no Morro da Cal.

Ele, sem dúvida, durante alguns dias posteriores, iria continuar a “exercer pressão sobre Luanda”, segundo o aconselhavam os generais sul-africanos. As forças e os meios não lhe faltavam, dispendo o líder da FNLA do numeroso contingente militar, conselheiros estrangeiros e uma bateria de potentes obuses sul-africanos G-2 com grande reserva de munições. Além disso, naqueles dias, os sul-africanos podiam prestar outro apoio, inclusive empregando a sua aviação de bombardeamento e os canhões dos seus navios de guerra nos ataques contra Luanda. Somente o inesperado ataque maciço dos quatro BM-21 resultou na derrota das tropas em avanço, produzindo “sérios efeitos psicológicos” e mudando radicalmente a situação a favor das FAPLA e cubanos. Após aquele ataque, não havia quem pudesse avançar contra Kifangondo! Todos os atacantes fugiram. No dia 11 de Novembro, mesmo na falta dos indícios da contra-ofensiva das FAPLA, as posições dominantes no Morro da Cal foram abandonadas pelas tropas da FNLA e do Zaire, ficando ali apenas 25 C.E. portugueses<sup>276</sup>. A estrada para Caxito e para o norte ficou aberta para as FAPLA! Sem o ataque dos BM-21, era bem possível a continuação dos combates em

<sup>276</sup> Miguel Júnior. *A Batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos*. Mayamba Editora. Luanda, 2011, p. 43.

Kifangondo mesmo depois do dia 10 de Novembro, que até podiam transformar-se num “impasse de Kifangondo” de longa duração.

Mas, por que razão alguns veteranos das FAPLA evitam falar sobre o emprego dos BM-21 no dia 10 de Novembro de 1975? Nas declarações da parte oposta, inclusive do líder da FNLA, H. Roberto, do general do ELNA, Tonta Afonso de Castro, do brasileiro P. Marangoni e do norte-americano J. Stockwell, é reconhecido o papel do emprego dos BM-21. Aqui, tocamos num assunto deveras delicado do qual não nos podemos esquivar.

Lamentavelmente, nem todos conhecem a dimensão da ajuda económica, política e militar da URSS e de Cuba prestada ao MPLA e às FAPLA nos momentos mais críticos da luta armada pela independência e preservação da soberania do país.

Entretanto, esta etapa da nossa cooperação militar merece uma menção especial. No período entre 1975 e 1991, no âmbito da ajuda na construção do Exército Nacional de Angola e no combate à invasão estrangeira, neste país trabalharam cerca de 12 mil militares soviéticos, inclusive 107 generais e almirantes, 7211 oficiais, mais de 3500 subtenentes e praças, além de numerosos especialistas civis contratados pelo Exército e Marinha da URSS e membros das suas famílias<sup>277</sup>. Pelo serviço prestado em Angola a 834 pessoas foram concedidas condecorações de Estado da URSS, inclusive 560 Ordens e 274 Medalhas Militares<sup>278</sup>.

---

<sup>277</sup> A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do século XX (redacção de Zolotariov V.A.). M., 2000.

<sup>278</sup> Conforme os dados da 10 DG do EMG. Arquivo da União dos Veteranos de Angola.

Em 10 anos, somente de 1978 a 1988, a URSS forneceu ao Exército Angolano e às tropas cubanas em Angola:

- Cerca de 700 carros de combate (T-34-85, T-54/55, PT-76 e T-62);
- Mais de 800 viaturas blindadas de transporte de pessoal (BTR-152V, BTR-60PB e BRDM-2);
- 400 BMP-1 e BMP-2;
- Mais de 2000 canhões e morteiros de diversos calibres e sistemas;
- 89 lançadores múltiplos BM-21 “Grad”, 24 BM-14 (sobre chassis ZiL-157);
- Mais de 1000 sistemas antiaéreos (canhões antiaéreos de 57 mm e 37 mm, ZSU-23-4M “Shilka”, ZU-23, ZGU-1, ZPU-4 de 14,5 mm);
- 164 aviões de combate (MiG-17F, MiG-21PFM e BIS, MiG-23ML, Su-22M4, Su-17, Su-25K);
- 156 helicópteros de combate e transporte (Mi-8, Mi-17, Mi-25 e Mi-35);
- 100 sistemas de mísseis AA fixos e móveis (S-75M1 “Volga”, S-125M1A “Pechora”, “Kvadrat”, OSA-AK, Strela-10M e Strela-1);
- Mais de 1,5 mil sistemas antiaéreos portáteis (Strela-2M, Strela-3 e Iglá-1M)<sup>279</sup>.

---

<sup>279</sup> Nota informativa da 10 DG do Estado-Maior-General das FA da FR “Dos fornecimentos do material bélico a Angola”. Arquivo da União dos Veteranos de Angola.

Segundo os dados datados de 1 de Janeiro de 1995, nas Escolas Militares da URSS e da Rússia, foram formados 6985 militares angolanos altamente qualificados, inclusive para o Exército; 3258 efectivos para a DAA; 1084 efectivos para a FA; e 1310 especialistas para a Marinha, além de 591 pessoas, 104 especialistas em logística e 638 profissionais de outras especialidades<sup>280</sup>.

Os professores soviéticos ajudaram, igualmente, na organização da formação acelerada dos militares angolanos no território de Angola. Em 1975, em Luanda, foi inaugurada a Escola Político-Militar Comandante Gika<sup>281</sup>. Em Julho de 1976, especialistas militares soviéticos ajudaram a organizar, na cidade de Huambo, a Escola de Oficiais Inter-Armas Comandante Nicolau Gomes Spencer<sup>282</sup>, a primeira no país, capaz de receber 1500 cadetes. Nesta escola, onde os professores soviéticos desempenhavam um papel importante na formação dos especialistas militares, recebiam formação os oficiais do Exército (chefes de pelotões de infantaria, de reconhecimento, de carros de combate, de artilharia AA, de engenharia e de comunicações) segundo um programa de seis meses. Em 1978, foram criados os Cursos de Oficiais Superiores do Estado-Maior-General das FAPLA destinados à formação e reciclagem dos quadros dirigentes de alto nível (Brigada — Região Militar). A duração do estudo era de quatro a seis meses.

Para efeitos de formação de sargentos, foram criados quatro Centros de Instrução — três em Luanda e um no Lobito.

<sup>280</sup> A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do século XX. M., 2000 (redacção de Zolotariov V.A.), p. 104.

<sup>281</sup> O comandante Gika (nome de guerra), de seu verdadeiro nome Gilberto Teixeira da Silva, chefe de guerrilheiros do MPLA, Herói Nacional de Angola que tombou em Cabinda num combate contra as forças da FNLA.

<sup>282</sup> Nicolau Gomes Spencer, destacado comandante das FAPLA, comandante da Região Militar. Morreu às mãos de um assassino contratado.

Em 1977, no território da Base Naval de Luanda, foi criado o Centro de Instrução da Marinha de Guerra Popular de Angola. Este Centro, que contava também com a assistência dos professores soviéticos, destinava-se à formação dos especialistas para torpedeiros de Projecto 206, navios de desembarque médios de Projecto 771 e navios da Força da Guarda Fronteira de Projecto 1400ME fornecidos pela URSS, assim como para unidades costeiras. De 1976 a 1985, a URSS forneceu a Angola seis navios lança-mísseis de Projecto 205EP, quatro torpedeiros de Projecto 206, três navios de desembarque médios (SDK) de Projecto 771, navio-patrolha da Força da Guarda Fronteira de Projecto 1400ME “Grif”, três navios-patrolha de Projecto 368P, dois navios de Projecto 1398B “AIST”, dois navios varredores costeiros de Projecto 1258B e alguns outros navios de guerra.

No período de 1976 a 1990, os aviões militares de transporte soviéticos An-12 e IL-76, que faziam parte do Destacamento Aéreo do Assessor Militar Principal em Angola, deram um contributo substancial para a criação do Exército Nacional angolano. Os voos diários de Luanda a todas as províncias do país eram planeados no Estado-Maior-General das FAPLA e garantiam o transporte, tanto de cargas militares para as FAPLA como de cargas civis. Até ao final da década de 80 do século XX, o destacamento Aéreo do AMP em Angola integrava até doze aviões com motores turbo-hélice An-12 e até oito aviões com turborreactores IL-76, responsáveis pelo transporte de cargas, de efectivos angolanos e cubanos e de especialistas militares soviéticos. O início da operação dos primeiros An-12 em Angola data desde 1976 e, no final dos anos 80, no país, foi operada uma frota de duas dezenas de aviões de transporte militares com tri-

pulações soviéticas<sup>283</sup>. Desde 1995, sob a égide da ONU, trabalhou, no país, uma esquadrilha russa de helicópteros integrando 8 MI-8MT que durante os anos de operação transportou cerca de 400 toneladas de carga e mais de 12 mil efectivos da Força de Paz da ONU em Angola. Há muitos outros exemplos da ajuda da URSS e da Rússia em particular a Angola.

Em 1987-1988, os assessores militares soviéticos, juntamente com as tropas governamentais de Angola, participaram na célebre Batalha de Cuito Cuanavale. Esta pequena vila no sul do país, situada a 300 quilómetros da fronteira com a Namíbia, graças à coragem e ao heroísmo dos seus defensores, até ganhou o nome de “Stalingrado Africano”. Refira-se que o termo “Batalha de Cuito Cuanavale” não se limita apenas à defesa desta vila. É entendido num sentido muito mais amplo e inclui os combates que resultaram na chegada das tropas angolanas e cubanas à fronteira com a Namíbia.

Em Agosto de 1987, em resultado da operação de grande envergadura das FAPLA na Província de Kuando-Kubango, preparada com ajuda dos assessores militares soviéticos, as tropas da UNITA ficaram numa situação crítica, tendo surgido uma ameaça real da perda, pela UNITA, da sua “base avançada” em Mavinga. Procurando evitar a derrota total da UNITA, o seu aliado fiel na região, o Exército da RSA, mais uma vez invadiu o território de Angola. Desde a proclamação da Independência, foi a décima quarta invasão de grande envergadura dos sul-africanos ao território angolano. A 16 de Novembro, a ofensiva

---

<sup>283</sup> Em Novembro de 1985, durante o voo regular de Cuito Cuanavale a Luanda, um grupo de forças especiais sul-africano abateu por míssil AA o avião soviético An-12 do 369.º Regimento da ATM da FA da URSS da Base Aérea de Djankoi, matrícula N.º 11747. Morreram 12 militares soviéticos.

das tropas da RSA e da UNITA contra o Cuito Cuanavale fracassou, mas a vila ficou, de facto, sitiada.

Os obuses de longo alcance G-5 e a aviação da RSA bombardeavam, regularmente, as posições defensivas das brigadas angolanas, a própria vila e a ponte sobre o rio Cuito. As tropas sul-africanas, utilizando os seus carros de combate, os pesados Olifant, procuravam pontos vulneráveis na defesa, com um intervalo de duas semanas, e atacavam, metodicamente, de diferentes direcções, as posições dos defensores de Cuito Cuanavale. O assédio a esta pequena vila durou cinco meses. No dia 23 de Março de 1988, foi empreendido o último ataque decisivo. Mas, tendo perdido vários carros pesados de combate nos extensos campos de minas organizados pelos defensores de Cuito Cuanavale, os sul-africanos retrocederam.

Nos combates posteriores, em 1988, as tropas angolanas e cubanas, além de obrigarem os sul-africanos a retirar-se do território angolano, obrigaram-nos, de facto a abandonar a Namíbia por eles ocupada. Enquanto as tropas cercadas na “Stalingrado Africano” estavam em defesa, Havana e Luanda preparavam a ofensiva. Segundo disse Fidel Castro, “os cubanos actuavam com um pugilista que protegendo-se com a mão esquerda, assesta um golpe com a direita”. Da Ilha da Liberdade foram transferidas as unidades da 50.<sup>a</sup> Divisão das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba equipadas com carros de combate T-62. Foi enviado para Angola um grupo de pilotos altamente experientes em caças Mig-23ML. A União Soviética efectuou o fornecimento adicional de armas, peças sobressalentes e munições para os exércitos angolano e cubano.

As unidades blindadas cubanas que tinham desembarcado na costa atlântica de Angola juntamente com as unidades das FAPLA e da

SWAPO fizeram uma marcha impetuosa via Lubango e Matala e avançaram em direcção a Cahama-Xangongo-Ondjiva, visando atingir a fronteira com a Namíbia. No final de Maio, meados de Junho de 1988, as tropas angolanas e cubanas chegaram à fronteira com a Namíbia, na Província de Cunene. No dia 27 de Maio de 1988, os aviões Mig-23 da FAA submeteram a intenso bombardeamento as posições sul-africanas nos arredores de Calueque, na fronteira entre Angola e a Namíbia. Naquela incursão aérea ficou seriamente danificado o equipamento da Barragem do Ruacaná da RSA (Namíbia). Após aquele ataque, todos os comandantes das unidades da RSA em Angola receberam a ordem de retirada para o território da Namíbia. Depois deste golpe da aviação contra Calueque e Ruacaná, os militares sul-africanos que abandonavam Angola escreveram em africânder nas ruínas da Barragem “MIK23 sak van die kart” (“os MiG-23 despedaçaram os nossos corações”). A Batalha de Cuito Cuanavale foi ganha.

Este avanço obrigou o regime do *apartheid* a sentar-se à mesa de negociações que, a 22 de Dezembro de 1988, resultaram na assinatura, em Nova Iorque, dos Acordos sobre a retirada total das tropas sul-africanas de Angola e a concessão da independência à Namíbia. Os Acordos previam, igualmente, a retirada das tropas cubanas de Angola.

O líder do ANC, o primeiro africano a tornar-se Presidente da RAS, Nelson Mandela, reconhecia que “A Batalha de Cuito Cuanavale foi evento crucial na luta do meu povo pela independência do *apartheid*”. Eis a opinião do líder cubano Fidel Castro: “As novas gerações devem saber que o fim do *apartheid* foi posto em Cuito Cuanavale e no sudeste de Angola nas batalhas travadas por mais de 40 mil internacionalistas cubanos que lutavam lado a lado com os combatentes angolanos e namibianos”. Em Dezembro de 2005, o representante do Governo

do Congresso Nacional Africano e o embaixador da RAS em Cuba, Thenjiwe Mtintso, prestando homenagem aos defensores de Cuito Cuanavale, disse: “A terra de Angola está ensopada de sangue dos cubanos tombados em combates e este sangue rega a *Árvore da Liberdade* da nossa Pátria”.

Cabe dizer que o sangue dos soldados e oficiais angolanos e cubanos mistura-se com o sangue dos assessores, conselheiros e tradutores militares soviéticos derramado na terra angolana. Eles, ao lado dos seus companheiros, combateram em Cuito Cuanavale, Ondjiva, Cuvelai, Cahama, Xangongo e Chibemba, estiveram aos comandos dos sistema de mísseis antiaéreos *Pechora*, *Volga* e *Kvadrat*, defendendo dos ataques aéreos sul-africanos as capitais das Províncias no Sul de Angola, nomeadamente, Namibe, Lubango, Menongue e muitas outras cidades angolanas.

No período de 1975 a 1991, na guerra em Angola pereceram ou foram mortos 54 cidadãos soviéticos, inclusive 45 oficiais, cinco subtenentes, dois soldados e dois especialistas civis contratados pelo Exército e Marinha da URSS<sup>284</sup>. Além dos militares, foram mortos vários membros das suas famílias. Segundo as estimativas da União dos Veteranos de Angola, no período de 1975 a 1992, pereceram ou foram mortos, em Angola, mais de 80 soviéticos<sup>285</sup> e várias dezenas ficaram feridos.

Na época daqueles eventos, em Cuito Cuanavale, em cada brigada angolana havia de cinco a seis assessores soviéticos. Do total, cerca de dez, entre eles os coronéis A. Artemenko e A. Gorbach e o tenente

<sup>284</sup> A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do século XX (redacção de Zolotariov V.A.). M., Kuchkovo pole. 2000, p. 104.

<sup>285</sup> Livro de Memória da União dos Veteranos de Angola, <http://www.veteranangola.ru/main/bookmem>.

I. Jdarkin, que foram feridos ou sofreram contusões. Três oficiais soviéticos foram mortos. No dia 26 de Setembro de 1987, em Cuito Cuanavale, foi mortalmente ferido no combate o tradutor militar da 21.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria Motorizada das FAPLA, o alferes Oleg Snitko. A 27 de Novembro de 1987, durante o bombardeamento de Cuito Cuanavale pelos obuses de longo alcance sul-africanos, foi morto o assessor do chefe da Direcção de Organização e Mobilização da 6.<sup>a</sup> Região Militar, o coronel Andrei Gorb. No dia 20 de Dezembro de 1987, morreu, depois de pisar uma mina, o condutor e técnico de comunicações do grupo de assessores soviéticos da Frente Sul, o praça Alexandre Nikitenko, que foi morto quando levava para o hospital um oficial gravemente doente<sup>286</sup>.

Mas voltemos à Batalha de Kifangondo. Há mais um factor que exerce uma influência substancial no “nivelamento” por parte de alguns veteranos das FAPLA do papel dos BM-21 em Kifangondo. É que, naquela época, os BM-21 “Grad” destinavam-se, desde o princípio, a ser usados por cubanos. Infelizmente, na altura, entre os subordinados do general Ngongo ainda não havia especialistas bem formados do BM-21 “Grad” que era uma arma nova e complicada. Entretanto, os cubanos tinham tal contingente formado na URSS, o qual tinha sido especialmente transportado de Havana para Luanda no dia 4 de Novembro de 1975.

Por isso, foram os cubanos que receberam dos especialistas soviéticos os lançadores BM-21 fornecidos a bordo dos An-22 que aterraram em Pointe-Noire, no Congo, e que no dia 7 de Novembro transportaram os sistemas até ao porto de Luanda. No processo de

---

<sup>286</sup> Livro de Memória da União dos Veteranos de Angola, <http://www.veteranangola.ru/main/bookmem>.

transporte destas armas para o Kifangondo, foram tomadas medidas especiais de segurança que excluíssem qualquer fuga de informação. Os quatro BM-21 apareceram, de forma inesperada para todos, nas posições em Kifangondo à noite, na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro<sup>287</sup>. Segundo recordavam os cubanos, “logo após a chegada, os “Grad”, de modo dissimulado, ocuparam as posições em profundidade da defesa, no flanco, para poderem manter sob o seu fogo a maior parte da estrada do Morro da Cal até Kifangondo”.



Apesar das divergências existentes na avaliação do emprego dos BM-21 e no reconhecimento do papel decisivo das salvas dos “Grad” no dia 10 de Novembro de 1975, a nossa profunda convicção é de que a Batalha de Kifangondo foi a primeira vitória conjunta em Angola do MPLA/FAPLA e dos combatentes internacionalistas cubanos sobre os invasores estrangeiros. Foi uma manifestação real do internacionalismo e da irmandade de armas que ajudaram a defender Luanda contra a invasão estrangeira e a proclamar a Independência do país. É assim que esta Batalha deve ficar nos anais da História e foi assim que, em 1977, António dos Santos França “Ndalú”, participante na batalha, destacada figura militar e política de Angola, posteriormente nomeado chefe do Estado-Maior-General das FAPLA, avaliou a sua importância.

Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro queria ver o local daquela Batalha Histórica e no dia 14 de Março de

---

<sup>287</sup> E. George. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale*. Routledge, 2005, p. 88.

1977 deslocou-se a Kifangondo, onde António dos Santos França “Ndalu” lhe contou todos os detalhes.

Ao concluir, ele proferiu as palavras que vale a pena serem lembradas: “A Batalha de Kifangondo significa para nós não apenas a primeira operação conjunta dos angolanos e cubanos contra o inimigo comum que culminou com a derrota rápida do adversário, desmoralizou os seus combatentes e permitiu transferir as forças, inclusive os internacionalistas cubanos, para as zonas mais críticas da Frente Sul. Esta Batalha mostrou que o povo, confiante na sua libertação, sempre obtém a vitória. Nela manifestou-se o internacionalismo na sua forma mais pura”<sup>288</sup>.

Quanto à ajuda prestada a Angola pela URSS e, mais tarde, pela Rússia no período da primeira e da segunda guerra de libertação nacional, Sua Excelência o general João Manuel Gonçalves Lourenço, então ainda na qualidade de ministro da Defesa, expressou de forma clara e inequívoca a sua posição, em Outubro de 2014, aquando da recepção, em Luanda, de uma delegação da União Russa dos Veteranos de Angola. No salão nobre do Ministério da Defesa Nacional, na presença dos generais e oficiais superiores das Forças Armadas Angolanas, disse o seguinte: “Hoje, recebemos aqui os veteranos russos da guerra. Quero sublinhar que são veteranos da nossa guerra e não de uma outra guerra, da guerra de libertação nacional e defesa da soberania de Angola. Estamos sinceramente agradecidos aos veteranos russos. Hoje, Angola atribui uma importância especial às relações com a Rússia, herdeira da URSS, que nos prestou ajuda inestimável na conquista da Independência em Novembro de 1975 e continuou

<sup>288</sup> *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 50. Intervenção de António dos Santos França “Ndalu” feita aquando da visita de Fidel Castro. Kifangondo, 14 de Março de 1977.

a prestar, posteriormente, enorme apoio no combate contra os exércitos dos invasores zaienses e agressores sul-africanos. Apesar de tudo, contando com esta ajuda, conseguimos vencer o Exército da RSA daquela época, que se considerava invencível! Faltam palavras para expressar a nossa gratidão pelo apoio prestado. Graças à ajuda da URSS e da Rússia, Angola soube igualmente superar o conflito armado interno e há mais de doze anos o país vive num clima de paz. Hoje, Angola é um país estável e seguro, e isso, além do mais, deve-se, em grande medida, ao seu apoio prestado no passado e que está a ser prestado actualmente<sup>289</sup>.

---

<sup>289</sup> Materiais de trabalho do documentário filmado por Aleksei Pobortsev, *Angola: A guerra que não houve*, Setembro-Outubro de 2014. Arquivo da União Russa dos Veteranos de Angola.



# *ANEXOS*



## Anexo I

**Artigo de Pedro Marangoni “Quatro MLRS BM-21 Grad detectaram os inimigos que avançavam sobre Luanda e mudaram o rumo da guerra? Sim, mas como arma de efeito moral e não destrutivo” (publicado no website [www.veteranangola.ru](http://www.veteranangola.ru) em russo e português [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_port\\_eng](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_port_eng)).**

Observando o comportamento dos africanos em combate, de um modo não científico mas baseado em guerras recentes, verificaremos que a sua combatividade decresce de norte para sul do continente negro. A minha experiência na África Austral mostrava que quem atacava vencia, quem era atacado recuava sempre e a maior parte das vítimas eram civis, não militares. Frentes elásticas e combatentes sem qualquer motivação mais profunda. Era a proporção de não-africanos – *advisers*, internacionalistas, mercenários, voluntários, etc. –, que decidia os confrontos. Estes eram tropas de conquista, os outros, de simples ocupação de terreno conquistado. E assim aconteceu também em Angola, de forma significativa.

Os combatentes não-africanos com ideais ou vontade de vencer eram afectados por armas que realmente eram perigosas e produziam baixas; a esmagadora maioria africana temia qualquer coisa que explodia e fizesse barulho. Desculpem-me por não ser politicamente correcto, mas esta é a verdade.

Fui, nos anos setenta, advertido de que estaria a fornecer informações importantes ao inimigo, ao menosprezar, em artigos escritos,

o 122-mm soviético, que considerava uma arma de efeito moral, não efectivo para causar baixas. Mas assim o via, como os demais colegas de combate. Temíamos mais um morteiro 81. Um morteiro 120, então, pregava-nos ao solo, irremediavelmente...

Observei, incontáveis vezes, a marca deixada no asfalto ou no solo, por explosões do 122 e dos morteiros 120, 81, 60. Os estilhaços dos morteiros rasgavam o solo no ponto de impacto, desenhando uma estrela, mostrando que varreram o solo em trajectória rasante, atingindo mesmo quem estivesse deitado. Já o 122 deixava poucas marcas, com estilhaços lançados em ângulo mais fechado, mais alto e menos perigoso. Vários caíram a poucos metros de mim na batalha de Kifangondo, sem maiores danos. Tenho a certeza de que qualquer morteiro caindo na mesma curta distância ter-me-ia posto fora de combate.

Mas a capacidade de lançamento múltiplo, rápido e sequencial dos MLRS BM-21 era devastadora para tropas mal treinadas, inexperientes ou pouco motivadas. Sem nenhuma dúvida eles foram decisivos para o pânico e a debandada geral das tropas da FNLA e zairenses em Kifangondo.

E o que deteve a pequena tropa não-africana? Em primeiro lugar, os canhões anticarro de 76 mm, que aproveitaram o absurdo avanço dos frágeis *Panhard* totalmente descobertos; em segundo lugar, para segurar os poucos infantes que seguiriam atrás deles, as metralhadoras antiaéreas (ZPU-4), cujo tiro podíamos sentir sobre as nossas cabeças e que não nos deixavam levantar do solo.

Mas, mesmo se as viaturas *Panbards* não fossem detidas e o nosso pequeno grupo pudesse avançar, não teríamos ninguém a seguir-nos,

pois o grosso da tropa africana debandara apavorada pelo efeito psicologicamente devastador dos MLRS BM-21 Grad...

Resumindo, sim, concordo que esta arma foi decisiva não só no rumo da batalha, mas de toda a guerra. Acredito que se o indisciplinado exército zairense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejaria pela fronteira norte, numa ocupação criminosa. E nós, o pequeno grupo de comandos especiais que por um ideal serviu de ponta-de-lança, seríamos dizimados, presos ou expulsos, pois representávamos um obstáculo às barbáries zairenses em solo angolano.

## Anexo II

**Entrevista do ex-combatente na Batalha do Kifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, cedida ao secretário da imprensa da União Russa dos Veteranos de Angola, Serguei Kolomnin, em Fevereiro de 2010.**

**Serguei Kolomnin:** estimado Pedro Marangoni! Fico-lhe muito grato pelas suas mensagens relativas à Batalha de Kifangondo, em particular pelo artigo “Quatro MLRS BM-21 Grad deteram os inimigos que avançavam sobre Luanda e mudaram o rumo da guerra?”, que já foi publicado no nosso website em russo e em português [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_port\\_eng](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_port_eng). Encontrei nas suas mensagens alguns elementos muito interessantes, como o histórico, em particular, em relação ao efeito provocado pelas metralhadoras antiaéreas ZPU-4 de calibre 14,5 mm (os angolanos e os cubanos chamavam-nas “cuatro bocas”), ao efeito moral, produzido por salvas de BM-21 e também acerca do número exacto de comandos especiais portugueses ao lado da FNLA e do ELP (Exército de Libertação Português). E mais algumas perguntas, se permitir.

O ELP foi simplesmente o *slogan*, ou força real com a estrutura, programa e o comando formados?

**Pedro Marangoni:** como recebi a sua mensagem em português correcto, vejo que não é através de tradutor electrónico e, sim, de quem tem óptimos conhecimentos da língua portuguesa, portanto ficarei mais à vontade para responder no meu idioma.

O ELP só seria mencionado de forma política, tentando comprometer a FNLA e também porque se dizia que o coronel Santos e Castro era ligado a este “exército” que considero apenas teórico, nunca chegou a existir como força real, coesa, organizada e pronta para combate. Apenas uma organização política. Nunca ajudou as nossas tropas, que foram recrutadas entre portugueses refugiados na Rodésia, pelo comandante das Flechas, Alves Cardoso, da PIDE/DGS. Mas os membros do grupo do coronel Santos e Castro não eram mercenários, eram combatentes, que viviam em África e quiseram ficar lá para passar ali a sua vida. Era composto por 153 portugueses mais eu. O único militar do grupo que poderia ser chamado de “estrangeiro” era eu, brasileiro, mas com dupla nacionalidade portuguesa. O coronel Santos e Castro apareceria em Ambriz, como *adviser* militar de Holden Roberto e com ligação ao nosso grupo, passando a seguir a participar nos combates fardado mas sem armas. Depois de Kifangondo, volta à Europa.

**Serguei Kolomnin:** o que pode dizer da ajuda dos EUA à FNLA e ao ELP?

**Pedro Marangoni:** quanto à ajuda dos EUA, tínhamos pouco apoio. Se os EUA ajudavam mais, provavelmente a ajuda era desviada por Mobutu. Muitos artigos também exageram a actuação dos norte-americanos, que pouco intervieram e pouco nos ajudaram. Muitos livros históricos são apenas mais uma obra política, repleta de mentiras e exageros; estes livros prestam-se para falsear a história da descolonização e dificultar para que as gerações pós-guerra conheçam o que se passou realmente e aprendam a não repetir erros do passado.

**Serguei Kolomnin:** na edição “FAPLA, baluarte da paz em Angola” (Berger-Levrault International, Paris, p. 110) lê-se, que a ponte sobre rio Bengo tinha sido destruída pelas FAPLA para impedir o avanço da FNLA. Alguns angolanos participantes na Batalha de Kifangondo (FAPLA) mencionam a do Panguila também como destruída. O general Xavier, actual responsável da Academia Militar das Forças Armadas Angolanas insiste, igualmente, no facto de a ponte sobre o rio Bengo ter sido destruída.

Outro ex-combatente das FAPLA, Álvaro António, que é o capitão, actualmente colocado na Unidade da Guarda Presidencial (UGP), na entrevista à TV angolana afirma: “Na altura em que se destruiu a ponte estavam a atravessar três viaturas, entre as quais um tanque que ainda não tinha passado, tendo as outras duas caído com a ponte, morrendo os seus ocupantes”. Ele acrescenta, ainda, “que desta acção resultou a captura de quatro mercenários norte-americanos que permaneceram encarcerados na ex-sala do director da Escola Primária da Fazenda experimental da Funda”.

Se a ponte de Bengo estava destruída, de que maneira a tropa da FNLA tencionava e conseguiria atravessar o rio? A nado? Ou a ponte sobre rio Bengo continuava a funcionar, tendo só alguns danos não significativos? Conforme a minha experiência militar, explodir e destruir uma ponte sólida, construída em betão, não é uma coisa fácil...

**Pedro Marangoni:** achei as recordações do general Xavier honestas. Parece-me que ele esteve realmente em Kifangondo. Mas nenhuma das duas pontes estava destruída e não entendo porque os angolanos insistem em mentir sobre um facto que daria até mais valor à luta deles... Claro, com a ponte destruída, seria uma defesa mais se-

gura, praticamente admitindo que não conseguiriam deter o inimigo. A ponte destruída seria uma protecção a mais.

Talvez a ponte do Bengo estivesse sabotada, não destruída, ou seja, colocaram as cargas explosivas e não detonaram, tal seria feito apenas se não conseguissem deter-nos! Será que isso aconteceu também na ponte do Panguila, onde encontrámos os cordões detonantes? E a explosão teria falhado?

Um grupo de comandos com o capitão Valdemar precedeu o grande ataque, infiltrando-se pela madrugada e tomando a primeira ponte, do Panguila. Apenas cordões detonantes foram encontrados, sem explosivos. Eu próprio passei por ela, intacta. A segunda ponte também, no primeiro ataque foi avistada inteira pelos blindados e também pelos aviões de reconhecimento.

Se a ponte do Bengo estava destruída, como posteriormente as FAPLA/cubanos avançaram contra o Morro da Cal e Caxito? Pelas pontes... A preocupação da FNLA era que as duas pontes fossem destruídas quando avançássemos e a engenharia zairense só tinha uma ponte disponível para construir.

Ainda sobre pontes: a única ponte importante que foi destruída pelo MPLA, quando do grande avanço da FNLA rumo a Luanda, foi a de Porto Quipiri, na saída de Caxito. Aí a engenharia zairense construiu uma flutuante, de madeira, e depois uma grande ponte metálica, que permanece até hoje.

Depoimento do capitão Álvaro António... lembremos sempre: a primeira vítima da guerra é a verdade... Não existiram, por exemplo, quatro mercenários norte-americanos capturados! No combate, foram capturados apenas o municionador da *Panhard-90*, Remédios, o condutor da *Panhard-60*, Serra, e o seu atirador Oliveira, todos portugueses.

Americano só havia um, observador da CIA, sempre desarmado, que não saiu do Morro da Cal. Os autênticos mercenários apareceram no norte de Angola um mês depois de Kifangondo; eram, na verdade, os ingleses e os americanos, mas não conseguiram nada, pois a luta já tinha terminado.

O meu grande amigo Remédios foi capturado porque foi ferido com gravidade (está vivo e hoje mora em Portugal), mas Serra e Oliveira suspeita-se que forçaram a queda do *Panhard-60* no pântano para se entregarem, desertando. Talvez você tenha conhecido Oliveira, fiquei surpreso ao vê-lo na televisão, anos mais tarde, como comandante militar das FAPLA num sector no sul de Angola!

Um facto interessante é que nem mesmo o MPLA nos considerava realmente mercenários, apenas usavam como propaganda, pois os meus colegas capturados não foram julgados com os ingleses e americanos e tiveram tratamento mais humano. Além de Remédios, Serra e Oliveira, capturados em Kifangondo, haviam sido capturados anteriormente, na batalha de Caxito, a 7 de Setembro de 1975, os comandos especiais brancos: Quintino, Fernandes e Pereira.

Resumindo, no Kifangondo ficaram no terreno um *Panhard-90*, um *Panhard-60* e um camião *Mercedes* zairense; brancos capturados, 3, todos portugueses.

**Serguei Kolomnin:** qual foi o destino da maioria dos comandos portugueses após o desastre do Kifangondo? Portugal? África do Sul?

**Pedro Marangoni:** como já disse, o coronel Santos e Castro voltou para a Europa. Outros foram-se embora depois que abandonámos a luta, em Fevereiro de 1976, alguns continuaram a luta. Por exemplo,

o meu colega, a quem chamávamos “Passarão”. Tomei conhecimento de que ele retornou do Zaire e continuou a combater sozinho (ele havia nascido lá, era um africano branco a quem negavam a pátria), fazendo emboscadas contra os cubanos, formou e comandou um pequeno grupo, actuando na região de Ambriz, até que, em Outubro de 1977, sofreu queimaduras graves com o mosquiteiro que pegou fogo e agonizou por duas semanas até morrer. Foi enterrado pelos africanos na mata perto da Fazenda Loge, na região de Ambriz.

Após Angola, os comandos portugueses voltaram para a Rodésia, alguns para o Brasil, buscando uma pátria nova, e outros para Portugal, país em que alguns nunca haviam estado, africanos brancos de várias gerações e que foram muito discriminados pelos portugueses na Europa.

**Serguei Kolomnin:** é do conhecimento geral que atacando contra Kifangondo a FNLA e os zairenses foram apoiados pela artilharia de longo alcance sul-africana. O que poderia dizer a este respeito?

**Pedro Marangoni:** as peças 140-mm G-2 sul-africanas chegaram ao Morro da Cal na tarde do dia 9 e começaram o fogo de barragem no dia 10, por volta das 5h00; foram diminuindo a intensidade do fogo até cessar de vez, não sei precisar o momento. Segundo o coronel Santos e Castro, que me informou pessoalmente, às 16h30 (4h30 pm), os sul-africanos retiraram-se do local com todo o material, sem autorização ou sem comunicar a ninguém. Os sul-africanos fugiram durante o combate. Após Caxito, abandonaram os obuses sem as culatras e foram resgatados em Ambriz, já à noite, por um helicóptero. Fugiram então para um barco na costa de Ambriz, levando as culatras dos obuses 140-mm G-2. Tudo à revelia da FNLA. Posteriormente, os obuses

foram rebocados pela FNLA, mas, sem poder usá-los, acabaram em Ambrizete como ferro-velho.

**Serguei Kolomnin:** poderia pormenorizar o dispositivo de combate e a composição da FNLA e dos zairenses? Quantos carros *Panhard*, soldados (FNLA e zairenses) e peças de artilharia havia no palco de combate no dia 10 de Novembro perante o último ataque contra Kifangondo?

**Pedro Marangoni:** números aproximados.

Artilharia: Zaire, 1 canhão de 130-mm; África do Sul, 3 obuses de 140-mm; FNLA alguns morteiros de 120-mm.

Cavalaria: Comandos Especiais, 1 *Panhard-90* (destruído), 2 *Panbards-60* (um destruído e um avariado), 1 VTT *Panhard* com um grupo de combate, retornou ileso sem lançar a tropa, um jipe com canhão de 106-mm sem recuo (não participou); Zaire, cerca de 10 jipes com canhão de 106-mm sem recuo (não participaram), uns 15 *Panbards* diversos, nenhum participou do combate, assim que transpuseram a ponte do Panguila descarregaram toda a munição e recuaram. Vários canhões antiaéreos de 20-mm montados em jipes (não participaram).

Infantaria: Comandos, dos 154, cerca de 80 participaram no combate, apenas uns 10 cruzaram a ponte do Panguila avançando, os restantes não avançaram, permanecendo antes da ponte; FNLA, cerca de 800 homens (não tenho a certeza, número aproximado), nenhum cruzou a ponte do Panguila; Zaire, um batalhão de infantaria (dizem dois, não sei), uma equipa de engenharia; dois camiões *Mercedes*, carregados de soldados zairenses cruzaram a ponte do Panguila e começaram a morrer sem chance de defesa na primeira curva depois

da ponte. Poucos voltaram, quase todos feridos. Um dos camiões retornou à noite, após o combate, com alguns homens.

Quando recuei para o Morro da Cal, debaixo de cerrado bombardeio, por volta das 18h00 (6h00 pm) do dia 10, tudo estava completamente deserto e as únicas viaturas eram o jipe do *staff* e o nosso VTT *Panhard*.

Na noite de 11 de Novembro 1975, após a derrota, juntamente com o coronel Santos e Castro, apenas 26 homens ficaram na frente de combate no Morro da Cal, todos comandos especiais, portugueses, entre eles todos os oficiais. Nenhum dos quadros da FNLA. A FNLA, simplesmente, fugiu mato dentro sem comando e os zai-rensens recuaram para o Caxito.

**Serguei Kolomnin:** certas fontes históricas (livros, recordações) mencionam os três aviões da FA sul-africana *Buccanir* a bombardear as posições FAPLA/cubanos na manhã do dia 10 de Novembro. Do outro lado, o general Xavier diz o seguinte: “as FAPLA estavam à espera de uma investida maior no dia 10 de Novembro de 1975. O relógio indicava 5h00 quando dois aviões se fizeram aos céus, flagelando as posições das FAPLA no morro de Kifangondo. A primeira impressão é que fomos bombardeados pela aviação, mas não. Eram voos de reconhecimento que iam verificar os acessos, principalmente o estado das pontes...” E acrescenta: “Eram avionetas de reconhecimento, que partiam da pista do Ambriz ou de pequenas pistas em fazendas como a Martins de Almeida”.

Como poderia comentar estas palavras do veterano das FAPLA? Eram bombardeiros da África do Sul ou avionetas de reconhecimento FNLA? Havia realmente aviação sul-africana envolvida nessa batalha?

**Pedro Marangoni:** aviões? Isto é muito interessante, confirmo as palavras do general Xavier, eram apenas dois aviões nossos, convencionais, civis, de observação, decolados de Ambriz, mas já era dia claro. Os primeiros tiros dos 140 sul-africanos foram em Luanda e depois foram recuando o alcance para atingir Kifangondo, coincidindo com a passagem dos aviões, o que para leigos poderia ser tomado por um bombardeio aéreo.

Mistério: realmente, por volta das 5h00 ouvi um ruído semelhante a jactos de combate em grande altitude e depois três explosões surdas, não, mais abafadas, entre o morro de Kifangondo e Luanda. Aviões ou uma experiência de tiro com canhões de uma fragata sul-africana que estava ao largo, com alcance suficiente para atingir o local? Isto é apenas uma conjectura minha, sem informações. Nem o coronel Santos e Castro ou o major Alves Cardoso foram comunicados de ajuda de aviões ou marinha sul-africana. Se houve uma tentativa, não foi além, talvez devido à dificuldade de execução (proximidade das forças oponentes no terreno).

**Serguei Kolomin:** no seu livro *A Opção pela Espada* há um mapa bastante pormenorizada e bem claro das posições FNLA/zaienses-FAPLA/cubanos no Kifangondo. Mesmo com o número exacto das peças e obuses (1 canhão de 130-mm zairense, 3 obuses de 140-mm sul-africanos, FNLA, etc.) Você indicou os quatro BM-21 nas posições FAPLA/cubanos por acaso ou tinha informação mais ou menos exacta? Muitas fontes dizem que eram seis ou até mais. Conforme os meus dados, eram quatro os BM-21 que chegaram ao Kifangondo na véspera do dia 10 de Novembro. Como poderia comentar isso?

O que poderá dizer a respeito do mapa da batalha exposta na edição “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986”?

**Pedro Marangoni:** o mapa de Kifangondo exposto nas edições “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986” é um documento valioso. Aparentemente, as posições das FAPLA/cubanos estão próximas daquilo que imaginei. Existe, no índice, um símbolo para ponte destruída para impedir o avanço inimigo! Novamente, a insistência das pontes destruídas e note-se que, estranhamente, não se acha no terreno tal símbolo, apenas no índice. As menções de mercenários referem-se ao nosso grupo, pois os mercenários de Callan só chegariam mais tarde. As nossas posições e rota de ataque e posterior retirada estão correctas, apenas não existem datas. Nota-se que colocam correctamente o nosso grupo na vanguarda e a FNLA na nossa retaguarda. Com excepção do símbolo ponte destruída e do suposto bombardeamento da aviação, parece-me um mapa honesto.

O meu mapa foi feito de memória, sem escala e sem consulta a um mapa real do terreno; é apenas o que visualizei no decorrer do combate. O lado da FNLA/Zaire/Comandos é exacto; do lado inimigo são as minhas conjecturas. O número e localização de canhões anticarro por informação do tenente Paes na primeira investida; o número de BM-21 calculei pela sequência de lançamento, quando caíram em maior intensidade, pela concentração das explosões; apenas uma hipótese que agora me parece acertada. Observação: no meu livro, *Órgãos de Staline*, juntamente com “monacaxito” era a terminologia genérica que dávamos a qualquer míssil 122, de lançador simples ou não, sem significar BM-21.

Encontrei mais fotos que tem mais relação com Kifangondo, fotos nunca publicadas, em mau estado, mas importantes, e autorizo a publicação no site dos veteranos russos. Foram-me dadas pelo autor, Azevedo, tripulante, que escapou do *Panbard-60* cujos dois tripulantes foram capturados em Kifangondo. Mostram a chegada da artilharia sul-africana ao Morro da Cal. Ao lado, uma torre de madeira, marco geodésico que marcava a nossa posição ao inimigo e que ninguém se preocupou em derrubar e também as nossas três viaturas *Panbard*, estacionadas no abrigo onde passámos a noite antes do combate.

Outra foto mostra a *Panbard-90* do tenente Paes, pronta para descer ao Panguila, com a flamula onde se lia «Ouso»! As fotos coloridas mostram no jipe, após a conquista de Quicabo, o comando Remédios, que foi capturado em Kifangondo, com a sua M-79, que o general Xavier relata estar no museu em Luanda.

A outra é da “Força Aérea da FNLA”, logo após o meu bombardeio, junto com Rabelo, um piloto civil, contra a emissora oficial em Luanda. Os homens com tarja preta são os técnicos em explosivos, uma equipa de muito valor, que preparara as cargas que lancei.

Como conclusão, queria dizer o seguinte: publicando estas fotos e os meus depoimentos [Veteranangola.ru](http://Veteranangola.ru) está a contribuir não só para a reconstrução da verdadeira história militar de Angola, como também para alertar sobre injustiças de cunho social, discriminatório por parte de europeus e africanos e que devem ser conhecidas pelo menos como uma homenagem e retratação das vítimas.

A bem da história militar, será um mapa incomum, feito em conjunto pelos dois lados opostos envolvidos. Creio que é uma oportunidade de mostrar ao mundo que militares em confronto são profissionais em trabalho, não inimigos pessoais.





## COLEÇÕES

**MAYAMBA KUNYONGA** Significa, em Còkwe, pensar. É a coleção destinada a publicar textos da área das Ciências Sociais e Humanas.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA HISTÓRIA** Textos de ensaio na área da História.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA SAÚDE** Obras na área da pesquisa das Ciências Médicas e afins, fazem parte desta coleção.

**MAYAMBA BIBLIOTECA DA AGRICULTURA** Coleção dedicada às Ciências Agrárias e áreas conexas.

**MAYAMBA DIREITO** Obras das áreas das Ciências Jurídicas e do Direito enquanto tal.

**MAYAMBA ECONOMIA** Coleção destinada a publicar textos da área das Ciências Económicas.

**MAYAMBA BILÍNGUE** Coleção em que se inserem textos bilingues. Visa incentivar a produção de livros em línguas angolanas, com vista a sua valorização, uso e promoção.

**MAYAMBA DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS** coleção em que são publicados dicionários e enciclopédias.

**MAYAMBA ESCOLAR/EDUCAÇÃO** Coleção disponível para acolher manuais escolares, livros científicos de diversa natureza e textos complementares de apoio ao Ensino Geral e Universitário.

**MAYAMBA NZADI** Textos de ficção narrativa, incluindo a crónica, a poesia e o texto dramático. Nzadi significa rio em Kikongo; traduz a corrente e a torrente imparável do imaginário e da criatividade humana e, em particular, a angolana.

**MAYAMBA OMÔLA-UMALEHE** Livros infanto-juvenis. Omôla e Umalehe, são termos da língua Umbundu, que significam criança e jovem.

**MAYAMBA NSIKU** É a coleção que acolhe as obras da área da Legislação, tais como a Lei Geral do Trabalho, a Constituição da República, os Códigos Civil e do processo Civil, entre outras. Nsiku significa Lei/Legislação, em Kikongo.